COLLECTION: KILLSWITCH ENGAGE | PLAYLIST: JOÃO GORDO (RATOS DE PORÃO) | BACKGROUND: CATRUALHA DO ESPAÇO

Clube da Revista

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

DREAM THEATER

BONS NOVOS TEMPOS

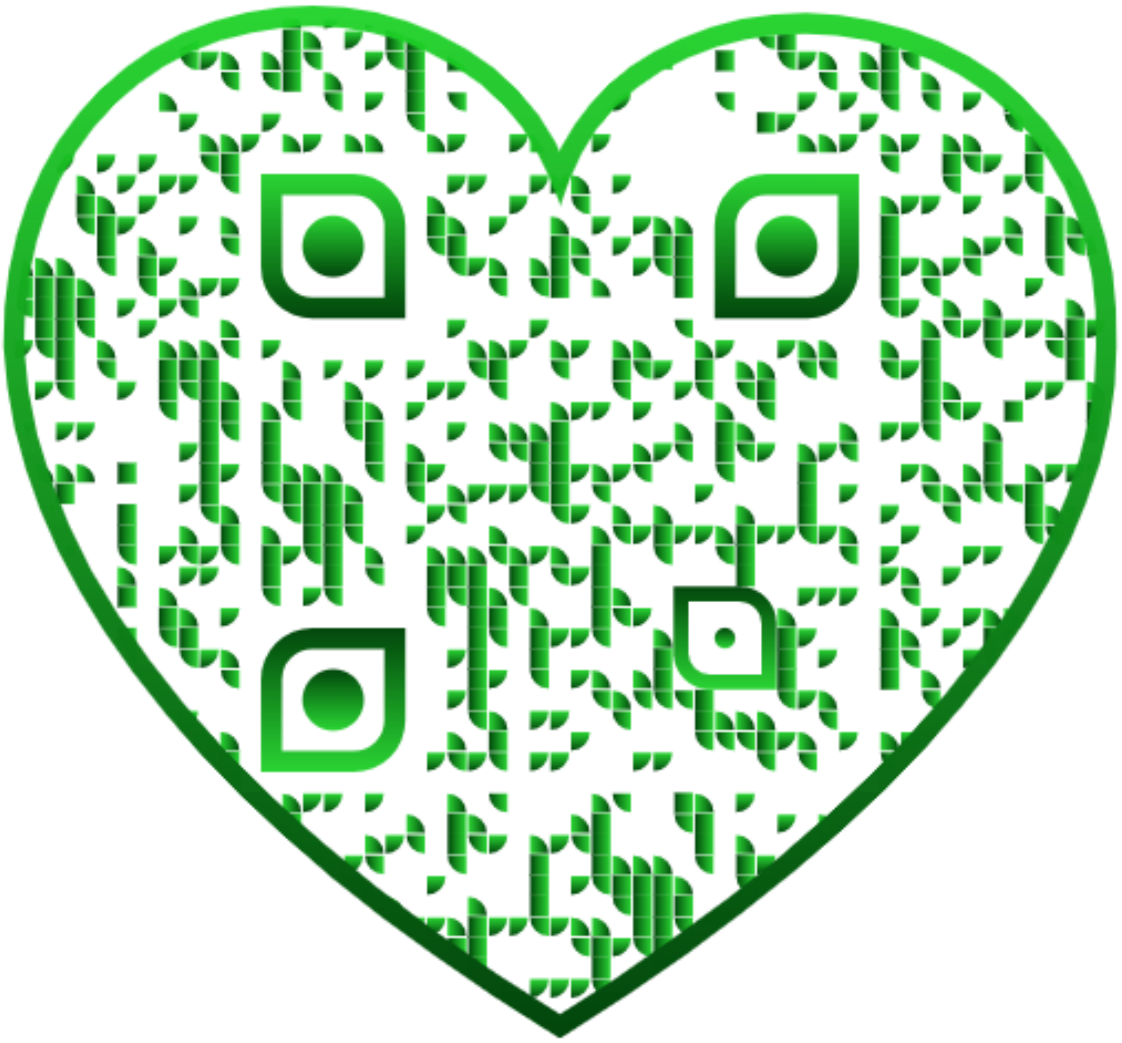
JAMES LABRIE EXPLICA A RETOMADA DA AMIZADE PARA A VOLTA DE MIKE PORTNOY

POWERWOLF

HUMOR E MAGIA DE VOLTA!

ENTREVISTAS

CAVALERA | EVERGREY | RAGE
THERION | DRAGONFORCE | DAATH
MY DYING BRIDE | SIX FEET UNDER
ZAKK SABBATH | TUATHA DE DANANN



Clube de Revistas

Clube de Revistas

AGENDA OVERLOAD

11 SET — **THERION**
CARIOCA CLUB

13 SET — **CIRCUS MAXIMUS**
HANGAR 110

12 OUT — **WARDRUNA**
TERRA SP

15 NOV — **KATATONIA**
CARIOCA CLUB

06 DEZ — **INSOMNIUM**
CARIOCA CLUB

PONTO DE VENDA **BILHETERIA DO CARIOCA CLUB**
VENDA ONLINE **CLUBEDOINGRESSO.COM**

VISITE TAMBÉM **LOJA.OVERLOAD.COM.BR**
MERCHANDISING OFICIAL • CDS • LIVROS

Clube de Revistas

ÍNDICE

06 CENÁRIO
16 COLLECTION
Killswitch Engage
18 DREAM THEATER
24 PLAYLIST
João Gordo (Ratos de Porão)
26 POWERWOLF
30 CAVALERA
34 DRAGONFORCE
38 MY DYING BRIDE
40 CLASSICREW
Deep Purple, W.A.S.P., Savatage e Edguy
42 HIDDEN TRACKS
L'Esprit Du Clan
44 EVERGREY
48 RELEASES
51 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Cavalera - Schizophrenia
58 RAGE
60 BLIND EAR
Ben Hur (Electric Mob)
62 THERION
66 SIX FEET UNDER
68 BACKGROUND
Patrulha do Espaço (Parte 1)
72 DAATH
74 ZAKK SABBATH
76 ETERNAL IDOLS
James Kottak (Scorpions)
78 TUATHA DE DANANN
82 PROFILE
Luiz Cardim (Hammerhead Blues)

FOTOS:
Dream Theater: Denis Ono (James LaBrie, John Petrucci e John Myung) Marcos Hermes (Jordan Rudess e Mike Portnoy)
Powerwolf: VDPictures

BEHIND THE STAGE

O "Behind the Stage" da última edição, com Rob Halford na capa, começava assim: "Ninguém fica indiferente ao Judas Priest." Pois a mesma frase pode ser tranquilamente aplicada ao Dream Theater. Prestes a completar 40 anos de estrada, a banda americana que divide opiniões entre os fãs de heavy metal, dá de ombros ao detratores e continua mais na ativa do que nunca, preparando disco novo e com a comemoradíssima volta do batera Mike Portnoy às suas fileiras. Claro que isso foi motivo mais do que suficiente para estamparmos a banda na capa desta edição. A entrevista foi com o vocalista James LaBrie, que falou sobre a volta de Portnoy e sobre a relação do Dream Theater com o Brasil, para onde voltam em dezembro para quatro apresentações. "Lembro-me que estávamos meio que cientes de que tínhamos muitos fãs no Brasil, só que, mesmo com isso em mente, nós fomos arrebatados quando chegamos no seu país", lembrou ele em conversa com o redator Daniel Dutra.

Esta edição ainda destaca o Cavalera Conspiracy, na esteira das regravações dos três primeiros discos do Sepultura. Na entrevista, Max Cavalera explicou a essência da ideia: "Não precisamos mexer nas músicas (...), a gente só precisava tocá-las melhor e gravá-las melhor."

Outro destaque é o papo com Christofer Johnsson, guitarrista do Therion, que falou não só sobre o mais novo disco como também sobre a posicionamento da banda no mercado musical.

O Dragonforce também é uma das bandas entrevistadas. O guitarrista Herman Li War contou detalhes do mais recente trabalho, *Warp Speed Warriors*, e sobre um "parody album", com versões divertidas de temas de outros artistas, que a banda está preparando.

E você ainda vai ler entrevistas com Tuatha de Danann, Rage, Therion, Six Feet Under, Powerwolf, Evergrey e Zakk Wylde, que falou sobre seu mais novo projeto, Zakk Sabbath, com o qual se apresentou recentemente no Brasil.

Nas seções, temos a discografia do Killswitch Engage dissecada no Collection, o ex-baterista do Scorpions James Kottak é lembrado no Eternal Idols, João Gordo conta várias histórias interessantes no Playlist, o primeiro capítulo do Background com um dos grupos mais importantes e influentes do rock nacional, a Patrulha do Espaço, Mastodon e Arch Enemy, ou seja, nomes de peso nos pôsteres e quatro bandas clássicas no ClassiCrew: Deep Purple (que acaba de lançar disco novo, também resenhado nesta edição), W.A.S.P., Savatage e Edguy. Vá fundo porque é diversão garantida!

Antonio Carlos Monteiro

ROADIE CREW

EDIÇÃO #281
JUL-AGO/2024
ANO 27

EDITOR
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

EDITOR ONLINE
Luiz Tosi - luiz.tosi@roadiecrew.com

CONSELHO
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com

EDITOR DE ARTE
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

REDAÇÃO
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com
Daniel Dutra - daniel.dutra@roadiecrew.com
Guilherme Spiazzi - guilherme@roadiecrew.com

COLABORADORES
Alessandro Bonassoli, Daniel Agapito, Écio Souza Diniz, Gustavo Maiato, Heverton Souza, Ivanei Salgado, Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Marcelo Vasco, Matheus Vieira e Valtemir Amler

FOTÓGRAFOS
André Simões dos Santos, Belmilson dos Santos, Elvis Rafael Andrade, Leonardo Palma Benaci e Roberto Sant'Anna

COLABORADORES NO EXTERIOR
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES
Maria Diniz - assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 96380-2917

PUBLICIDADE
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS
RAC Mídia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com
Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: @roadiecrewmag
YouTube: www.youtube.com/roadiecrewmagtv

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 96380-2917

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

Clube de Revistas

SOUND CITY RECORDS
SOUNDCITYREC

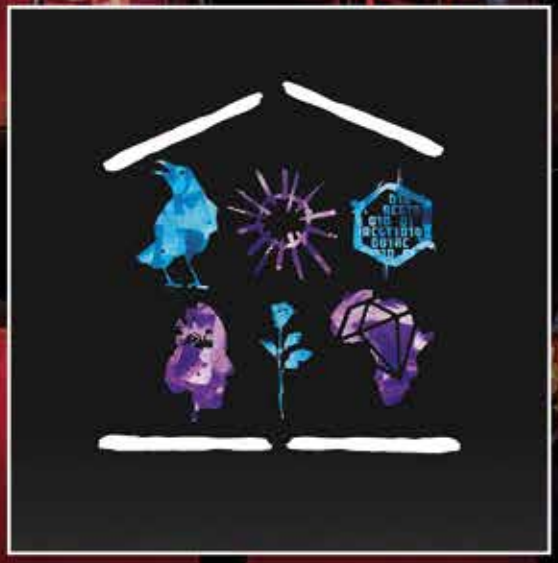
Valhall Music

EDEL
e·a·r MUSIC
EAR-MUSIC.NET

DEEP PURPLE

=1

Novo álbum altamente aguardado de uma das maiores bandas de hard rock de todos os tempos! Este disco capta o som clássico pioneiro da banda sem depender de nostalgia, incorporando a essência e a atitude da sua encarnação dos anos 70.



MARILLION

AN HOUR BEFORE IT'S DARK LIVE

O Marillion apresenta seu último álbum 'An Hour Before It's Dark' na integra. Os seus impressionantes shows ao vivo, com projecções impressionantes e efeitos laser, contribuem para a reputação do Marillion como sendo um dos principais artistas da atualidade.

GAMMA RAY
SIGN NO MORE

GAMMA RAY
INSANITY AND GENIUS

GAMMA RAY
LAND OF THE FREE

TARJA
WHAT LIES BENEATH

ADQUIRA EM

VALHALLMUSIC
VALHALL_MUSIC

www.valhallmusic.com.br

www.pduartedesign.com

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!

GLORIA PERPETUA
A ESCURIDÃO QUE HABITA EM NÓS

Unindo o talento de três músicos já bastante experientes no cenário da música pesada nacional com um grupo de convidados de peso, *The Darkside We Wanna Hide*, álbum de estreia da Gloria Perpetua, já pode ser considerado um dos destaques do power metal em 2024. O que mais surpreende nisso tudo é imaginar que estamos falando de uma banda que ainda é praticamente 'recém-nascida', já que foi no ano passado que o trio deu os primeiros passos e lançou seus primeiros singles, e agora já aparece com um álbum completo e contrato com a Shinigami Records, um belo passo para um grupo iniciante. Para saber mais sobre tudo o que está acontecendo e o que ainda deverá acontecer com a banda, falamos com o baixista Daniel Fuchshuber.

Célio Ferreira

Daniel Fuchshuber: a mente por trás do Gloria Perpetua

Embora a Gloria Perpetua seja uma banda nova, todos vocês já têm experiência na música, inclusive com álbuns lançados. Podem nos falar um pouco sobre a experiência anterior de cada integrante?

Daniel Fuchshuber: A Gloria Perpetua é um projeto que reúne integrantes de outras bandas, alguns já renomados e outros batalhando por reconhecimento. Eu toquei vários estilos do rock e posso destacar Lord Byron (1997-2005) e Necroskinner (desde 2005). Raphael Dantas já tem passagem por várias bandas e participações, tendo a Ego Absence como sua banda principal. O mesmo podemos dizer sobre a trajetória do Bruno Luiz que atualmente também toca nas excelentes bandas The Heathen Scythe e Command6. Os convidados especiais todos têm suas bandas.

Dado o que falamos antes, o que os motivou a unirem forças em uma nova banda e recomeçar tudo do zero?

Daniel: Vejo a GP como um 'Projeto Vitrine' para novos talentos que, através da mistura de experiências com músicos renomados, entrega como produto um metal de altíssima qualidade com inclusão. Os principais nomes da cena estarão por aqui em algum momento – assim espero.

Lembram qual foi a primeira música que compuseram já como Gloria Perpetua? Como ela cimentou o caráter musical da banda para que seguissem no processo?

Daniel: Eu compus 80% do disco e os outros 20% são músicas da Lord Byron, compostas pelo meu amigo de longa data Rogério Byron. É justo dizer que as músicas compostas por mim foram levadas a outro nível com a produção de Bruno Luiz e Raphael Dantas, além da identidade musical de cada envolvido. *Have You Forsaken the Cross?* foi a primeira composta e produzida por nós e certamente mantivemos a coerência nas demais a partir dela.

Diferente do usual, vocês optaram por não lançar um EP de estreia, apenas uma série de singles e então um álbum completo. Existe uma razão específica para isso?

Daniel: Não foi propositalmente. A Shinigami lançou o álbum físico e em seguida assinamos com a Rockshots Rec. Para o lançamento global, exceto Brasil, a estratégia da gravadora foi de cascatear singles até o lançamento ocorrer em 1º. de novembro deste ano.

***The Darkness We Wanna Hide* foi o título escolhido para o álbum de estreia, e ele é bem sugestivo. Você diria que ele, de certa forma, conecta todo o conteúdo do álbum? Qual é a história por trás desse título?**

Daniel: A dualidade de nós, seres humanos, sempre me intrigou. Podemos ser bons ou maus, explorar mais um lado que outro. Alguns são mais transparentes, outros escondem isso muito bem, mas no final todos temos os dois lados. O título traz este assunto à tona, bem como a maior parte das letras do álbum.

Musicalmente, o álbum parece mostrar uma forte raiz power metal, mas revela ainda a presença de vários outros gêneros musicais. Como trabalham essa fusão, e de onde diriam que ela deriva?

Daniel: Por se tratar de um projeto, me sinto livre para arriscar e deixar todas as minhas influências virem à tona sem pressão. Isso também vem da química entre nós e do fato que dentro do rock somos bem ecléticos, escutamos de progressivo doa anos 70 a death metal, além das referências naturais aos estilos dos músicos convidados.

Talvez a maior conquista do disco de estreia seja a sua homogeneidade. Além de soar como um verdadeiro álbum e não apenas um agregado de singles, a qualidade é constante do início ao fim. Houve uma espécie de controle sobre o processo criativo para garantir essa sensação?

Daniel: Sem dúvida. Os melhores álbuns são aqueles que escutamos do início ao fim e que fazemos isso como uma obra única, fica difícil parar de escutar no meio. Eu sempre quis isso para todos os meus projetos e é a minha prioridade. Se não me agradar 110%, não estará na playlist de vocês.

Claro que existem algumas faixas que gostaria de conhecer melhor, então peço que falem um pouco sobre *The Architect*. Como foi o processo de composição e gravação dela?

Daniel: *The Architect* aborda o efeito dominó da vida e como tudo é perfeito e se conecta. Seja através do puro caos ou de um deus, dos deuses do Olimpo ou de extraterrestres, não importa, a intercessão é que tudo está conectado e harmonizado, pelo menos estava até começarmos a destruição. Essa música foi composta por mim, melhorada pelo Bruno Luiz e traz uma das vozes mais bonitas do mundo, Vitor Veiga (Endless/Aquaria), com solo do Timo Tolkki. Como todo o álbum, ela foi gravada a distância em formato colab.

***The Rape of Gaia* é outra que chama atenção, e parece ter um tema bem em voga nos nossos dias. O que pode falar sobre ela?**

Daniel: *The Rape of Gaia* eu tinha o riff de baixo da introdução e não conseguia encaixar em lugar algum, então decidi fazer uma música a partir dele. A temática é a forma como tratamos a natureza e como ela é capaz de ativar seus 'anticorpos' contra nós para nos lembrar do seu poder. Raphael Dantas caprichou nas orquestrações e na bateria veloz, Guilherme Hirose também se dedicou bastante e trabalhou ativamente na mix. E o Brunão mais uma vez manteve o peso necessário.

Houve uma razão especial para revisitarem *The Way of a Warrior*, da Lord Byron?

Daniel: *The Way of a Warrior* e *The Key of Life* foram compostas pelo meu irmão Rogério Byron e gravadas em 2003, acho essas músicas muito boas para se perderem com o tempo, então ressuscitei ambas, mas com uma produção século XXI (risos).

Dado que a banda parece trabalhar em ritmo acelerado, o que podemos esperar nos próximos meses?

Daniel: Em agosto o álbum será lançado fisicamente no restante do mundo, em novembro estará disponível nas plataformas. Já estamos trabalhando em um formato para shows e em breve estaremos na ativa. Nosso segundo álbum já está pré-produzido e quem curtiu o primeiro vai amar o segundo.

Valtemir Amler

Clube de Revistas

KALEDONIA

UMA NOVA ERA SEM PERDER O PASSADO DE VISTA

Dez anos após se lançar com a banda Addicted to Pain, o vocalista, tecladista e compositor JP Pretti ressurge com sua nova banda, Kaledonia, completado pelos experientes Bruno Luiz (guitarra), Fernando Giovannetti (baixo) e Marcus Dotta (bateria) e que está lançando o álbum de estreia, *Far Beyond the Light*. Este disco de alto nível, moldado por heavy/power metal, hard rock e pop, é composto por músicas completamente novas e outras que remontam a fases anteriores da vida de Pretti. Na entrevista a seguir, o músico compartilha 'insights' sobre como o passado influencia seu trabalho atual, a escolha dos músicos convidados para o álbum e o impacto da tecnologia e da informação em nossa vida cotidiana.

Divulgação

Fernando Giovannetti, JP Pretti, Marcus Dotta e Bruno Luíz

Há exatos dez anos, você lançou o EP de estreia, *Queen of All Lies* com o Addicted to Pain. O que o levou a ressurgir com uma nova banda em vez de dar continuidade ao Addicted to Pain, especialmente considerando que 50% daquela formação, ou seja, você e Marcus Dotta (baterista), integram o Kaledonia?

JP Pretti: Essa é uma ótima pergunta! (risos) O longo intervalo que você mencionou me fez querer começar tudo do zero, especialmente com um novo nome para trazer mais motivação. Infelizmente, lancei o EP em um momento em que eu estava passando por uma série de situações na vida pessoal, o que atrapalhou a continuidade da banda.

Algo curioso é que vocês regravaram *Queen of All Lies*, música que fez parte do EP do Addicted to Pain, e a incluíram em *Far Beyond the Light*. Qual foi a razão de retomar essa composição e usá-la como primeiro single e videoclipe do álbum de estreia do Kaledonia?

JP: Na época, nós lançamos outra música como single, com videoclipe e tudo mais. No entanto, *Queen of All Lies* entrou no videogame Guitar Hero e teve três vezes mais visualizações do que o single! (risos) Quando eu olhava os comentários do público, todo mundo perguntava por que nós não a havíamos lançado como single, já que tinha um refrão mais forte e tal. E realmente tinha! (risos) Por isso, decidimos regravá-la, dessa vez como single.

Sobre o videoclipe de *Queen of All Lies*, dirigido por Léo Liberti (Megadeth, Angra, Dee Snider e outros), devo mencionar que, devido ao contexto lírico e às cenas de vida dupla da personagem, ele me remete à história da ex-participante de um famoso reality show da TV, Andressa Urach. Ela, em um período recente da vida, se tornou evangélica, mas atualmente atua como atriz de filmes pornôs. Além disso, a atriz do vídeo lembra a própria Urach. Essa minha percepção se trata de mera coincidência com o enredo do clipe, ou, de fato, houve tal inspiração?

JP: O contexto da letra tem a ver com o que eu passei em um relacionamento há alguns anos, com esse lance de mentiras e quase uma vida dupla (risos). Então, eu quis que a história seguisse mais ou menos essa linha. Mas, respondendo à sua pergunta de maneira direta, foi coincidência.

***Far Beyond the Light* reúne faixas que refletem momentos distintos de sua vida. Falemos da balada *Starless Sky*, que você compôs com apenas 16 anos. Considerando sua inexperiência na época, você reestruturou a música para o álbum ou o que ouvimos é fiel à criação original? O que o motivou a desengavetá-la e incluí-la no disco?**

JP: Tirando a letra, que eu refiz do zero há alguns anos, tudo o que você ouve é bem fiel ao que eu compus. É claro que o tempo me trouxe mais experiência e maturidade para compor, mas eu tenho um carinho especial por essa música. Depois de *Far Beyond the Light*, é a música de que mais gosto. Por isso, resolvi incluí-la no álbum.

Em relação ao conceito lírico da faixa-título, vocês mencionam que a metáfora da ausência de luz refere-se à ausência de sabedoria em plena era da informação na palma da mão. Qual é a sua opinião sobre esse avanço agressivo da tecnologia e da informação, que, ao mesmo tempo em que é benéfico para o ser humano, também 'fecha o cerco' para, por exemplo, pessoas menos instruídas e/ou mais idosas?

JP: A tecnologia tem ajudado bastante, principalmente nas áreas de ciência e de saúde, mas, na minha opinião, não tanto no relacionamento entre duas pessoas. Por causa das redes sociais, as pessoas têm mais coragem de dizer coisas que não diriam pessoalmente, além de criar fake news e propagar ódio gratuito. Esse é o ponto que eu levanto: apesar de estarmos cercados de notícias e informações por todos os lados, ainda somos facilmente manipulados. É a contradição em plena era da informação.

Muitos músicos descartam músicas 'envelhecidas' dos shows ou na hora de gravar material inédito, argumentando que elas não mais condizem com suas ideias ou influências atuais. Você seguiu o caminho inverso. Foi uma questão de inquietude ter que gravar músicas que refletem períodos diversos de sua vida, ou essas composições realmente ainda fazem sentido para você?

JP: As duas coisas. Eu compus muita coisa nesse intervalo de dez anos que você mencionou, mas já tinha composições anteriores também. Já tenho um novo disco composto também. Então, quis fazer um apanhado de tudo que compus, e ainda ficaram várias músicas que quero gravar nesse próximo álbum.

Sobre seu estilo de cantar, mesmo nas partes mais heavy metal das músicas, sua abordagem foge do convencional, que geralmente inclui agudos, e se destaca pelos timbres limpos e não menos poderosos. Fale dessa sua característica vocal e de suas inspirações como vocalista. Imagino que o hard rock tenha desempenhado um papel significativo na sua formação, até porque há muito do gênero e até do pop nas músicas e em várias linhas vocais ao longo de *Far Beyond the Light*.

JP: Eu escuto muita coisa, dentro e fora do heavy metal. Provavelmente está aí essa influência fora do convencional. O fato de cantar em regiões não tão agudas me destaca da maioria dos vocalistas da cena, o que é bom – é esse o feedback que eu tenho recebido. Quanto às minhas influências, eu diria que são mais como compositores do que como vocalistas, que são Andi Deris, Tobias Sammet e Edu Falaschi.

Além de uma possível amizade entre você, Leandro Caçoilo (Viper) e Tito Falaschi, houve alguma razão específica para escolhê-los como convidados de *Far Beyond the Light*?

JP: Eu precisava de alguém com a voz bem agressiva para interpretar os primeiros versos de *Far Beyond the Light*. E ninguém melhor que Leandro Caçoilo para isso. O cara parece um leão cantando! (risos) Já Tito Falaschi me ajudou na pré-produção do álbum, então fez bastante sentido tê-lo tocando em algumas das músicas também.

Leandro Nogueira Coppi

Clube de Revistas

ROYAL RAGE

EVOLVE, HISTÓRIAS REAIS E FUTURO DISTÓPICO

Após alguns anos de trabalho e uma série de desafios, o Royal Rage finalmente lançou *Evolve*. Neste segundo álbum, a banda paranaense de thrash metal explora um futuro distópico e figuras históricas marcantes, como Lampião e Gengis Khan, refletindo não apenas a complexidade das temáticas abordadas, mas também a resiliência da banda. Na entrevista a seguir, o vocalista e guitarrista Pedro Ferreira compartilha os percalços no processo de criação e comenta a abordagem lírica de *Evolve*. Com uma turnê europeia prevista para o final do ano, a banda se prepara para uma série de shows especiais ao lado do Orphaned Land após o adiamento do festival Motorcultor devido às tensões internacionais envolvendo Israel e a Palestina.

Odair Soares

Royal Rage embarcará pela Europa no final do ano para promover *Evolve*, novo álbum da banda

Evolve estava sendo trabalhado há pelo menos quatro anos. Embora a intenção fosse lançá-lo no início de 2023, o álbum só foi lançado em junho de 2024. Além da reformulação no line-up, o que causou essa demora?

Pedro Ferreira: É difícil listar todos os problemas, mas a pandemia foi uma grande responsável por isso. Membros da banda tiveram que lidar com perdas de pessoas próximas durante a covid-19, e preferimos dar uma freada no ritmo das atividades. Quando tudo voltou ao normal, o álbum já tinha sofrido muitas alterações e adições, e tivemos que dar alguns passos para trás para entender o panorama e montar as peças do novo disco.

Voltando para 2022, vocês divulgaram o britânico Russ Russell (Napalm Death, Dimmu Borgir, The Haunted, The Exploited e At the Gates) como produtor de _Evolve_. No entanto, você acabou assumindo sozinho a função, enquanto a mixagem ficou a cargo do experiente Adair Daufembach. O que levou à mudança de planos na parte técnica do álbum?

Pedro: Além do nosso atraso na entrega do material, recebemos a triste notícia de que Russel não poderia mais nos atender devido a um problema de saúde e, consequentemente, uma cirurgia. Na época, ele não deu muitos detalhes, já que é um cara mais reservado, mas nos deu liberdade de procurarmos outro produtor caso estivéssemos com pressa. O Adair era conhecido do Sol (Perez, guitarrista), e decidimos conversar com ele para verificar a viabilidade de trabalharmos juntos.

Vocês mencionam que, em termos líricos, _Evolve_ aborda um futuro distópico, em que os seres humanos perderam sua essência e são subjugados por máquinas. Nesse contexto, vocês tecem críticas sociais e fazem um alerta para aqueles que estão cada vez mais imersos no mundo digital, abusando das redes sociais e do uso do celular. Esses são assuntos realmente preocupantes. Qual tipo de alerta é transmitido ao ouvinte em _Evolve_?

Pedro: Você está no controle, não se esqueça disso. Por vezes, me pegava com o celular na mão, rolando o feed sem parar e negligenciando meus deveres e até minha família. Eu me afundava nesse ciclo de 'só mais um vídeo'. Quando percebi o que estava acontecendo, foi um choque. Não é isso que quero para mim, não quero que minha família lembre de mim assim. Mas a mudança é árdua. Descobri que não é difícil nos tornarmos, literalmente, viciados em celular pela liberação rápida de dopamina que ele proporciona. Preciso constantemente me lembrar disso e lutar contra. Todos os dias, tenho que lembrar que sou eu quem está no controle, e não o inverso.

Há algumas músicas no disco que fogem completamente dessa temática. Uma delas é _Lampião_, sobre o controverso cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva. Qual sua opinião sobre esse personagem da história do Brasil, que é considerado herói por muitos e criminoso por outros?

Pedro: O mundo nunca foi, nem nunca será, preto no branco a ponto de separarmos vilões e mocinhos. Lampião foi uma figura fundamental para o Nordeste, pelo menos segundo o que estudei. Ele fez o certo pelo errado, trouxe a atenção do mundo todo para uma região abandonada pelo governo. Sem dúvida, o que me atraiu na história de Virgulino foi essa dubiedade.

A ideia de incluir no álbum uma música com ritmos regionais, como o baião, surgiu antes da definição da temática, ou foi a decisão de abordar Lampião que levou vocês a incorporarem elementos sonoros do Nordeste?

Pedro: Foi uma adaptação que fizemos para representar melhor o tema da letra. A música começou a ser escrita a partir do riff do solo, e só depois a letra foi encaixada. O Tiago (Rodrigues, baterista) achou interessante incrementar a música com as levadas de baião. É aquele laboratório em que misturamos centenas de ingredientes e nunca sabemos ao certo qual será o resultado.

Outra figura histórica também é abordada no álbum. Como surgiu a ideia da música _Khan_, que é sobre a história do imperador mongol Gengis Khan?

Pedro: Essa música surgiu enquanto eu assistia ao seriado Marco Polo. O flagelo de Deus, o imperador impiedoso... Isso chamou minha atenção. Não me concentrei tanto na história em si, mas escrevi a letra como se fosse o conselheiro do imperador, dando-lhe instruções. Coisas como: 'Estamos escrevendo uma nova página', 'Reine com raiva e fúria', 'A coroa é pesada'... o imperador deve ter recebido esse tipo de conselho.

Vocês promoverão o álbum _Evolve_ na Europa entre novembro e dezembro, acompanhados pelos israelenses do Orphaned Land, com quem tocarão em várias datas do festival francês itinerante Motorcultor. Estão preparando algo especial para esses shows? Inicialmente, o festival estava previsto para janeiro. O que aconteceu para ter sido adiado para o final do ano?

Pedro: Sim! Estamos preparando um show especial para essa turnê. Não posso dar detalhes, não quero estragar as surpresas, mas estamos dando tudo de nós por essa tour. Infelizmente, a turnê foi adiada devido ao conflito entre Israel e Palestina. O tour manager preferiu adiar para garantir a segurança de todos. As coisas estavam muita tensas na Europa, e acredito que foi a melhor decisão. Isso nos deu mais tempo para nos prepararmos.

Leandro Nogueira Coppi

Clube de Revistas

LANÇAMENTOS EM CD

Álbuns clássicos já disponíveis em novas edições

+ MUITOS OUTROS!

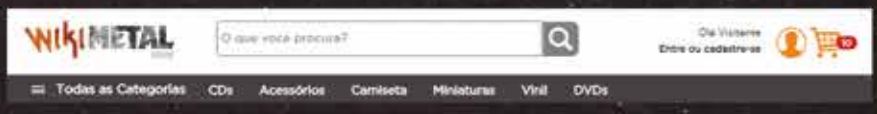
Já disponíveis nas principais lojas,
e online na Wikimetal Store!

wikimetalstore.com.br

WIKIMETAL

Oporto da Música

(vendido por atacado via oportodamusica.com.br)



Clube de Revistas

INNOCENCE LOST
O RETORNO TRIUNFANTE

Formado em 2007 no Rio de Janeiro pela vocalista Mari Torres e pelo tecladista Aloysio Ventura buscando realizar um trabalho autoral sério e profissional, o quinteto Innocence Lost traz em sua sonoridade uma fusão do melhor do power e do prog metal. *Oblivion*, seu mais novo álbum, traz uma jornada conceitual complexa, retratando as profundezas da natureza humana. Confira detalhes do lançamento com Mari Torres, Gui DeLucchi e Ricardo Haquim, três das forças por trás de *Oblivion*.

Alessandra Tolc

Ricardo Haquim, Aloysio Ventura, Mari Torres, Gui DeLucchi e Thiago Alves retornam com um power/prog estonteante

***Oblivion* conta a história do Pecador, acompanhado pelo Guia em sua jornada pelos círculos do inferno. Poderia nos resumir um pouco a história deste ambicioso projeto?**

Gui DeLucchi: *Oblivion* conta a jornada do personagem Sinner (Pecador) em busca de esperança e redenção. Para isso, ele precisará ser julgado no inferno, reviver memórias e enfrentar seus demônios, às vezes metaforicamente e em outras literalmente.

Como diria que obras como 'A Divina Comédia' e 'Paraíso Perdido' influenciaram o novo álbum?

Gui: Ambas servem como pano de fundo para ambientar nossa história. O álbum vai retratando os cantos de 'O Inferno', de Dante, passando pelos ciclos até chegar em *Fallen*, música em que nosso protagonista confronta o próprio Lúcifer, inspirado em 'Paraíso Perdido' de John Milton.

Há algum motivo para a diferença de doze anos entre *Human Reason*, seu primeiro álbum, e *Oblivion*?

Mari Torres: Ihhh, senta que lá vem história! (risos) Seguimos compondo algum tempo depois dos shows de lançamento de *Human Reason*, mas o nosso processo criativo sempre teve um timing mais lento, a banda demorou um pouco para amadurecer e nessa época as ideias em geral surgiam do guitarrista. Tivemos um hiato de três anos, devido às saídas do guitarrista (Juan Carlos) e do baixista (Rodrigo Tardin) por divergências de objetivos. Quando retomamos com o novo time, não vimos sentido em continuar com as composições que estávamos fazendo. Apesar de já ter quantidade suficiente para lançar um álbum, não fazia sentido com o que a Innocence Lost estava se tornando, era outra banda musicalmente e objetivamente falando. Assim, peneiramos as músicas que faziam mais sentido para lançarmos como single, *Wake Up* e *Iris* – na verdade, *Wake Up* já estava pronta para ser lançada desde o show com o Lacuna Coil, mas na época preferimos aguardar mais um pouco e acabamos lançando quando retornamos com o novo time, apesar de ela ter sido gravada pela formação antiga. Já *Iris*, apesar de ser composição com o time antigo, foi finalizada com a entrada do Gui e do Haquim, e com uma pandemia se tornou um pouco mais difícil manter o processo que tínhamos de composição, tivemos que aprender como trabalhar a distância, o que atrasou em alguns sentidos, mas deu tempo para trabalharmos em alguns detalhes também.

Sobre o álbum, Thiago Bianchi, o produtor, comentou: 'Eu acho que o grande desafio desse disco foi descobrir quem é realmente a Innocence Lost.' Diria que realmente descobriu sua sonoridade com *Oblivion*?

Ricardo Haquim: Diria que começamos essa jornada, assim como nosso personagem. Não acho que descobrimos quem somos, acho que descobrimos várias versões da Innocence Lost e do que ela pode se tornar. É uma jornada sem fim, grandes artistas fazem curvas de 180 graus em suas carreiras o tempo todo e isso é normal, e essa possibilidade é umas das maravilhas de se fazer arte.

***When the Light Fades Away*, sétima faixa, conta com a participação do vocalista italiano Mark Basile (DGM) Como foi trabalhar com ele e o que ele agregou na direção final da faixa?**

Gui: *When the Light Fades Away* já foi pensada como um dueto desde a sua composição. Mark tem uma das vozes mais interessantes do estilo, e como grande fã do DGM, fiz o contato e ele foi muito solícito desde o início, curtiu a música e foi superfácil de trabalhar. Ele também é uma pessoa maravilhosa. A voz do Mark e da Mari casaram muito bem, trazendo mais camadas de emoção à música – além de ele ser italiano, o que traz de certa forma uma referência à obra original de Dante.

Seguindo nesta linha, o que diferencia a Innocence Lost de outras bandas do estilo?

Ricardo: A resposta mais curta? Mari Torres. A resposta longa é a fusão dos estilos power e prog. Alguns dizem que tem muito de sinfônico também, que não é algo novo, mas feito com um outro olhar, com outra textura e outro foco. A junção de bons riffs, uma bateria poderosa e lindas melodias e harmonias sempre agrada, mas nós tentamos ir além, contar uma história, passar sensações durante a jornada, convidar o ouvinte a viajar junto com a gente. Espero que tenhamos conseguido.

Já se apresentaram com bandas como Kamelot, Angra, Lacuna Coil e Apocalyptica. Como descreveriam a experiência ao vivo da Innocence Lost?

Mari Torres: Tocar com cada uma dessas bandas trouxe experiência e aprendizados diferentes. A única coisa que foi igual em todos os shows foi a recepção do público, fomos muito bem recebidos pela plateia em todos eles e isso nos deixou em êxtase, pois em algumas dessas situações, principalmente na primeira, o público simplesmente estava conhecendo nossas músicas ali no show, mas curtiu muito cada momento e demonstrou isso a cada música!

Falando nisso, a banda já tem algumas datas preparadas para promover o novo álbum ao vivo. Estão preparando algo especial?

Mari Torres: Acabamos de fazer um show com o repertório inteiro de músicas do *Oblivion* com o ShamAngra, aqui no Circo Voador. Nós vamos adaptando de acordo com o evento, sempre incluindo músicas que ainda não tocamos ao vivo. Em agosto, teremos outro show em que pretendemos apresentar apenas músicas do álbum, e estamos preparando uma data em que será possível tocá-lo na íntegra também!

Daniel Agapito

BETTY SAYS DAMN

FAZENDO A PONTE ENTRE O METALCORE E O POP

Um dos poucos estilos do metal que realmente não "foram para a frente" aqui em terras latino-americanas foi o metalcore. Marcado lá fora por bandas como Atreyu, Killswitch Engage, All that Remains e Bullet for My Valentine no começo dos anos 2000, e continuando forte até hoje com nomes como Spiritbox, Wage War e Bring Me the Horizon, por um motivo ou outro, por aqui não virou. Apesar disso, alguns grupos ainda se aventuram com o gênero nas profundezas do underground. Alguns, como o Betty Says Damn, formada em Taubaté, no interior de São Paulo, optam por incorporar elementos de diversos outros estilos fora do metal em sua sonoridade. Confira nossa conversa com o guitarrista Felipe Moreira.

Divulgação

Os fãs podem esperar desde versões do MC Rogerinho à breakdowns absurdamente pesados

Vocês começaram fazendo covers de bandas como Killswitch Engage, Slipknot e outras. Quais aspectos diferentes destas bandas que diria que compõem seu som?

Felipe Moreira: Nós nos inspiramos muito na composição dos vocais do Killswitch Engage, nas melodias dos riffs combinados com os contratempos de bateria. As bases de guitarra e baixo pesados do Slipknot foram uma referência para a composição do corpo das músicas para combinar com as melodias dos riffs.

Antes de seu retorno em 2018, a banda estava em hiato. Diria que foram afetados por essa paralização? Quando voltaram, tiveram que repensar algum aspecto da banda?

Felipe: Quando a banda voltou em 2018, a formação manteve somente o vocalista da formação original. Isso alterou a visão e os objetivos da banda, por exemplo, focando em músicas autorais, diferente da ideia inicial da banda, que era explorar os covers. Com a nova formação e um novo objetivo traçado pela banda, se iniciou a fase autoral e que mantemos até hoje como foco principal. Compor, criar e divulgar o seu trabalho e suas músicas para o público.

Na época da pandemia, voltaram com os covers, postando versões de músicas de artistas que iam de Glória Groove a Linkin Park. O que inspirou esta abertura do leque de inspirações? Foi algo bem recebido pelos fãs?

Felipe: Na internet temos bons trabalhos de covers que gostamos, mudando estilos de músicas conhecidas, como Leo Moracchioli e Jonathan Young, entre outros. Isso nos inspirou a pegar músicas famosas no Brasil e colocar uma nova roupagem no estilo metalcore. Essa medida nos trouxe feedbacks de públicos diferentes e que não conheciam o nosso trabalho, aumentando nossas redes e nossas visualizações.

De 2022 para cá, vocês têm lançado diversos singles, todos gravados em seu estúdio próprio, o PopCore. Já estão preparando um novo álbum ou um novo EP? Se for o caso, teriam algo a dizer a respeito da evolução da banda no novo trabalho? O que mudou?

Felipe: Estamos gravando um novo EP que deve ser lançado ainda em 2024 com cinco músicas inéditas. Esse novo EP traz elementos que viemos incorporando nas nossas músicas nos últimos meses, como inclusão de efeitos e riffs de guitarra com whammy, reverbs com shimmer e elementos que compõem a evolução do metalcore moderno, como inclusão de linhas de sampler com efeitos de teclado e bases de efeito para composição da melodia e campos harmônicos dentro das músicas.

Diriam que a construção do estúdio facilitou seu processo de composição?

Felipe: Nós já tínhamos o nosso estúdio para ensaios acústicos, porém, a partir da pandemia decidimos investir em tecnologia de gravação e na criação do nosso estúdio de gravação, justamente para facilitar as gravações dessas versões de músicas já conhecidas e com uma nova roupagem. A partir daí, o processo de criação e composição ficou muito mais fácil e personalizado, facilitando a criação das músicas por partes e melhorando os testes de ideias novas.

Falando nisso, PopCore é apenas o nome do estúdio ou é um subgênero em que vocês se encaixam?

Felipe: O nome do estúdio veio justamente pelas versões que estávamos criando durante a pandemia. Porém, o estilo musical em que nos encaixamos é o metalcore, já que é quando misturamos todas as nossas referências em metal e hardcore, formando um estilo cheio de riffs melódicos do metal com os breakdowns e batidas do hardcore. Também sempre tivemos o foco de criação de letras em português, valorizando o rock nacional e levando inspiração às bandas do cenário nacional que visam iniciar suas músicas autorais.

***Perdidos*, novo single que soltaram no primeiro semestre deste ano, visa criar um equilíbrio entre peso e melodia. Acredita que conseguiram chegar nesse ponto? Tem algo a dizer em relação à repercussão do novo trabalho?**

Felipe: *Perdidos* é para nós uma mostra de todo o trabalho que vimos realizando nos últimos anos, aperfeiçoando o nosso tipo de som e deixando claro aos fãs do estilo qual a proposta da banda. Hoje estamos tendo um grande feedback positivo dessa música, além de contatos de músicos de vários cantos do Brasil que gostam desse estilo e compartilham da iniciativa de divulgar os trabalhos das bandas nacionais com músicas autorais.

Ano passado, vocês voltaram aos palcos com a nova formação. Continuarão a fazer shows? Como descreveriam a experiência ao vivo da Betty Says Damn?

Felipe: Estamos sempre atentos às oportunidades de shows que aparecem. Sempre apoiamos e participamos de iniciativas regionais para bandas autorais e neste ano temos o objetivo maior de participar de eventos em grandes polos musicais do rock, como São Paulo, Curitiba, Porto Alegre.

Daniel Agapito

Clube de Revistas

INFIRMUM
CONEXÃO BRASIL/FINLÂNDIA

Dentre o metal sinfônico, são raras as bandas que se encaixam também no doom metal, especialmente aqui no Brasil. Criada em 2019 e formada por músicos que já passaram por bandas como Children of Bodom, Lordi, Sanctuary of Hate e Mourning Wood, a banda finlandesa Infirmum introduziu no começo deste ano sua nova vocalista, Sabine Blodwin, natural do estado de São Paulo. Agora, estão finalizando o lançamento de seu segundo álbum de estúdio, *From the Depths I Cried*, previsto para ainda este ano. Veja detalhes do novo disco pelas palavras da própria Sabine.

Divulgação

Com Sabine Blodwin assumindo os vocais, a Infirmum apresentará uma sonoridade que agradará os fãs em *From the Depths I Cried*

Como foi feita esta 'ponte' entre você, uma brasileira, e o grupo, que é da Finlândia? Houve algum desafio, alguma dificuldade para fazer esta integração com a banda?

Sabine Blodwin: Bom, antes de mudar pra Finlândia eu já trabalhava com música no Brasil e foi muito difícil pra mim a despedida dos meus projetos para começar algo novo. Chegando aqui, eu comecei a procurar por bandas ou músicos para continuar a trabalhar com isso e então resolvi me inscrever em um fórum para músicos que um amigo me recomendou. Lá eu conheci o Timo (guitarrista), que logo me disse que estava procurando uma vocal pra Infirmum. Quando ouvi a banda eu adorei a sonoridade, enviei meu material e foi tudo muito rápido; eles foram extremamente receptivos. Gostaram muito da minha voz e fechamos juntos, sem testes, foi no feeling mesmo, e até agora estou adorando o trabalho. Acredito que ambos os lados contaram um pouco com a sorte porque aqui as pessoas são bastante fechadas.

Antes de trabalhar com a Infirmum, passou também por Moonwitch, The Draconian Opera e Pettalom, todos grupos com sonoridades diferentes. Quais artistas você diria que compõem seu panorama de influências?

Sabine: Eu considero meu background bastante eclético porque além das bandas de metal também trabalhei com música clássica e dublagem, então minhas influências vocais vão desde Montserrat Caballé e Diana Damrau até Tarja Turunen, Floor Jansen, Lory Lewis e AnnLouice Lögdlund, entre outras muitas. Já bandas eu posso citar Tristania, Therion, Sirenia, Nightwish, Myrkur, Rain Fell Within, Lacrimosa e várias outras. Particularmente, me sinto mais atraída por sonoridades sombrias, pesadas e orquestradas, mas também sou uma grande fã de horror punk e psychobilly.

***Burn* e subsequentemente *From the Depths I Cried*, seu novo álbum, serão os primeiros registros da banda com você nos vocais. Como diria que conseguiu implementar elementos de sua cultura e personalidade no som da Infirmum?**

Sabine: O grupo todo sempre me deixou muito livre para compor as melodias do meu jeito, as letras e a sonoridade, e por isso acredito que consegui imprimir muito da minha personalidade, dos meus sentimentos e da minha cultura nessa nova fase da Infirmum. Nesse novo álbum, *From the Depths I Cried*, teremos uma homenagem ao Brasil em uma das faixas! Por enquanto é surpresa, mas fizemos com muito carinho e saudade no coração para vocês aí do Brasil e também pra levar um pouco da nossa cultura pro metal finlandês.

Levando isso em conta, como descreveria a evolução sonora do grupo, desde a estreia com *Walls of Sorrow* (2020) até *From the Depths I Cried*?

Sabine: A banda vem se transformando conforme novos elementos vêm sendo adicionados a ela. Eu a vejo como um quadro pintado por várias pessoas, mas que nunca tem fim. Na primeira fase, a Infirmum era mais voltada para o death/doom com peso e elementos mais crus, uma música mais visceral, acredito. Com o passar do tempo, novos membros foram chegando e colocando um pouco de sua personalidade no quadro, e a Infirmum foi naturalmente mudando. Hoje penso que podemos nos encaixar melhor dentro do doom metal sinfônico. Há mais complexidade sonora com as linhas orquestrais, corais, violoncelo, vocais femininos e variações nos vocais masculinos. Hoje nosso quadro tem mais cores e consegue transmitir melhor os nossos sentimentos. Apesar disso, seguimos sempre em evolução.

***Walls of Sorrow* vai para um lado mais death/doom, enquanto o material mais recente, como você disse, se assemelha mais a um doom sinfônico. O que inspirou essa mudança?**

Sabine: Então, realmente não foi uma mudança proposital. Ninguém chegou e disse: 'Vamos mudar o estilo, galera!' Foi tudo muito natural. Como eu disse anteriormente, a Infirmum vem se moldando à medida que nós também vamos descobrindo novas formas de nos expressar musicalmente e, é claro, acompanhando nossas ideias e pensamentos, nossa evolução como artistas.

***Burn* fala bastante sobre os sentimentos que as pessoas querem esconder. Você diria que o metal é um veículo eficaz para expressar tais sentimentos?**

Sabine: Com certeza! O metal e a música em geral sempre foram pra mim uma forma de refletir, expressar o que não podemos ou não sabemos como dizer. A música me traz memórias, sentimentos, alívio psicológico, enfim, me mantém sã. Eu acredito que muitas pessoas se identificam com isso e que também nossas dores, problemas, anseios e alegrias são comuns a muitas outras pessoas além de nós mesmos, pois todos somos humanos. No metal eu encontrei a sonoridade que mais traduz e condiz com meus sentimentos, e é bom demais poder botar isso pra fora sem julgamentos e, quem sabe, transmitir esse conforto para pessoas que se identificam com a nossa música.

Você disse que 'a parte masculina expõe esses sentimentos' enquanto 'a parte feminina representa o acolhimento de todos esses demônios'. Poderia explicar um pouco mais da dinâmica entre os vocais feminino e masculino no novo single?

Sabine: *Burn* trata de tudo que é polêmico e queima dentro da alma humana, aquilo que sentimos secretamente e que as pessoas tentam esconder ou apagar para se encaixar na sociedade. Em *Burn*, a parte masculina revela esses sentimentos e percepções únicas do mundo ao redor, enquanto a parte feminina simboliza a autorreflexão sobre a aceitação de todos esses sentimentos ruins ou bons, revelando a escuridão como parte integrante do ser humano que não deve ser evitada, mas abraçada.

Com o lançamento do álbum, pretendem mostrar sua arte ao vivo? Podemos esperar shows aqui no Brasil?

Sabine: Sem dúvida! Ainda temos muito o que trabalhar aqui na Europa por enquanto, e não temos uma previsão ainda de tocar fora daqui. Porém, surgindo as oportunidades certas futuramente, o Brasil está na nossa lista de 'must go'. Nosso maior prazer será poder levar a Infirmum para o meu país, que amo tanto, e para o todo o público latino-americano.

Daniel Agapito

Clube de Revistas

PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS

DARK TRANQUILLITY

ENDTIME SIGNALS

NOVO ÁLBUM DOS MESTRES DO DEATH METAL MELÓDICO

Inclui os singles: "Not Nothing"e "Unforgivable"

DARK FUNERAL

O PRIMEIRO E HISTÓRICO MATERIAL DO GRANDIOSO DARK FUNERAL EM UMA **EDIÇÃO ESPECIAL DE 30 ANOS**

Relançamento com a capa original e encarte com fotos raras, contendo as faixas originais e versões regravadas

AMEN CORNER

NOVO ÁLBUM DE ESTÚDIO DOS VETERANOS DO BLACK METAL NACIONAL: DISPONÍVEL **EM CD E LP**

Slipcase CD com bônus track exclusiva para o Brasil (**cover do Bathory** "Destroyer of Worlds") e **vinyl LP 180g com encarte** (limitado em 300 cópias)

METAL ARMY

metalarmy.com.br

Clube de Revistas

VARTROY
O ROCK SEM FRESCURA

Marcos Garcia era guitarrista da banda Vartroy até que, em 2010, decidiu parar. Segundo ele, não fazia mais sentido. Mas, em vez de abrir mão da ideia, preferiu transformá-la em um projeto solo. Apostando principalmente em singles e abrindo o leque em termos de estilo, passou a produzir aquilo que ele intitula "rock'n'roll sem frescura". Por conta de uma tragédia pessoal, em 2023 lançou um álbum completo, *Muted by the Pain*, e nesta conversa ele fala sobre este trabalho e sobre a transição que a banda sofreu.

Fotos: Divulgação

Vartroy: um projeto para fazer rock livre de rótulos

A Vartroy começou como uma banda, mas depois se tornou um projeto solo seu. Quando e por que ela deixou de ser uma banda e se tornou um projeto solo?

Marcos Garcia: A Vartroy rodou como banda até o início de 2010. Decidi parar naquele momento porque senti que não estava mais fazendo sentido todo aquele esforço.

Depois dessa mudança, você diria que houve alguma mudança no estilo da Vartroy? Como você definiria o estilo dela hoje?

Marcos: Sim, drasticamente! A banda surgiu focada em fazer um som no estilo NWOBHM, mas de 2010 em diante deixou de ter qualquer tipo de filtro. A ideia hoje é deixar fluir... Acho que a melhor definição para o estilo da Vartroy, hoje, seria: fazemos um rock'n'roll sem frescura.

De 2020 para cá, a banda já gravou uma infinidade de singles! Por que a opção de soltar singles em vez de um álbum completo?

Marcos: De lá para cá foram lançados mais de trinta singles... Como hoje a Vartroy não está fazendo shows, essa foi a maneira que eu encontrei de me conectar com o público. Todo mês tem uma música nova, um vídeo e uma enxurrada de material gráfico. Acho também que a forma como as pessoas consomem música hoje mudou muito – é mais fácil consumir uma música do que um álbum inteiro.

Agora em junho último você lançou o mais novo disco da Vartroy, *Muted by the Pain*. Esse é um título bastante forte. Qual a razão dele?

Marcos: Em 2020, perdi minha esposa – câncer, seis anos de briga com a doença. Muitas músicas nos dois últimos álbuns, *A New Dawn* (2022) e *Muted by the Pain*, falam sobre esse processo de recomeço. Desse último, tirando *Dangers and Shadows*, *Suffocation Reign* e *Eternal Days*, todas são um grande desabafo. Acho que o nome do álbum conversa bastante com esse processo de perda, recomeço e também com essas músicas.

Apesar de ter lançado todos aqueles singles, pelo que pude ver o repertório do disco é de músicas inéditas. Por que optou por não usar aquele material gravado anteriormente?

Marcos: Apesar de o lançamento das músicas de *Muted by the Pain* ter começado em abril de 2023, nem todas lançadas até aqui fazem parte do álbum. Naquela época, o material não estava fechado e algumas ideias foram surgindo no meio do caminho. Hoje estão sendo lançados singles de quatro álbuns diferentes.

Quem gravou o disco com você? Ou você registrou todos os instrumentos?

Marcos: Com exceção das músicas *Haunted by Shadows* e *Suffocation Reign*, todos os instrumentos e vozes foram registrados por mim. Nestas citadas, o Matheus Calache participou tanto da composição quanto da gravação.

Por favor, fale sobre a participação dele.

Marcos: O Calache fez parte da primeira formação da banda, participou do EP *Came to Stay* (2005) e também esteve presente nos álbuns *Beginning* (2008) e *Daydreams* (2018). Em sua visita ao Brasil, em 2023, acabamos nos encontrando e fizemos a música *Haunted by Shadows*, que foi uma experiência muito bacana, porque já tinha tempo que não sentávamos lado a lado para fazer algo do tipo. Já em *Suffocation Reign* dei a ele total liberdade criativa no instrumental, fiquei apenas com melodias vocais e letra. Essa linha tem funcionado bem para todas as composições que fazemos a distância.

Onde o disco foi gravado? Como foram as gravações?

Marcos: A gravação desse disco seguiu muito a pegada rock'n'roll sem frescura. Ele foi gravado, mixado e masterizado na minha casa. Como sou eu comigo mesmo, o processo de gravação foi bem tranquilo, sem pressão, no meu tempo... (risos) Quando uma coisa não ficava legal, descartava ou regravava. Optei também por deixar tudo o mais natural possível, o mais humano possível, sem aquela infinidade de correções para cá e para lá.

O lançamento vai ser apenas no formato virtual ou você pretende soltar uma versão física do disco?

Marcos: Essa questão ainda está sendo discutida com nosso parceiro MS Metal Agency. Existe a possibilidade, mas nada certo ainda.

A gente sabe que hoje a música anda junto com a imagem. Você já lançou vídeos de músicas do disco, certo?

Marcos: Todas as músicas do álbum possuem vídeos publicados no canal oficial da banda no Youtube – youtube.com/vartroy. Infelizmente, não é aquela produção visual, até porque o foco não está ali por enquanto, mas acredito que dê pra galera se divertir e conhecer mais a banda. De 2020 para cá, minha inspiração e objetivo, nessa área, tem sido o Frog Leap Studios, do Leo Moracchioli.

Quais suas principais influências como guitarrista?

Marcos: Vixi, como guitarrista??? Muitas... Eu diria que as principais seriam: Adrian Smith, Dave Murray, Stevie Ray Vaughan, Slash, Chris Robertson, David Grohl, Jimi Hendrix, Mark Tremonti e vários outros. Acredito que a grande maioria dos músicos, independentemente do tamanho da banda, acaba influenciando de alguma forma, nem que seja com pequenos detalhes. Se a gente se dedica a realmente escutar e entender o som, sempre encontramos algo que acaba nos influenciando depois.

E quais suas referências na hora de compor? A gente nota que seu material tem muitos refrãos bastante grudentos. É um objetivo seu quando compõe?

Marcos: Como uma das minhas principais influências é o Iron Maiden, acredito que os refrãos venham dali (risos). São muitas as referências na hora de compor, de bandas como Black Stone Cherry, Alter Bridge, Foo Fighters, Halestorm, Pearl Jam etc.

Você pretende fazer shows para divulgar o novo disco?

Marcos: Por enquanto não tenho nada definido, mas essa possibilidade não está descartada.

A Vartroy está completando vinte anos de estrada. Está planejando algo para celebrar a data?

Marcos: Ainda não tenho nada certo, mas tem coisa rolando nos bastidores.

Se você fosse escolher uma música do novo disco para servir como cartão de visita da banda e apresentá-la a quem ainda não conhece a banda, qual música seria essa?

Marcos: As músicas desse álbum seguem uma vibe e estilos muito diferentes umas das outras. Como 'pai das crianças' (risos), sou muito suspeito porque, no fim das contas, algumas letras têm um peso maior do que outras e isso acaba interferindo. Mas, talvez pelo arranjo, pelo refrão forte e pelas melodias bem variadas, *Dangers and Shadows* possa ser a música de entrada.

Antonio Carlos Monteiro

LETHAL CHARGE
COLAPSO GLOBAL EM RITMO THRASH

Formada em Campinas no início dos anos 90, a Lethal Charge tem uma das histórias mais ricas do underground nacional. E é bom saber que o vocalista e fundador Michel Viana não está disposto a deixar esse passado ser esquecido. Enquanto antigos selos 'sabotam' a banda, ("nunca conseguimos saber para quem a Roadrunner "vendeu" os direitos do primeiro álbum, quanto ao *Convergence*, o dono do selo ZRecords já deixou bem claro que não cede os direitos do disco, por pura infantilidade", ele declarou nessa conversa sobre a possibilidade de lançar os álbuns anteriores), eles dão um grande novo passo ao lado da Heavy Metal Rock em *Doomed*. Para saber mais, conversamos com Michel.

Lethal Charge: trazendo de volta o hardcore, thrash, punk e industrial sempre compostos com maestria

Por favor, conte um pouco sobre o surgimento da banda até o lançamento de *Lethal Charge* (1994).

Michel Viana: Bem, comecei a tocar inspirado principalmente pelo movimento punk paulistano, a ideia do "faça você mesmo". O lançamento de discos como *O Começo Do Fim Do Mundo*, *Grito Suburbano*, *SUB*, *Crucificados Pelo Sistema* (Ratos de Porão) e as coletâneas *SP Metal I e II*, ou seja, decidi que queria ter meu som lançado/publicado com os poucos recursos que tinha (instrumentos podres, falta de grana, etc), e deixar um legado no cenário do Metal/Hardcore underground do Brasil. A ideia inicial era gravar 14 sons que eu havia composto (alguns da minha banda anterior, o Offence), numa parceria com o Caio Ribeiro, dono do estúdio Arenna (Campinas/SP), fazer cópias em fitas K-7, mandar para fanzines e selos independentes para tentar lançar essa demo (*Mass Control*) como um possível primeiro álbum. Eu gravei todas as baterias (não tinha baterista), vocais e uma das guitarras base (Jean: baixo e André: guitarra). Aí apareceram shows para tocar, e eu acabei ficando como baterista/vocalista nesse período. Em 1992 o Caio Ribeiro oficializou o selo Arenna, lançando as demos oficiais do Lethal Charge (*Chronical Infection*) e do Muzzarelas. Nessa época o Lethal Charge era: Michel (guitarra/vocais), Lélis (bateria) e Jean (baixo). Aí, em 1993, fomos convidados pelo João Gordo a participar da coletânea "Fun, Milk And Destroy" (produzida por ele e lançada pela Devil Discos), ainda tivemos a honra de ele ter feito backing vocals nas nossas músicas. Nessa época resolvi começar a incluir coisas que soassem meio "industrial" nas composições, influenciado por bandas como Ministry, Prong, Helmet, Faith no More, somados às influências que já tinha, como Lobotomia, English Dogs, The Exploited, Discharge, Metallica, Slayer, Pantera, etc. Foi então que, através do João Gordo, recebemos a proposta da RoadRunner Brasil para um contrato de álbuns, então lançamos nosso debut *Lethal Charge* (1994) produzido por Caio Ribeiro. A formação estava desfalcada nessa época, então eu compus todas as músicas e letras, gravei os vocais, baixos e praticamente todas as guitarras, exceto alguns solos e efeitos que foram gravados pelo grande amigo Marcio Kick, e as partes eletrônicas/teclados por Zuza em 1994. Quando o disco foi lançado já tínhamos um baixista (Juninho) e um outro/segundo guitarrista (Osmar).

A banda passou por um hiato até o final daquela década. Poderia nos dizer o que causou a pausa?

Michel: Fizemos alguns shows de lançamento, e quando já havia começado a trabalhar em ideias para novas composições, recebemos a notícia que a Roadrunner não iria mais lançar nada de nenhuma das 4 bandas que eles haviam contratado (Lethal Charge, Zero Vision, Garage Fuzz e Killing Chainsaw), quebrando o contrato de cinco álbuns. Aí foi um banho de água fria imenso, os outros caras saíram da banda, eu estava desempregado, com a vida toda "zuada", desmotivado, etc. Mas na verdade nunca parei de tocar, experimentar composições e tal, mas sem grandes perspectivas, até que no final de 1997 recebi o convite do Andreas Kisser (através de um amigo em comum) para a gravação do vocal de uma demo e uma audição para o cargo de vocalista do Sepultura (posição assumida por Derik Green), isso me deu um novo "empurrão" para retomar a trajetória do Lethal Charge.

E sua música sempre apresentou um forte acento thrash e hardcore.

Michel: Com certeza, minhas composições sempre transitaram entre o hardcore punk e o thrash metal, embora na época das composições para o primeiro álbum experimentei elementos do industrial metal, e algumas pegadas groove/setentistas também.

Bom, chegamos em 2024 com seu novo álbum, *Doomed*. O que os fez decidir por essa intro instrumental?

Michel: Bem, eu e o Caio conversamos e decidimos que iríamos fazer um full-album", e só depois correríamos atrás de um guitarrista. Eu me encarreguei das composições das músicas/letras, e gravei os vocais, baixos e todas as guitarras, exceto alguns solos que o Val Santos (em *Tormented*) e um velho amigo nosso, o Ricardo (em *Realms of shadows*, *Perversity Tentacles*, *Battlefield* e *The Enemy*) gravaram. Além disso, tem os backing vocals do Carlos Louzada (vocalista da lendária banda Vulcano, entre outras) e do Sérgio (vocalista/fundador do também lendário Scum Noise). Então, além das novas composições, comecei a relembrar partes de composições que eu havia feito ao longo dos anos, e essa introdução (*Battlefield*) eu tinha composto há décadas. Tocando ela novamente, achei que tinha muito "punch" e remetia ao crossover raíz, pensei: "Por que não resgatá-la?". Foi assim também com a *Tormented* e algumas outras do álbum. *Doomed* foi gravado/mixado/masterizado entre 2021 e metade de 2023, gravado/produzido por Rogério Guedes no "Canil" estúdio, em Campinas/SP e lançado pela Heavy Metal Rock.

***Perversity Tentacles* é talvez a mais noventista de todas, repleta de groove. O que pode nos contar sobre ela?**

Michel: A *Perversity Tentacles* eu havia composto a uns doze anos atrás, e realmente a ideia era misturar uma base bem groove, com aquela guitarra a lá Ministry por cima, e um refrão mais hardcore com as notas meio árabes. Sempre achei uma boa composição, mas é meio complicado tocá-la ao vivo com uma guitarra só.

Além das faixas em inglês, você também gosta de compor em português. Como decide em que idioma trabalhará cada canção?

Michel: Geralmente componho os riffs e aí naturalmente já vou imaginando a métrica para as rases do vocal, aí procuro um "tema" (que acaba virando até o nome da música), e por último escrevo as letras, as que são em Português são geralmente as que a temática tem mais a ver com a realidade do Brasil/terceiro mundo, acho que acabam soando mais impactantes dessa forma, e remetem ao nosso background mais punk, como Lobotomia, Ratos de Porão, Ação Direta, etc.

Valtemir Amler

Clube de Revistas

COLLECTION

Por Valtemir Amler

Atraindo jovens do mundo inteiro para suas universidades (MIT e Harvard, entre outros) e com algumas das equipes esportivas mais famosas dos EUA (Boston Red Sox, New England Patriots, Boston Celtics e várias outras), o estado americano do Massachusetts sempre concentrou pessoas ávidas por diversão, e talvez por isso tenha um dos cenários musicais mais fortes do mundo. Se gigantes do hard rock como Boston e Aerosmith marcaram seus nomes para sempre na cultura pop, o hardcore de Gang Green, Blood for Blood, Ten Yard Fight, Slapshot e Negative FX gerou uma tradição inquestionável na música pesada. Pois foi justamente misturando a sonoridade dos gigantes do hardcore local com suas bandas de metal favoritas que toda uma nova cena se formou no Massachusetts. Do dia para a noite, surgiram nomes como Shadows Fall, Converge, The Acacia Strain, Within the Ruins, All that Remains, Unearth e, claro, Killswitch Engage, que muito rapidamente se tornaria uma das lideranças do novo cenário. Com uma formação sólida e praticamente imutável, eles já lançaram oito álbuns completos de estúdio, EPs e discos ao vivo, além de rodar o mundo inteiro em extensas turnês. Aqui você conhecerá os melhores momentos dessa jornada.

Divulgação

IMPERDÍVEIS

ALIVE OR JUST BREATHING (2002)

Depois de estrear com certo estrondo, o momento era muito promissor e o futuro parecia reservar grandes conquistas para o Killswitch Engage. E essa impressão começou a se confirmar tão logo um novo contrato de gravação era assinado, já que eles iam de um selo humilde para a poderosa Roadrunner Records.; Uma possibilidade incrível de ascensão se revelava diante de uma poderosa máquina de divulgação que já tinha revelado alguns dos principais nomes do metal desde os anos 90. Composto basicamente por Joel Stroetzel (guitarra), Mike D'Antonio (baixo) e Adam Dutkiewicz (bateria), com letras de Jesse Leach (vocal), o álbum apresentava um pequeno "problema" de composição: embora o guitarrista Pete Cortese houvesse abandonado a banda logo no início do processo, os remanescentes optaram por manter o álbum focado em duas guitarras, o que geraria uma importante mudança que veríamos no futuro. Ademais, todos ali estavam prontos e dispostos a entregar sua melhor performance, e é basicamente isso que ouvimos em cada uma das doze faixas do álbum, ainda onipresente nas listas de favoritos dos fãs. Produzido pelo próprio Adam Dutkiewicz (que desde então trabalhou com Caliban, As I Lay Dying e muitos outros), o álbum destaca hinos como *My Last Senerade* e *Just Barely Breathing*, dois dos maiores hinos dessa geração do metalcore.

THE END OF HEARTACHE (2004)

Substituir o vocalista em uma banda de rock nunca é tarefa fácil. Substituir o vocalista de uma banda que acaba de lançar um álbum louvado por um selo mainstream e que acabava de se tornar um dos principais nomes da sua geração, é pior ainda. Mas foi justamente nesse papel que Howard Jones (ex-Blood Has Been Shed) se viu em 2002. A história foi bem controversa na época: após o lançamento de *The End of Heartache*, o vocalista Jesse Leach abandonou a banda. Ele havia se casado recentemente, e os longos períodos longe de casa o levaram a depressão. "Sem energia mental para encarar nenhum dos integrantes", Jesse comunicou seus parceiros sobre sua saída via e-mail, o que gerou certo mal-estar, como comentou Mike D'Antonio, que considerou a atitude "um pouco grosseira". Howard Jones, porém, não era a única cara nova na banda: como o álbum anterior havia sido escrito para duas guitarras, a turnê forçou o então baterista Adam Dutkiewicz a assumir a outra guitarra, e a bateria foi ocupada por outro ex-Blood Has Been Shed, Justin Foley (a banda voltou à ativa em 2012, com Justin na bateria). Ademais, *The End of Heartache* soa como a perfeita continuação de *Alive or Just Breathing*. Ouça a faixa-título, *A Bid Farewell*, *When Darkness Falls* e *Rose of Sharyn,* e confira o início da nova fase, que duraria mais dois álbuns.

Clube de Revistas

EXCELENTES

KILLSWITCH ENGAGE (2000)

É curioso como certas bandas contribuem mais para a história do metal com o seu fim do que com sua jornada. A despeito da qualidade da sua música, o Overcast sempre será lembrado como o grupo cujo fim precoce, em 1998, resultou no nascimento das bandas Shadows Fall e Killswitch Engage. Mas, ao menos no caso da última, outro grupo ainda precisou acabar para que ela nascesse, já que foi apenas com o fim do Aftershock que Mike D'Antonio, Joel Stroetzel e Adam Dutkiewicz se reuniram. Brincadeiras à parte, a nova banda nascida em 1999 começou a trabalhar muito rapidamente, e no mesmo ano gravou sua primeira demo, que incluía a icônica *Soilborn*, primeira música escrita pela banda e até hoje uma das favoritas dos fãs. Se a demo falhou miseravelmente em conquistar as graças de uma grande gravadora, o passo seguinte cumpriria a missão com mérito: *Killswitch Engage*, o álbum, foi lançado em 4 de julho de 2000 pelo modesto e hoje fechado selo nova-iorquino Ferret Music (que também já foi o lar do Chimaira) e ganhou a atenção da Roadrunner, que assinou com a banda para os próximos discos. Destaque para *Soilburn* e *Rusted Embrace*.

AS DAYLIGHT DIES (2006)

Após surpreender todos com sua estreia em *The End of Heartache*, o vocalista Howard Jones já era engrenagem fundamental do mecanismo da banda, e nota-se sua evolução como letrista neste *As Daylight Dies*. Desta vez sem nenhum drama ocorrendo nos bastidores, o grupo pôde focar todas as atenções na composição, e logo de cara percebe-se um álbum mais variado do que seu antecessor, equilibrando momentos mais densos e emotivos, como *Desperate Times* e *The Arms of Sorrow* com pedradas mais intensas e rápidas a exemplo de *Unbroken*, *Eye of the Storm* e *Still Beats Your Name*, ou ainda o perfeito equilíbrio entre os dois polos, como em *My Curse*. Porém, se não houve drama durante a composição e a gravação, é porque todo ele estava guardado e rendendo juros para a turnê de divulgação do álbum: várias vezes durante o giro mundial o guitarrista Adam Dutkiewicz precisou ser substituído por problemas nas costas, que culminaram em uma cirurgia que o afastou por mais um tempo até sua plena recuperação, em agosto de 2007. Aclamado como um clássico da banda e do metalcore, o álbum segurou a banda em um momento obscuro da indústria fonográfica.

DISARM THE DESCENT (2013)

Dizem que para todo mal existe um remédio, e embora possamos questionar a veracidade dessa afirmação, é bom perceber que certas mazelas vão embora com o tempo. Após uma década longe da banda que ajudou a popularizar, Jesse Leach havia confrontado seus demônios e estava de novo à frente do Killswitch Engage. O fato era por si só digno de comemoração pelos velhos fãs, mas ainda melhor era perceber que o vocalista estava de volta em um álbum fortíssimo, um dos melhores da carreira da banda do Massachusetts. Gravado na Westfield natal do quinteto e produzido como costume pelo guitarrista Adam Dutkiewicz, o disco foi (como vinha acontecendo desde 2002) mixado na Inglaterra pelo mago do som de guitarra Andy Sneap (Kreator, Judas Priest, Machine Head, Exodus etc.). Embora tenha chegado já em meados do processo de composição, Leach se mostrou a escolha certa para os vocais (a banda chegou a testar outros vocalistas, e rumores diziam que Phil Labonte, do All that Remais seria o novo vocalista), e emprestou sua performance única e inconfundível a canções como *Beyond the Flames*, *The New Awakening* e *A Tribute to the Fallen*.

BONS

INCARNATE (2016)

O Killswitch Engage sempre teve uma forte conexão com o mundo dos videogames (como acham que conheci a banda?), e sua música é facilmente encontrada em jogos como Sleeping Dogs, Guitar Hero, Rock Band e dois títulos da franquia Burnout. Além disso, filmes como "Freddy vs. Jason" (2003) e "Resident Evil: Apocalipse" (2004) também continham a música da banda. Porém, em 2015 o tema *Loyalty* foi escolhido para a promoção da série "Game of Thrones", e isso marcava um belíssimo início de ciclo para o então vindouro novo álbum, *Incarnate*. Embora a faixa em questão não apareça no novo álbum, os muitos olhos voltados para a banda ajudaram em muito no processo de divulgação, e a Roadrunner ficou muito grata, já que esse seria o último álbum da parceria com o quinteto. Também os novos fãs ficaram muito gratos, uma vez que a música aqui contida era o suprassumo do metalcore: riffs pesados de metal tradicional envoltos em aura hardcore, melodias pungentes e cativantes e letras bem pessoais, voltadas aos acontecimentos do dia a dia. Confira *Quiet Distress*, *Hate by Design* e *Ascension*.

ATONEMENT (2019)

O Killswitch Engage sempre gostou de manter as coisas "em família". O guitarrista Adam Dutkiewicz produziu todos os álbuns da banda, e se você olhar com atenção para a história do grupo, perceberá que o baixista Mike D'Antonio esteve envolvido na arte de todos eles. Além disso, Leach participou dos discos gravados por Jones e vice-versa – inclusive, Howard Jones participa de *The Signal Fire*, uma das melhores e mais pesadas desse que até agora é o mais novo registro da banda. Mesmo com tudo isso dito, uma força extra de fora da banda sempre abrilhantou o trabalho do quinteto. Foi assim com Andy Sneap que mixou vários álbuns, e também com a arte de Richey Beckett (Mastodon, Bonfire, Uneath), que abrilhantou esse álbum. Porém, se o que vale é a música, atente para o peso thrash de *The Crownless King*, que tem algo de Testament em sua estrutura, tanto que o próprio Chuck Billy participa da canção. Além dela, vale conferir os riffs de *Ravenous*, *As Sure as the Sun Will Rise*, *Bite the Hand that Feeds* e *I Can't Be the Only One*. Cinco anos depois, já é hora de um novo álbum.

CUIDADO

KILLSWITCH ENGAGE (2009)

Claro que dizer que você precisa ter cuidado com *Killswitch Engage*, o segundo autointitulado do grupo, é um exagero gigantesco, mas se vamos jogar é preciso respeitar as regras do jogo. E a regra aqui é que um álbum precisa estar nesse espaço e, colocado lado a lado com os demais, esse é o menos memorável. Composto e gravado enquanto a banda estava na estrada com o festival promovido pelo Disturbed, o Music as a Weapon (no qual tocou com Chimaira, Lacuna Coil e Suicide Silence, entre outros), o álbum alcançou o sétimo posto no Billboard 200, e a banda seguiu tocando ao vivo com Slayer, Marilyn Manson, Cannibal Corpse, Behemoth e outros no Mayhem Festival, para depois seguir em turnê com Dark Tranquillity e The Devil Wears Prada. Nela, a banda não pode contar com o vocalista Howard Jones na maior parte das datas, quando foi substituído por Phil Labonte, do All that Remains, e, em datas ocasionais, por Jesse Leach. Embora os primeiros sinais já aparecessem, apenas em 2012 Jones deixou a banda para tratar o diabetes, que o próprio declarou ter piorado com as longas turnês.

OUTROS: Embora os oito álbuns completos do quinteto estejam abordados nas categorias anteriores, ainda existe mais material para ser conferido. Fãs da fase Howard Jones vão gostar de conferir as faixas extras contidas nos EPs *(Set This) World Ablaze* (2005) e *The End of Heartache* (2007). *(Set This) World Ablaze* também foi lançado em DVD com quinze músicas, dez a mais do que o EP. Como parte da divulgação do jogo de videogame God Of War, da Sony, a banda aparece ao lado de Dream Theater, Opeth, Trivium e outros no split *God of War: Blood and Metal* (2010) e os mais afortunados também curtirão outro split, *Copenhell 2012* (2012), no qual dividem espaço com Anthrax, All Shall Perish e Trivium. O trabalho mais recente é o CD duplo+Blu-ray ao vivo *Live at the Palladium*, gravado em 2021 e lançado em 2022.

Clube de Revistas

DREAM THEATER

Denis Ono

A CELEBRAÇÃO DE UMA HISTÓRIA

Empolgado com a turnê de 40 anos, que passa pelo Brasil em dezembro, James LaBrie conta em detalhes o processo que culminou com a volta de Mike Portnoy

(EU E MIKE) DISSEMOS UM PARA O OUTRO: 'CARA, FIZEMOS DISCOS MARAVILHOSOS JUNTOS, TANTAS MÚSICAS INCRÍVEIS, ENTÃO SERIA CRIMINOSO PASSARMOS NOSSAS VIDAS SEM FAZERMOS AS PAZES.'

Por Daniel Dutra

Foi uma espera de 14 anos. Os fãs do Dream Theater explodiram em entusiasmo naquele dia 25 de outubro de 2023, mas o fato é que o anúncio do retorno de Mike Portnoy aconteceu sem alarde, afinal, a banda vinha de um disco aclamado por público e crítica – *A View from the Top of the World* (2021) – e da premiação no Grammy em 2022 – o quinteto venceu na categoria "Best Metal Performance", com *The Alien*. A verdade, porém, é que não era uma questão de "se", e sim de "quando": era, sim, uma aposta certeira e esperançosa dos fãs que James LaBrie (vocal), John Petrucci (guitarra), John Myung (baixo) e Jordan Rudess (teclados) receberiam Portnoy de volta em algum momento. Aconteceu, e o principal nome do prog metal mundial vem de novo disco, o primeiro com o batera original desde *Black Clouds & Silver Linings* (2009), e uma turnê para comemorar 40 anos de carreira – que vem ao Brasil em dezembro, passando por Rio de Janeiro (13), São Paulo (15), Curitiba (16) e Porto Alegre (17). Para saber mais detalhes, conversamos com LaBrie, que, sempre educado e simpático (e agora empolgadíssimo com os próximos shows), deu detalhes de como rolou a volta de Portnoy à banda, especialmente de como ele e o batera reconstruíram o próprio relacionamento. Confira!

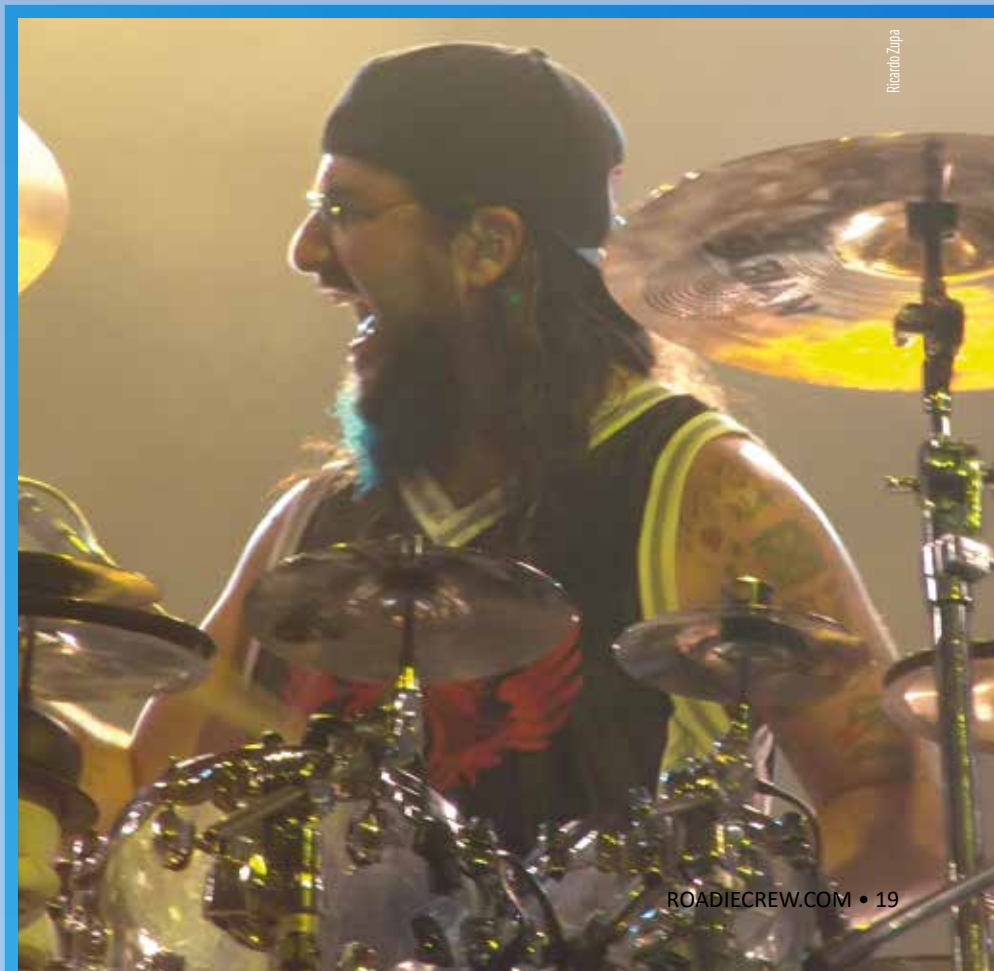
O Dream Theater veio ao Brasil pela primeira vez em 1997, e os shows contavam com muitas músicas do *Falling Into Infinity*, que ainda não havia sido lançado. Ainda assim, apesar de não conhecer o material, a reação do público foi incrível. Ou seja, é desde o início uma grande relação de amor com os fãs brasileiros. Quais são as suas lembranças de quase 30 anos atrás?

James LaBrie: Isso é uma loucura, cara! Que bizarro... O que está acontecendo com o tempo? (risos) Lembro-me que estávamos meio que cientes de que tínhamos muitos fãs no Brasil, só que, mesmo com isso em mente, nós fomos arrebatados quando chegamos ao seu país! Ainda tenho memórias vívidas de uma sessão de autógrafos que fizemos numa loja, porque foi um pouco assustador em termos de segurança. As pessoas tentavam nos agarrar, pegavam até em nossos cabelos (risos), e por isso os organizadores tiveram de encerrar a atividade mais cedo para nos levar a um lugar mais seguro (risos), afinal, aquilo estava ficando levemente fora de controle. Ao mesmo tempo, se já estávamos estupefatos e incrédulos com a quantidade de fãs e a reação deles, foi nos shows que tivemos a verdadeira noção de como o Dream Theater já era querido pelos fãs brasileiros. Havia um mar de gente cantando cada letra de cada música! Foi uma experiência e tanto, porque, ainda que achássemos que estávamos preparados, a realidade foi ainda maior e melhor do que nossas expectativas! Foi uma grande estreia no Brasil, sem dúvida, com tudo muito incrível.

E essa relação entre a banda e os fãs brasileiros foi aumentando ao longo dos anos, com a vinda da banda regularmente, chegando a tocar no Rock in Rio (N.R.: em 2022). Hoje, qual é a sensação quando você percebe que o Dream Theater se tornou uma das bandas favoritas dos fãs de metal e rock no país?

James: Eu acredito que a principal aspiração de qualquer banda e de qualquer músico é se tornar grande em qualquer país, sabe? É ser respeitado e amado pelos fãs em qualquer país, afinal, o que mais se pode querer, né? Neste caso, sei que o brasileiro gosta muito de música, e de todos os tipos de música, mas percebo que existe uma forte relação gravitacional com os fãs que realmente amam a música que seja um pouco mais técnica, progressiva e pesada, então nós fazemos o que muitas pessoas apreciam, independentemente se elas vêm do lado metal, do lado progressivo ou do lado hard rock. Há algo no nosso som que satisfaz muitas frentes de fãs de música, então poder tocar no Brasil é uma bênção pela qual temos muito apreço. Em um momento, estamos tocando para 10 mil pessoas, e no outro, para mais de 100 mil, e isso é algo que qualquer artista, músico, banda sonha ter! Sair da teoria para conquistar isso na prática é realmente uma afirmação de que você fez e continua fazendo algo que conecta e toca verdadeiramente essas milhares de pessoas. Esse algo estático, espiritual e comemorativo se chama música, e é muito poderosa, indescritível e profunda a forma como a música toca cada um de nós. É mágica, de verdade.

E agora há uma expectativa diferente, com a volta do Mike Portnoy à banda, essa nova turnê antes mesmo do lançamento do novo álbum. E o mais interessante é que o Dream Theater conseguiu extrapolar a ansiedade dos fãs com uma,


Ricardo Zupa

EM APENAS MEIA HORA, MIKE E EU JÁ ESTÁVAMOS NOS ABRAÇANDO! FOI BASTANTE CATÁRTICO, SEM DÚVIDA, E ESSA LIMPEZA ABRIU CAMINHO PARA O INEVITÁVEL ACONTECER ALGUNS ANOS DEPOIS. É ONDE ESTAMOS AGORA.

digamos, "novidade antiga" (risos)...

James: Sim, trouxemos o Mike de volta, e é como você disse: uma "novidade antiga". Gostei disso (risos). Estamos todos animados e empolgados, então mal podemos esperar para começar essa turnê, porque será uma grande celebração do Dream Theater e sua música, do começo ao fim. Ou melhor dizendo, do começo ao presente, porque temos muitos anos de música para comemorar. Vamos relembrar, por exemplo, o *Images and Words*, que foi lançado há 32 anos, por isso estamos imensamente animados. Será uma coisa gigantesca estarmos no palco novamente, nós cinco, tocando as canções de todos os discos que criamos ao longo dos anos. Honestamente, é até difícil colocar em perspectiva o quão profundamente emocionado cada um de nós está com essa nova turnê e, também, com o novo disco que estamos finalizando agora, então é tudo bastante animador! Será um esforço coletivo para pegarmos a estrada, e levaremos uma grande produção conosco. Você mal pode esperar para ver, acredite. Será incrível!

Levando em conta a possibilidade de o novo álbum não ter sido lançado antes dos shows em dezembro, há alguma chance de vocês tocarem algum das novas faixas?

James: Ah, sim! Posso dizer a você que muito provavelmente tocaremos pelo menos uma música nova, talvez até mesmo duas. Estamos discutindo isso atualmente, e com certeza tocaremos uma canção do novo disco. Por falar nisso, estamos extremamente empolgados com o novo trabalho, ansiosos para que as pessoas degustem esse material do começo ao fim, mas isso é tudo o que posso dizer no momento. Não posso contar mais nada, mesmo! Estamos na fase final das gravações, então é melhor deixar uma sensação de mistério no ar (risos), até porque tenho certeza de que conversaremos novamente quando o disco sair.

Na primeira fase da banda com Portnoy, o Dream Theater alternava bastante os setlists entre as cidades, dentro de uma mesmo turnê, mas a banda parou de fazer isso quando Mangini entrou, adotando um repertório mais estático. Vocês voltarão a como era antes?

James: É uma possibilidade, mas acredito que no momento em que estamos... Ah, isso eu posso dizer para você: no que diz respeito aos setlists, nós demos asas ao Mike para criar todos, então é ele quem está fazendo isso novamente para a banda, e já temos um pronto para essa turnê que eu achei absolutamente espetacular! Não consigo imaginar qualquer fã saindo de um desses shows desapontado por não termos tocado alguma música, porque o que iremos tocar são muitos dos momentos gloriosos e épicos da história do Dream Theater. Ninguém sairá desapontado, acredite em mim. Pelo contrário, porque provavelmente vocês dirão: 'Cacete! Eles só tocaram pedrada!' (risos), isso porque são canções que dão o panorama total de quem somos ao longo de todos esses anos. Você sabe que temos muito material para tocar, e o correto seria fazermos shows de dez horas de duração, só que não dá, né? (risos) Serão apresentações com três horas de duração, o que já é um show enorme, cara! Então, haverá muita música, a produção será incrível, a energia será excelente... Você está vendo a minha empolgação, mas é porque será uma experiência única, realmente, um grande evento entre banda e público. E será exclusivo a cada noite que subirmos no palco, porque será dedicado aos fãs da nossa música, será dedicado à nossa comunidade. Celebraremos a nossa história até aqui com os nossos amigos, que são nossos fãs, porque somos uma grande família. E será sensacional!

Ricardo Zupa

E serão dois momentos distintos, porque acredito numa nova virada de chave quando começar propriamente a turnê do novo álbum...

James: É verdade. Quando começarmos essa turnê de aniversário de 40 anos, o principal objetivo será ter um setlist que seja poderoso e convincente, para ressoar em cada um dos nossos fãs. Por isso, talvez aconteça mesmo de trocarmos o repertório, algumas músicas, a cada apresentação. Bom, é o Mike quem está fazendo o setlist agora, né? E é ele quem continuará fazendo depois, então você já sabe... (risos).

Sobre o retorno do Portnoy, o anúncio pegou todos de surpresa. Claro que os fãs sempre esperavam por isso, mas aconteceu quando ninguém estava esperando, apesar de eu poder apostar que não foi algo repentino. Enfim, como foi a construção dessa volta?

James: Você está certo. Não foi algo que aconteceu da noite para o dia, porque Mike retomou suas relações com Jordan e com John ao longo dos últimos anos. Ele gravou o disco solo mais recente do John (N.R.: *Terminal Velocity*, de 2020) e saiu

em turnê com ele, além de os três terem reativado o Liquid Tension Experiment para mais um álbum (N.R.: *Liquid Tension Experiment 3*, de 2021). Além disso, nós dois fizemos as pazes durante um show no Beacon Theater, deixando as nossas mágoas e nossas diferenças passarem por baixo da ponte (N.R.: no dia 2 de março de 2022, Portnoy assistiu ao show do Dream Theater em Nova York, sendo saudado por LaBrie, que anunciou sua presença).

Eu quero chegar na parte da sua relação com Portnoy, porque a considero crucial para que tudo tenha dado certo. Antes, porém, como foram as conversas nos meses que antecederam o 'vamos chamá-lo de volta para a banda'?

James: Além do que mencionei antes, preciso dizer que Mike retomou a sua amizade com o John Myung, também. Sabe, creio que qualquer um que diga que isso nunca aconteceria, ou se nos perguntassem isso... Melhor ainda: se me perguntasse sobre isso há dois ou três anos, tipo 'e aí, James, você se vê tocando junto com Mike Portnoy e sendo amigo dele novamente?', eu teria respondido: 'Não sei. Não sei se haverá um tempo apropriado para isso acontecer'. No entanto, haveria uma grande parte de mim, nos confins da minha mente, que diria: 'Sim, para mim talvez seja inevitável que isso aconteça. A reunião da formação original'. "Formação original" entre aspas, porque eu não via de forma alguma o Dream Theater voltando ao que era em *When Dream and Day Unite* (N.R.: disco de estreia, lançado em 1989 com o vocalista Charlie Dominici, que faleceu no dia 17 de novembro de 2023, menos de um mês depois do anúncio do retorno de Portnoy). A verdade é que havia um presságio à medida que o diálogo entre nós e Mike foi se aprofundando, até que chegamos ao ponto do 'se vamos fazer isso, não seria agora o momento ideal?'. Tínhamos o sentimento de fazer um grande disco juntos, sentindo aquela magia novamente, e isso não reduz em nada a era Mangini! Todos nós temos orgulho daqueles cinco discos que fizemos e do que ele trouxe para o Dream Theater, porque Mangini é um músico fenomenal! No entanto, a formação atual tem o seu lugar privilegiado na história da banda, e estamos falando do retorno de um integrante original, que ajudou a criar o Dream Theater 40 anos atrás. É a volta de alguém que fez tantos álbuns incríveis, então todas as cartas estavam no lugar certo. Em um dado momento, era inegável que esse era o passo que precisávamos dar, e, sendo assim, pensamos: 'Vamos fazer do jeito certo, com classe, fazendo um novo disco com músicas incríveis e dando sequência com uma turnê de reunião e comemoração que seja épica!'. É por isso que tenho certeza de que será uma incrível nova jornada.

E chegamos, então, à sua relação particular com Portnoy, porque não é segredo algum que vocês dois haviam rompido, então havia problemas pessoais a serem resolvidos. Como foi a sequência de acontecimentos daquela noite no Beacon Theater?

James: Nós falamos o que precisava ser dito, e agora está tudo ótimo. Somos irmãos como costumávamos ser. O momento em que nos encontramos pessoalmente depois de 12 anos, naquele show em Nova York, foi um pouco intenso, porque... Cara, teve realmente muita rixa entre nós (risos). Eu dou risada agora, porque eu e Mike conversamos bastante desde então, então ficou tudo ótimo. Quando digo que voltamos a ser irmãos novamente, é porque estamos nos divertindo muito, contamos piadas e damos risadas juntos, mas, olha, a conversa que tivemos naquela época foi uma que poderia ter seguido qualquer outro rumo. Nós dois queríamos esclarecer as coisas, e fizemos isso dizendo 'cara, o motivo para acontecer o que aconteceu foi isso, isso e aquilo'. No fim das contas, havia também o fato de que tudo chegou a um nível que não nos favorecia em nada. E nós dois percebemos e entendemos isso, então acredito que foi um aprendizado. Creio, também, que envelhecer nos trouxe sabedoria. Quando conseguimos perceber que a vida é muito frágil e breve, que ela pode passar num piscar de olhos, é aí que precisamos colocar as coisas em perspectiva.

E eu fico imaginando o que se passava pela cabeça de vocês sabendo que Portnoy estava no Beacon Theater. E vice-versa, porque era a primeira vez que ele via um show do Dream Theater da plateia, e isso 12 anos depois da separação...

James: Olha, eu nunca poderia mentir a respeito disso. Havia muita apreensão naquele dia em que nos encontramos. Primeiramente, pensei 'tenho de subir no palco para fazer um show de duas horas e meia', e, em segundo lugar, eu havia concordado em encontrar com um ex-colega de banda que eu não via há 12 anos. Some tudo isso a um terceiro fator: eu sentia muitas emoções que estavam em espiral naquele momento, então precisei dar um passo atrás, colocar as coisas em perspectiva e realmente ver as coisas como elas eram. E sabe como isso aconteceu? Dissemos um para o outro: 'Cara, fizemos discos maravilhosos juntos, tantas músicas incríveis, então seria criminoso passarmos nossas vidas sem fazermos as pazes'. Havia chegado o momento de dizer 'chega! Fomos dois lutadores no ringue, mas é hora de descer e fazer o que amamos fazer', sabe? Ou seja, vamos fazer música, sair em turnê e chutar bundas por aí, como sempre fizemos! E foi o que aconteceu. Em apenas meia hora, Mile e eu já estávamos nos abraçando! (risos) Foi bastante catártico, sem dúvida, e essa limpeza abriu caminho para o inevitável acontecer alguns anos depois. É onde estamos agora.

Ricardo Zupa

Você mencionou várias vezes, com entusiasmo, o fato de o Dream Theater estar gravando um novo álbum com Portnoy. De fato, o melhor é que não se trata somente de uma volta para comemorar os 40 anos da banda. Vocês estão criando música nova depois de 14 anos separados, e isso diz muita coisa sobre o relacionamento interno.

James: Sem dúvida! E foi ótimo quando entramos no estúdio para começar a compor o novo disco, porque, de repente, foi como lembrar de como era antes, sabe? Tipo 'ah, sim! É isso mesmo. Lembrei-me de como é compor com Mike Portnoy' (risos), afinal, existe uma química inegável entre nós. Ele tem um estilo único e identificável na forma como compõe, e é algo que não pode ser copiado. Não tem como ensinar isso, porque é algo próprio do Mike, e essa lembrança foi sentida tanto por todos quatro quanto por ele, também. Foi como voltar para casa, e foi o Mike quem disse isso, aliás, porque a magia ainda está presente. Quando estamos no estúdio, tudo acontece naturalmente, então, de uma certa forma, foi como se ele nunca tivesse saído. Digo isso no sentido de quando entrou na sala de composição/gravação, porque tudo se encaixou naturalmente. Foi tão fácil e tranquilo que nós pisamos fundo e começamos a criar coisas incríveis!

HÁ MUITO O QUE SE COMEMORAR COM O DISCO NOVO, COM A CELEBRAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DE 40 ANOS, ENTÃO ENTRAMOS NUM MOMENTO MARAVILHOSO DA HISTÓRIA DA BANDA.

Talvez essa seja uma das razões por que a banda, mesmo com as intempéries naturais de uma carreira longeva, tenha se tornado rapidamente o principal nome do prog metal em todo o mundo. E se mantido no topo desde então...

James: É uma observação interessante, e existe uma razão para o Dream Theater ter se tornado há muitos anos o que é até hoje. São momentos como esse, de sentarmos e revermos as coisas, de relembramos nossa história, que nos mostraram que havia algo ali. É algo que criou essa grande imagem da banda, e agora tudo voltou para o seu devido lugar. Juntas, todas essas partes são como titânio, de tão forte que é o resultado final: o próprio Dream Theater. Há muito o que se comemorar com o disco novo, com a celebração do aniversário de 40 anos, então entramos num momento maravilhoso da história da banda. Estamos empolgados com tudo o que vem pela frente.

Denis Ono

Sabemos que não houve nenhum tipo de drama no retorno do Portnoy, e tem algo que eu preciso acrescentar: a reação do Mangini, especialmente publicamente, foi de uma classe incomum para esse tipo de situação.

James: Olha, eu fico particularmente feliz por você ter lembrado disso, porque Mangini tem muita classe, mesmo. Acredite, ele é um verdadeiro gentleman! E como se não bastasse a educação que tem, ainda é um baterista fenomenal! É enlouquecedor o quão bom Mangini é. A cada noite no palco, eu ficava pensando comigo mesmo: 'Cara, de qual planeta ele veio?' (risos). Ele é um baterista fora de série, único e um grande cara! Sinto-me orgulhoso de ter trabalhado com Mangini tanto na minha carreira solo quanto no Dream Theater, e a maneira como todos lidamos com essa grande mudança está baseada num único fator: música. Isso sempre foi o mais importante em bandas que abriram o caminho para todos nós, como o Led Zeppelin.

Ah, o Led Zeppelin... Lembro-me da última que vez que conversamos, para falar sobre seu mais recente álbum solo (N.R.: *Beautiful Shade of Grey*, de 2022), e dividimos nossa paixão pela banda.

James: É verdade, cara! Se essa banda se juntasse para tocar hoje, e eu falo isso toda vez que alguém me pergunta, todo mundo ficaria tipo 'o que é isso?!', porque eles são incríveis ainda hoje! O Led Zeppelin é fora da curva, porque nunca houve nada igual! Quer dizer, claro que podemos falar sobre várias outros grupos fenomenais, e eles existem, não há dúvida sobre isso. Mas o Zeppelin... Uau! Aqueles quatro caras se juntando para criar a música que eles criaram... É absolutamente absurdo, de outro mundo, o que Jimmy Page, Robert Plant, John Paul Jones e John Bonham fizeram juntos!

Nosso tempo acabou, James, então agradeço por mais esse tempo dispensado à ROADIE CREW. E nos vemos no Rio de Janeiro.

James: Eu é que agradeço por me receber novamente, Daniel, e nos veremos em breve, mesmo. Todos nós estamos bastante animados para retornar ao Brasil com Mike, e será uma grande celebração da nossa música com os fãs! Será uma noite visual e musicalmente inacreditável, uma experiência sônica verdadeiramente incrível. Anote o que vou dizer: os fãs brasileiros mal podem esperar para ver o que estamos aprontando, então vemos todos vocês em dezembro!

Clube de Revistas

A NOVA SENSAÇÃO DO HEAVY METAL BRASILEIRO

Produzido por JP Pretti & Hélinho Castelhano

Masterizado por Brendan Duffey

(André Matos, Kiko Loureiro, Devin Townsend e Bruce Dickinson)

Participações de Leandro Caçoilo & Tito Falaschi

LANÇAMENTO DIA 08 / 08

YouTube Spotify DEEZER Available on iTunes DIE HARD classic rock and heavy metal collectibles

Assista o Single

Queen Of All Lies

anuncio: www.jacartadesign.com

Clube de Revistas

PLAYLIST

Por Daniel Agapito • Foto: Divulgação

JOÃO GORDO
RATOS DE PORÃO

► **NOME COMPLETO:** João Francisco Benedan
► **NASCIMENTO:** 13 de março de 1964 em São Paulo/SP
► **BANDAS QUE INTEGROU:** Ratos de Porão, Lockdown, João Gordo e Brutal Brega, João Gordo e Asteroides Trio, Revolta, Babylon's P

► **Crucificados pelo Sistema:** "Bom, quando entrei no Ratos, eles tinham um estilo mais americano, o Jão era influenciado pelo Teen Idles, essas bandas que tocavam mais rápido. Aí quando eu entrei, trouxe um negócio mais europeu. *Crucificados pelo Sistema*, que é uma música minha, é um bagulho bem europeu. Eu passei a base dela de boca para o Mingau, falei assim para ele: 'Mingau, toca assim' (solfeja a base da música), alguma coisa entre Shitlickers e Discharge, que era o que influenciava a gente na época. Eu não sabia que ia virar um hino. Você vê até hoje gente com isso tatuado no braço, nas costas, é engraçado."
Álbum: Ratos de Porão – Crucificados pelo Sistema (1984)

► **Crise Geral:** "*Crise Geral* é do *Vivendo Cada Dia mais Sujo e Agressivo* e é a música que a gente mais tocou na vida, porque fechamos o show com ela. Quando as pessoas escutam aquela música, já sabem que vamos acabar o show, porque fechamos sempre com ela. Desde que ela foi feita e foi lançada, nunca deixamos de tocar. É uma música ótima, com uma letra divertida e o pessoal gosta para caralho."
Álbum: Ratos de Porão – Cada Dia mais Sujo e Agressivo (1987)

► **AIDS, Pop, Repressão:** "Puta, cara! Essa aí é outro hino besta que todo mundo canta no mundo inteiro, mesmo sem saber o que é direito. A letra também é interessante, fala que os prazeres da vida já viraram maldição. Na época, né? Hoje em dia já são outros fatores. Lógico que ela é muito mais interessante em português do que em inglês, eu nem sei cantar em inglês, eu acho. Em inglês não encaixa direito, fica feia para caralho. É mais um hino dessas músicas mais populares do Ratos. São três discos que tem versões em inglês e em português. No *Vivendo Cada Dia mais Sujo e Agressivo* tem uma versão absolutamente macarrônica em inglês. As músicas eram feitas em português, aí na adaptação a tradução literal não encaixa direito na métrica, não ficava legal. Sem contar também que você canta por outros buracos, a fonética é outra, é diferente. No *Brasil* já foi algo mais bem elaborado, mas eu perdi todas as letras. Não tinha nem no encarte. Não sei o que aconteceu. Eu lembro que na época foi difícil encaixar as letras, chamaram um professor de inglês para mim e tal. No *Anarkophobia* (1991) foi um pouquinho melhor, mas também era ruim. Não domino o inglês, sabe? Sei pedir alguma coisa, conversar um pouco, mas mais profundamente sou ruim de inglês, sou tosco. Já *Just Another Crime* (1994) foi um disco que já foi feito em inglês, as músicas eram mais bem encaixadas, embora as letras sejam idiotas. Tá em um inglês mais bem encaixado."
Álbum: Ratos de Porão – Brasil (1989)

► **Sofrer:** "*Sofrer* é a tentativa de o Ratos de Porão fazer melódico (risos). A gente passou por todas as épocas, praticamente, então em cada uma delas éramos influenciados pelo que estávamos ouvindo. Nessa época, embora a gente fosse muito metaleiro, a gente estava ouvindo bastante Bad Religion, na época do *Suffer* (1988). Essa música é a nossa tentativa de fazer melódico, não tem refrão e, no nosso padrão Ratos de Porão – que é bem "podreira" – é melódico. Tem uma banda da Croácia que chama Deafness by Noise e eles fizeram um cover, com a letra em inglês – que eu não sei cantar – que fizeram lá, mó bonitinha, perfeitinha. Tem no YouTube, se quiser. Muito boa."
Álbum: Ratos de Porão – Anarkophobia (1991)

► **Video Macumba:** "*Video Macumba* foi uma viagem muito louca. Teve aquela época em que todo mundo estava querendo misturar ritmos brasileiros, o Sepultura, o Overdose, maior 'tuc-xi-qui-tuc' (imita uma batida de samba) e acabou colando na gente. Essa música, originalmente, na demo-tape *Horrible, Terrible, Nojento* (1992) é maior pau, maior desgraceira. A letra é daquela história em quadrinhos do Mike Patton, que ele mandou o vídeo para mim e para o Max (Cavalera). Era aquele vídeo cheio de japonês comendo merda, sexo tosco e essa coisa toda; a letra é sobre isso. A gente tem também uns lances de macumba que, na verdade, eu nem sei o que é. É aquele 'fá fiá iá' (com voz fina), não sei de onde surgiu aquilo, foi um amigo meu que arrumou em um terreiro de umbanda. Maior mistureba, vibe retardadíssima, mas é um puta som pau, um dos mais paus que o Ratos de Porão tem. A palhetada é muito 'pampapararam', uma parada muito Bay Area, saca? Estilo Exodus, que também influenciou muito a gente. É um puta som, mas com uma letra absurda, temática absurda, uns batuques absurdos, absurdo..."
Álbum: Ratos de Porão – Just Another Crime in Massacreland... (1994)

► **Terror Declarado:** "Essas músicas do *Onisciente* estão meio no limbo, precisava ouvir elas de novo para lembrar de alguma coisa, mas as letras são de umas coisas que eu lia na internet na época, bem no começo da internet. Ficava lendo sobre esses bagulhos subliminares, coisas assim. A *Terror Declarado* é sobre o impacto do Bin Laden ali. A mais famosa desse disco, 'qual será o próximo alvo da América', *Próximo Alvo* é sobre isso também, que tem o clipe. Esse disco é traumaticamente sobre o 11 de setembro de 2001. A letra sou eu contando ali. Foi bem traumático."
Álbum: Ratos de Porão – Onisciente Coletivo (2001)

Clube de Revistas

► **Aglomeração:** "Essa música é foda, é uma das que eu mais gosto do disco. Eu não curto muito esse último disco, ele não foi ensaiado, a gente 'vomitou' ele no estúdio. Sabemos tocar umas duas ou três músicas ali, o resto nunca tocamos – e muito provavelmente nunca vamos tocar, a gente morre de preguiça de ensaiar (risos). *Aglomeração* a gente toca, emendamos as duas primeiras nos shows (*Alerta Antifascista* e *Aglomeração*). Só tenho um problema com ela, eu confundo a letra, até hoje não aprendi direito, é uma merda isso. É um puta som, e a letra é bem interessante. Esse disco, *Necropolítica* é um disco fúnebre, que foi feito enquanto mais de 700 mil pessoas estavam morrendo, com negacionismo no ar, acho um disco bem sinistro. A letra dessa também é bem sinistra, bem sarcástica para esse povo negacionista, 'neopenteca', antivacina, 'ozônio vai no cu, não esqueça a cloroquina'."

Álbum: Ratos de Porão – Necropolítica (2022)

► **Unholy Ceremony Heretic:** "Quem fez todas essas músicas aí foi o Antonio (Araújo), que antes era do Korzus e agora está com o Matanza Ritual. O Antonio é um gênio, uma máquina de fazer música. Ele me convidou para fazer esse projeto de death metal e falei: 'Pô, vamos fazer!' A gente estava na pandemia, que em mim ocasionou uma cachoeira de projetos, esse aí foi o primeiro. Fizemos tudo à distância. Eu aqui (em São Paulo), o Antonio em Recife, o baixista do Genocídio (Rafael Yamada) lá em Las Vegas e o Bruno (Santin), baterista do Endrah (também Porject46), que é um cavalo também. Não gosto de tocar essas músicas ao vivo, cansam demais, difíceis para caralho. Fui cantar elas lá abrindo pro Emperor, puta trampo. Foi um baita trampo pra ensaiar, só 'urr, urr' (faz guturais). Muito foda. Muito difícil de tocar."

Álbum: Lockdown – Unholy Ceremony Hectic (2021)

► **Não Se Vá:** "O *Não Se Vá* foi com a Marisa Orth (Lumi, Vexame, também atriz), né? Tinha convidado a Pitty, mas não sei porque ela não tocou. Aí, na hora, falei, 'vou convidar a Marisa'. Ela tinha o projeto de brega dela e na hora aceitou, veio aqui em casa e gravou. Gravamos tudo aqui em casa. Fui pensando que aquela música seria fácil de cantar, puta música difícil de cantar, caralho! Tem músicas mais fáceis. Fiquei meio 'podia ter saído melhor da minha parte', mas mesmo assim é um registro bem louco, acho muito interessante. Jane & Herondy, isso fez parte da minha infância. Tenho 60 anos, então vivi os anos 70 loucamente, por isso que eu conheço essas músicas. A ideia do Brutal Brega veio praticamente igual à do Lockdown. Estávamos na pandemia, aí um dia o Valdério (Santos), que é o produtor e foi do Viper e do Toyshop, me mandou um bagulho e falou: 'Gordo, vê se você gosta disso.' Era ele cantando umas músicas de brega, ele mesmo cantando (Val é guitarrista e baixista). Falei para ele: 'Não, isso não é para você cantar, é para eu cantar', aí ele falou: 'Pô, vamos fazer isso sim!' Fiz uma lista de músicas que queria que ele tirasse. O Valdério é outro gênio, essas versões dele são sensacionais. Aí foi caminhando para uma parada que é completamente esportivo. Ninguém pensa 'ah, vamos ganhar dinheiro', é pura chinfra. Feito em casa, do jeito mais caseiro possível. Agora vamos soltando, porque o Nando Machado da Wikimetal abraçou o negócio, começou a fazer clipes, investir uma grana nessa história. Daí partiu para um negócio longe, MPB, estamos com várias músicas de MPB, Sá e Guarabyra, Caetano Veloso, coisas que eu nunca sonhei na vida em gravar. E o projeto já tá indo pro samba, transformar clássicos do sambas anos 70 em punk – quase um negócio 'oi', tá ligado? Já tem umas duas ou três músicas. Chamei o Marcelo D2 (Planet Hemp) para cantar *Pôxa* (Gilson de Souza) aquela: 'Poxa, como foi bacana.' Para dar nó na cabeça dos ignorantes."

Álbum: João Gordo – Brutal Brega (2022)

► **Extinção Em Massa:** Tenho vários outros projetos de que me orgulho também, cantei a *Extinção Em Massa* com o Krisiun, que compus no ensaio com eles; é a música mais pau que eu já fiz na vida. O Max (Kolesne, Krisiun) geralmente não toca thrash, aí ele tocou nessa música. A letra é sensacional, a música é sensacional, os caras são sensacionais, é um dos orgulhos da minha vida. Cantei a *Reza* com o Sepultura, já cantei com o Nervosa. Tem uma playlist no meu Spotify com tudo isso, mais de 40 participações. Muita coisa. Sou mais arroz de festa do que o Andreas Kisser (risos). Queria dar destaque aqui aos meus dois outros projetos também, o com o Asteroides Trio, que começou na pandemia e virou o que virou. Agora somos uma banda de psychobilly black metal, com as letras que falam só de cocaína e do capeta, só para encher o saco das pessoas e deixar elas com raiva. Tenho outro projeto muito louco que está rolando agora, com o Paulo Cirino, que faz um dubstep metal, antes ele tocava guitarra em algum projeto. Não dá nem para explicar o que a gente tá fazendo, é dubstep monstro com uma "slow-motion guitar" com afinação baixíssima, eu gritando que nem um desgraçado. Aí tem música que sou eu com meu filho tocando bateria, outra eu com o Jão fazendo solo, tem eu com o Andreas Kisser tocando, uma com o Moyses (Kolesne, Krisiun). É um dos "bagulhos" mais esmagadores que já vi na vida, um dos projetos mais interessantes que venho fazendo aí. Não saiu em lugar nenhum ainda, estamos finalizando agora. Chama Babylon's P.

Álbum: Krisiun – The Great Execution (2011)

Clube de Revistas

POWERWOLF

ALGO SINISTRO FOI DESPERTADO

Três anos após *Call Of The Wild*, quinteto apresenta um novo clássico do power metal germânico

Por Valtemir Amler

Já faz um bom tempo que o Powerwolf deixou de ser uma promessa para se tornar uma das grandes forças do metal alemão. Um bom tempo mesmo. Pelo menos desde 2007, ano em que lançaram o célebre *Lupus Dei*, seu nome perambula constantemente na mente daqueles que curtem o chamado power metal melódico. Porém, com o passar dos anos e a discografia crescente, eles foram capazes de abranger um público cada vez maior, deixando para trás as estreitas e rígidas fronteiras de um subgênero musical. Ninguém nega que as apresentações explosivas e os vídeos e fotos promocionais chamativos foram parte da razão para isso, mas é necessário dar os devidos créditos ao principal fator desse sucesso: essa banda não costuma errar em seus discos, e embora mantenha uma plataforma evidentemente power metal, jamais deixou de incluir elementos de outros estilos em sua proposta. Uma mostra disso é justamente seu mais novo álbum completo de estúdio, *Wake up the Wicked*. Pungentemente melódico, mas também pesado e cativante, ele é certamente o mais variado do quinteto até aqui, e destaca ótimos elementos que vão do folk ao pirate metal, tudo muito bem conectado pelo seu excelente power metal. Para saber mais detalhes deste que promete ser um novo favorito dos fãs – e que está rendendo para a banda a sua maior turnê pela América do Norte –, conversamos com o tecladista Falk Maria Schlegel, que não esconde o orgulho da alcateia pelo seu mais novo rebento.

A última vez em que conversamos foi em 2021, quando lançavam *Call of the Wild*. Bem, imagino que tenham passado a maior parte do tempo, desde então, em turnê, correto?

Falk Maria Schlegel: Exatamente! Depois daquele fechamento em 2020, buscamos nos manter ocupados ao máximo nos anos seguintes, todos estavam com muita vontade de voltar ao ritmo normal, então partimos para a estrada. Lembro que fizemos nossa primeira passagem pela América, depois voltamos para a Europa para a segunda parte da turnê por aqui, tocamos em alguns festivais, todas essas coisas de que sentíamos tanta falta. O início do processo de composição do novo álbum foi logo após o show em Los Angeles, que foi o último daquela turnê. Passou cerca de um ano e meio desde então e aqui estamos novamente, com um novo álbum, novas turnês planejadas,

WAKE UP THE WICKED
Napalm - Imp.

e tudo ainda maior desta vez!

Bem, já deu pra sentir que continuam preferindo escrever longe da estrada.

Falk: Sim, aquilo simplesmente não funciona para nós. Infelizmente, não somos o tipo de banda que consegue focar em duas coisas ao mesmo tempo (risos). Claro que não é tempo que nos falta, pois quando você está na estrada, sempre tem um monte de tempo livre para conhecer um pouco da cidade, se distrair com uma coisa ou outra, mas, em última instância, você ainda está focado no real motivo de estar ali, na coisa mais importante, que é o show. Então, sempre senti um pouco de inveja dessas bandas que conseguem sair em turnê e ao mesmo tempo que estão escrevendo novas músicas e até gravando em seus estúdios portáteis. Eu nunca seria capaz de fazer algo assim (risos). Seria ótimo, economizaríamos um bocado de tempo, mas a verdade é que precisamos nos sentir em uma caverna, cercados apenas por nós mesmos e focados somente na tarefa de criação. Só assim conseguimos escrever, e desde o primeiro dia tem sido dessa forma.

Por um lado, isso é ótimo, uma vez que garante que vocês comecem o processo com ideias realmente frescas, nada de material já com meses de gaveta.

Falk: Isso é verdade, com certeza. E esse foi um problema na época de *Call of the Wild*. Com a pandemia, existia muito tempo para sentar-se sobre as ideias e simplesmente não fazer nada. Para esse novo álbum, eu não sei, sinto que tudo foi simplesmente mais simples e excitante. Quer dizer, o processo como um todo não foi tão diferente, mas a vibração foi outra nesse novo registro. Veja, tínhamos acabado de passar por Los Angeles pela primeira vez, existia muita empolgação no ar, e isso acabou refletindo no trabalho. Não sei, quando começamos a escrever, *Bless 'Em With the Blade* foi a primeira música em que trabalhamos, e na hora senti que era a canção perfeita para abrir o novo álbum. Ela é tão rápida e vigorosa, uma prova de que com o tempo nós não estamos mais 'domados' ou 'adestrados', muito pelo contrário, esses lobos ainda estão tão selvagens quando nunca, era como uma declaração: 'Não façam prisioneiros, abençoe-os com a espada!" Esse era o nosso espírito. De uma certa forma, bem, não vou dizer que foi como se uma nova banda estivesse nascendo, mas sem dúvida fomos para o processo

com o espírito renovado, e esse espírito perdurou ao longo de todo o processo. Havia muita energia, apenas pegávamos nossos instrumentos e 'é isso aí, vamos lá!" Essa foi a nossa abordagem!

Confesso que gostei da primeira faixa ter um título forte, como *Bless 'Em With the Blade*.

Falk: Eu não sei, acho que quando você começa um álbum com uma canção com um título como esse, ou como *Amen & Attack* (de *Preachers of the Night*, de 2013) ou *Sanctified with Dynamite* (*Blood of the Saints*, 2011), é como uma declaração. Claro, algumas pessoas vão pensar na coisa errada, vão olhar para esses títulos e entender que a mensagem é 'olha, esses caras são extremistas religiosos!', mas definitivamente não é esse o caso (risos gerais). Apenas gostamos de bons títulos com palavras fortes e chamativas, mas em geral a coisa é bem mais metafórica do que parece. Não é como se estivéssemos dizendo para as pessoas algo como 'ei, junte-se ao nosso culto e todos serão felizes e abençoados', é mais sobre toda a histeria que já aconteceu e continua acontecendo no mundo em nome da religião, toda a loucura do passado e do presente. Mas, ao mesmo tempo, existe a música, e muitos simplesmente não estarão preocupados com os valores filosóficos contidos nas letras (risos), então acho que é simplesmente legal dar aos fãs uma oportunidade de gritar junto conosco, com toda a força, uma frase legal como 'bless 'em with the blade' (risos).

É também representa uma mudança na forma como vocês vêm abrindo seus álbuns.

Falk: É verdade, muito bem notado! Quer dizer, nos anteriores tínhamos faixas como *Fire & Forgive* (*The Symphony of Sin*, 2020) e *Faster than the Flame* (*Call of the Wild*, 2021), que têm uma abordagem semelhante, enquanto *Bless 'Em With the Blade* é mais do tipo: 'Mas que porra está acontecendo aqui?' (risos) É uma faixa bem rápida para abrir o álbum e também bastante curta, algo em torno de três minutos e acabou. O pensamento foi esse mesmo, abrir com uma faixa que soasse como um furacão, que deixasse você com vontade de apertar o 'repeat' para tentar entender o que aconteceu (risos).

Essa é uma característica bem legal, no novo álbum há apenas uma canção que bate a marca dos quatro minutos, todas as demais ficam abaixo disso. São músicas que vão direto ao ponto.

Falk: Sim, exato! E é curioso pensar que não tinha me dado conta disso até começarmos a conversar e você chamar atenção a respeito. De fato, só uma música chega aos quatro minutos, e bate a marca por poucos segundos. A verdade é que não saberia dizer o quanto essa atitude foi premeditada, pois entramos no processo sabendo que queríamos um álbum direto, com músicas que respirassem, que fossem até um certo ponto e então terminassem sem enrolação, mas não nos tocamos de que estávamos criando um padrão para o álbum, do tipo 'músicas de três minutos'. Foi divertido, adorei isso (risos). Veja, cresci amando bandas como Dream Theater e suas músicas de dez minutos, aquilo é mais que música, é algo como um período de vida (risos gerais), e digo isso como um elogio. Mas neste álbum nós fomos com uma visão muito determinada. Foi algo como 'a música é composta de verso, refrão e verso, e então acabamos'. Foi bem assim. Claro que poderíamos ter adicionado milhares de elementos aqui e ali, existiam milhares de possibilidades, mas a troco de quê? Nós nos sentimos muito bem com essa abordagem mais direta. Perceba, não pensamos em fazer músicas mais curtas,

Roel van Helden, Charles Greywolf, Attila Dorn, Matthew Greywolf e Falk Maria Schlegel, lobos alemães mantém a boa fase no novo Wake Up The Wicked

VDPictures

Clube de Revistas

VDPictures

VOCÊ NÃO PRECISA CRIAR UMA CANÇÃO DE QUINZE MINUTOS PARA FORÇAR O OUVINTE A PERCEBER QUE SUA MÚSICA TEM MUITOS ELEMENTOS

apenas pensamos em uma abordagem mais direta. O resultado foi um álbum mais curto e rápido, e tomo como um grande elogio que tenha percebido isso.

Some-se a isso o fato de que não eliminaram os elementos que esperamos do Powerwolf. Quer dizer, as canções têm tudo o que precisam, todos os velhos elementos estão ali, mas de uma maneira coesa.

Falk: Obrigado, de verdade. É aquela coisa, às vezes você não precisa criar uma canção de quinze minutos para forçar o ouvinte a perceber que sua música tem muitos elementos. Claro que você pode fazer isso, existem muitos caminhos disponíveis, mas simplesmente optamos por pegar o atalho (risos). Chegamos onde queríamos pelo caminho mais curto.

Outra faixa que chama a atenção vem logo em seguida, *Sinners of the Seven Seas*. Desde a primeira vez que ouvi, pensei que ela é o tipo de canção que todas as bandas de pirate metal gostariam de fazer, mas nunca fizeram.

Falk: Obrigado, meu amigo (risos). Foi engraçado, pois tentamos a todo custo não soar como uma banda pirata, mas criamos uma canção que tinha esses elementos nos arranjos e nos versos, então acabou indo por esse caminho. Foi divertido trabalhar nessa música, pois ela foi tomando forma e ganhando vida, nós pensávamos 'não faremos um metal de piratas', mas os arranjos iam cada vez mais guiando a canção para essa atmosfera, então começamos a testar outras coisas. Percebi que meu instrumento, o órgão, quando tocado em certos registros acaba soando como outros instrumentos, e então a coisa realmente terminou como terminou. Lobos do mar? Pois é, que coisa (risos gerais). E também temos um vídeo para essa canção que me deixou muito orgulhoso! No vídeo, estamos em um navio que é uma réplica da nau Victoria, que foi um famoso navio que fez a rota do Estreito de Magalhães e foi o primeiro a circunavegar o mundo. Bem, gravamos o vídeo na proa desse navio, e lá estava eu, absolutamente enjoado e me sentindo doente, os tripulantes dizendo que deveria simplesmente olhar para o céu e tomar uma Coca-Cola e tudo ficaria bem, e eu só pensava: 'O quê!? Se eu fizer isso vou vomitar mais ainda!' (risos gerais).

Ah, que legal saber que estavam em um navio de verdade e não em um estúdio qualquer.

Falk: Cara, isso é uma coisa que gosto de salientar: quando vamos fazer algo assim, quero que seja a experiência real, não uma imitação barata, uma experiência falsa. Claro, alguns podem dizer que isso é desnecessário e tudo bem, mas se você tem os meios para fazer algo grandioso, por que se limitar ao banal? Se podemos oferecer algo grandioso e verdadeiro aos nossos fãs, essa sempre será a nossa opção, e espero que todos curtam o vídeo. Fiquei doente, sofri um bocado, mas fizemos um ótimo vídeo. O que você vê não é uma atuação barata, eu realmente estava doente e me sentindo um lixo, então é uma atuação bastante digna de um marinheiro em frangalhos. Valeu a pena, eu acho (risos gerais).

Dito isso, imagino que também tenham um real coral infantil em *We Don't Wanna Be No Saints*, e não uma única voz remixada em estúdio, certo?

Falk: Certíssimo! Sempre a experiência real, meu amigo! Tivemos a chance de contratar esse coral infantil da Holanda, e acho que é por isso que eles soam tão bem e pronunciam tão bem o inglês. Por algum motivo, os holandeses falam o melhor inglês do mundo, acho que até melhor que os nativos da língua (risos gerais). Bem, a verdade é que quando começamos tínhamos apenas um coral adulto, normal, na canção. Parecia que faltava algo, e apenas como experimento, pensamos 'como ficaria um coral de crianças aqui?' Você sabe, a música tem essa ideia de inocência, de pureza, então crianças cantando algo como 'we don't wanna be no saints' acaba soando bastante forte e de acordo com o tema da canção. Testamos, ouvimos a música e ficamos de boca aberta, pois estava perfeito! Tem algo até de pop ali, e em música bastante pesada!

Clube de Revistas

PARADISE IN FLAMES

OUÇA AGORA:

DISPONÍVEL
NOVO VIDEOCLIPE
BLACK WINGS

YouTube

@PARADISEINFLAMES

Novo álbum disponível em streaming e download

Spotify DEEZER Download on the App Store TIDAL Google play

@PARADISEINFLAMESBAND WWW.paradiseinflames.COM /PARADISEINFLAMESBAND

anuncio: www.jdmartesdesign.com

DEAD CENTRIC ENGL EMG Kohlert Soultone SE STAY ESP JRS XANINHO DISCOS

Clube de Revistas

CAVALERA

DO PASSADO, VEM A TEMPESTADE!

Max e Iggor Cavalera trazem do passado em grande estilo mais um dos pilares do metal nacional

Por Valtemir Amler

Claro que sempre existirão desafetos e aqueles que gostam de negar o óbvio, mas bastam dois segundos de raciocínio lógico para perceber que Max Cavalera vem sendo o maior nome do metal brasileiro ao longo dessas suas cerca de quatro décadas dedicadas à música pesada. Mesmo vivendo longe do Brasil há décadas, sua imagem é sempre a primeira que vem à cabeça quando se fala na nossa cena e, convenhamos, boas razões para isso não faltam. Com isso tudo em mente, parece até natural que, agora que está novamente trabalhando ao lado do irmão Iggor, viesse um desejo de revisitar seus primeiros dias na música, aqueles dias que ajudaram a erguer e moldar a cara da música pesada feita por aqui. Se no ano passado eles lançaram novas versões para o EP *Bestial Devastation* (1985) e para *Morbid Visions* (1986), primeiros registros do Sepultura, agora é a vez de *Schizophrenia* (1987), terceiro disco e segundo álbum completo da clássica banda nascida em Minas Gerais. Dando uma voz muito mais evidente ao thrash/death do que seus sucessores, *Schizophrenia* foi um marco não apenas para o Sepultura, mas para o metal como um todo, já que foi um dos pilares para a variação mais pesada e perigosa do thrash metal. Em uma conversa longa e agradável, Max deu todos os detalhes da nova empreitada, mas também não economizou nas memórias dos velhos tempos, deixando claro o seu apego por esse importante passo na sua jornada.

Para termos a história completa, vamos começar do princípio: quando você sentiu despertar a vontade de revisitar os primeiros passos da sua longa discografia?

Max Cavalera: Acho que foi logo depois que comecei a fazer alguns lances com meu irmão. Além disso, durante a pandemia eu estava fazendo aqueles 'Max Trax', em que eu tocava guitarra ao vivo no Facebook, lembrando algumas músicas antigas do Sepultura e do Soulfly. Naquele mesmo tempo o Iggor estava fazendo uns lances no YouTube (N.R.: refere-se à série de vídeos intitulada 'Beneath the Drums' no canal de Iggor Cavalera), e em um daqueles vídeos ele teve eu e o Jairo Guedz como convidados na música *Antichrist*. Cara, o resultado ficou muito legal, saiu uma versão superbacana, e acho que tudo isso foi a semente para nascer a ideia de regravar os três primeiros discos do Sepultura.

SCHIZOPHRENIA
Nuclear Blast – Imp.

Então essa sempre foi a ideia.

Max: Sim, desde o primeiro momento. Desde que nasceu essa ideia, sabíamos que queríamos gravar os três primeiros, e não pararíamos antes de ter isso feito. São esses três que achamos que, em termos sonoros, acabaram deixando a desejar, pela limitação da época mesmo. Claro que tem um charme na gravação original, na crueza do som, mas a gente como músico sempre imaginou eles de uma forma melhor, e foi bem bacana essa ousadia que tivemos de regravar aqueles clássicos com um som mais afiado, com as guitarras soando melhor, com a bateria melhor. Ao mesmo tempo, queríamos manter a principal característica daquela época, que era a podreira do som. Quem ouvir vai perceber que a gente não limpou tudo, o disco continua soando sujo, não virou uma coisa bem trabalhada e bonitinha, nunca faríamos isso! Continua feio, continua sujo e acho que isso é o mais importante dessa regravação, a gente ter mantido a brutalidade do original.

Sim, e acho que, como fãs de metal, esse foi um temor que todos tivemos. Acho que todos nós sentimos um certo receio quando uma banda anuncia que vai regravar seus álbuns clássicos, pelo medo que alterem aquilo que é 'sagrado' para nós. Porém, ouvir a nova versão de *Morbid Visions* no ano passado meio que dissipou as nuvens negras.

Max: É, cara, e vou ser bastante sincero: para mim aquilo foi como um exorcismo mesmo, pegar aquelas músicas antigas e modernizar o som, mas mantendo a pegada bem na veia mesmo, como era no original. Foi uma coisa que na época conversei com o Iggor: 'Não precisamos fazer nada para alterar essas músicas, todos os riffs estão bons, não precisamos mexer neles, não precisamos mexer nas músicas, elas são ótimas desse jeito, são perfeitas, a gente só precisa tocá-las melhor e gravá-las melhor, essa é a única coisa que a gente têm que fazer de diferente.' E, quando falo em termos de gravação, o que quero dizer é sobre a energia mesmo, um lance que é bem meu e do Iggor quando tocamos juntos. É uma parada diferente, a coisa chega naturalmente em outro nível quando estamos juntos. Rola essa coisa única entre irmãos, é difícil explicar, mas é uma energia que só bandas que têm irmãos na formação conseguem fazer, essa conexão instintiva que você ouvia no Pantera e ainda ouve no Gojira, Krisiun, Obituary. Irmandade na

banda é uma coisa fenomenal, e foi uma experiência realmente libertadora para mim e o Iggor, um exorcismo, como disse antes. Inclusive, lembro que quando estávamos gravando *Morbid Visions* coloquei microfone, amplificador e guitarra de uma forma que pudesse tocar olhando para o Iggor, que lembrou muito o que fazíamos na época do Sepultura.

Legal isso, cara.

Max: Sim, foi legal demais! Precisávamos disso! Naquela época, muitas vezes a gente chegava no ensaio e os outros caras não tinham chegado ainda. Então, às vezes eu começava as músicas apenas com o Iggor, só nós dois juntos. Muitos clássicos do Sepultura começaram apenas comigo e o Iggor juntos, fazendo uma jam session antes de os caras chegarem. Inclusive, coisas como *Arise, Inner Self*, era assim mesmo que rolava, eu e o Iggor tocando, um olhando pra cara do outro e gravando. Então, foi assim que decidimos regravar esses discos, todos os três. Na mentalidade, na forma de gravação, na atitude, não mudamos nada nas regravações de *Bestial Devastation, Morbid Visions* e *Schizophrenia*, trabalhamos exatamente da mesma maneira nos três álbuns.

MESMO QUE MORBID VISIONS FOSSE UM ÁLBUM MAIS BLACK METAL, A GENTE JÁ ESTAVA RUMANDO PARA O DEATH/THRASH, E NADA PODERIA PARAR ISSO

O frio na barriga hoje é o mesmo daquela época?

Max: Ah, é um pouco diferente, sem dúvida. Na época era como se estivéssemos arriscando tudo em cada disco. Mas hoje posso dizer que estou muito empolgado para a galera ouvir *Schizophrenia* na íntegra, pois ele é um disco bem diferente dos anteriores. É um disco mais complicado, mais técnico. Um álbum muito importante na nossa história, foi por causa dele que conseguimos assinar um contrato com a Roadrunner, foi um registro fundamental na nossa carreira.

Bom, uma coisa que percebemos ao ouvir a nova versão de *Schizophrenia* é que o álbum parece um pouco mais rápido do que a versão original, quase como vocês tocam ao vivo.

Max: Ah, sim, legal você dizer isso! Realmente, tocamos um pouco mais rápido do que o original, é quase como se... (N.R.: ele faz uma breve pausa). É engraçado, porque a gente tocou ele mais rápido e um pouco mais parecido com a demo do que com o álbum. Lembro que a gente fez a demo da *From the Past Comes the Storms*, e aquela demo tape era mais legal que o disco (risos). Lembro que na época, quando ouvimos a versão do disco, ficamos: 'Pô, a demo soa melhor', então tentamos fazer essa regravação mais baseados na demo, que é mais podreira, mais nervosa e mais rápida. A própria *To the Wall*, quem vir o vídeo da gente tocando ao vivo no México,

Divulgação

ele está no YouTube, vai perceber que a música está mais rápida, mais furiosa. Então, de certa forma, acho que esse disco vai ser um pouco diferente do que as pessoas estão pensando. Não é só um cover, estamos trazendo uma coisa nova, algo que a maior parte das pessoas não tinham ouvido ainda em se tratando dessas músicas. Mas, tem outras coisas que não mudamos, que consideramos, como você disse, 'sagradas'. Não mudamos a bateria do Iggor, o tom-tom ainda vai ter aquele som de cano de PVC (risos) e o vocal também vai ter aquele reverb, aquele eco que adiciona essa aura diferente nas músicas. Enfim, estou muito animado com o disco, e especialmente com a turnê que vêm por aí, já que agora vamos misturar tudo, o repertório dos três discos, então vai ser bem especial para qualquer fã das antigas, o setlist vai ficar espetacular. Presente de natal para quem ama death/thrash.

Como você falou antes, *Schizophrenia* foi um salto na carreira do Sepultura, pois era um disco muito mais maduro e completo musicalmente falando. Você estava ouvindo algo diferente naquela época?

Max: Acho que sim. O *Schizophrenia* começou a ser construído com o Jairo. Lembro que na época da turnê do *Morbid Visions*, a Cogumelo estava muito empolgada com o novo disco do Sepultura, estavam dispostos a injetar uma grana legal para uma produção melhor e tal, então começamos a escrever coisas para o *Schizophrenia* já naquela época. Começamos com o Jairo fazendo músicas como *Screams Behind the Shadows*, *R.I.P. (Rest in Pain)*, *From the Past Comes the Storms*, *To the Wall*, então o Andreas entrou e começamos a trabalhar em outras coisas, como *Escape to the Void* e *Septic Schizo*, então foi uma grande combinação de coisas que aconteceram na época. Em termos de influência, acho que poderíamos citar tudo o que estávamos ouvindo na época: o death metal de Possessed, Morbid Angel, Death, Obituary, e juntando isso com coisas mais thrash, tipo Dark Angel, Sacrifice, Testament e Metallica, então acho que o legal do *Schizophrenia* é que ele exacerbava uma coisa que já estava acontecendo na nossa música. Quer dizer, se você pegar o *Morbid Visions* e ouvir canções como *War, Mayhem* e *Empire of the Damned* vai perceber que as coisas já estavam meio que rumando para o thrash. Acho que, naquela época, já não havia saída para nós: mesmo que *Morbid Visions* fosse um álbum mais black metal, a gente já estava rumando para o death/thrash, e nada poderia parar isso.

O METAL É A MINHA PAIXÃO, ENTÃO, PODE APOSTAR, NUNCA FAREI ALGO LONGE DO METAL, ELE SEMPRE SERÁ A BASE DA MINHA MÚSICA

Sim, vocês iam ao encontro do thrash, mas não queriam ser apenas uma banda thrash normal, tinha de ser algo mais extremo.

Max: Com certeza. Pra falar a verdade, pra mim thrash metal, quando é só thrash metal, não é legal, é meio fraco. Fica faltando aquela agressividade. Da mesma forma, ao ouvir um álbum de death metal old school, você acaba sentindo um pouco de falta daqueles riffs mais trampados, mais técnicos do thrash. Daí veio essa ideia de misturar as duas coisas na nossa música. E é legal pensar nisso, porque até acho que o *Schizophrenia* é um dos álbuns pioneiros nessa sonoridade death/thrash. Foi um dos primeiros a ter claramente essas referências. Depois começaram a acontecer muitas coisas, até aquelas bandas de hardcore mais extremas, tipo Leeway, Cro-Mags e Sick of it All, mas na época em que fizemos o *Schizophrenia* era o começo de tudo.

Foi uma das épocas mais criativas do metal, várias bandas estavam caminhando a passos largos.

Iggor Cavalera, Travis Stone, Max Cavalera e Igor Amadeus Cavalera, muito mais do que uma viagem no tempo em família

Kevin Estrada

Max: É verdade, cara! Ah, lembro que o Voivod estava fazendo essas coisas piradas na época com *Killing Technology* (1987), o Corrosion Of Conformity tinha aquele EP *Technocracy* (1987)...

O Sadus começava a lançar seus álbuns absolutamente brutais.

Max: Ah, sim, aquilo era puro death/thrash também, absolutamente incrível! Sei lá, naquela época foi como se um latão cheio de vermes tivesse sido aberto e todo tipo de abominação musical estivesse escapando de lá – e nós fomos uma das piores delas (risos gerais).

Havia tantas ótimas bandas, algumas são minhas favoritas até hoje. Amo Sadus e Demolition Hammer.

Max: Porra, Demolition Hammer, que banda incrível! Tinha o Devastation também e o Pestilence, da Holanda! Cara, amo a música deles, aquele disco, *Consuming Impulse* (1989), é uma das coisas mais legais que já ouvi na minha vida. Sei lá, aquelas 'coisa véia' eram incríveis, e continuam fenomenais até hoje. É legal olhar para trás e ver tudo o que estava acontecendo, acho que podemos dizer até que o *Schizophrenia* ajudou nisso, rendeu bons frutos.

Além disso tudo que dissemos, ele também foi um disco bastante ousado para vocês.

Max: Sim, tem bastante coisa ousada naquele álbum. Acho que *Inquisition Symphony* é uma das mais ousadas que a gente fez até hoje, tem um milhão de riffs dentro de uma música, instrumental, longa, é uma maluquice que amo até hoje!

Legal você ter mencionado isso, pois na época realmente estava em evidência essa coisa de muitos riffs em uma mesma estrutura musical. Lembro do quanto a gente amava aquelas músicas, e depois se matava para aprender todos os riffs na guitarra.

Max: Cara, que legal isso (rindo muito). E olha, cara, nós já estávamos sob esses auspícios há bastante tempo, lembro de quanto tempo eu e o Jairo ficávamos sentados juntos, nos matando para aprender todos aqueles riffs do Mercyful Fate, justamente como você está dizendo. Cara, Mercyful Fate é bom demais, cada minuto tem um riff diferente, e a gente pensava: 'Cara, a gente tem que aprender a tocar essas músicas para poder um dia compor algo assim!' Foi com esse pensamento na cabeça que nasceu *Inquisition Symphony*. Considero ela como a nossa homenagem ao Mercyful Fate em termos de riffs, mas com a nossa própria ideia de um tema inspirado em música clássica, embora sem instrumentos clássicos. Inclusive, gostaria de um dia ver uma versão dessa música com uma orquestra. Não um disco inteiro, apenas essa música, acho que seria bem interessante.

E não é apenas musicalmente que *Schizophrenia* se sobressaiu, ele também era bem diferente liricamente.

Max: Sim, ele não era tão 'ah, Satã' quando *Morbid Visions* e *Bestial Devastation* (risos gerais). Havia outras ideias líricas rolando nesse disco, acho que a gente começou a explorar caminhos diferentes pra fazer as letras, o que acabou rendendo outras coisas bem legais no futuro, como *Inner Self*, *Arise*, *Dead Embryonic Cells*, então sim, ele definitivamente mudou a forma como escrevíamos as letras. Deixamos mais de lado aquela coisa típica do black metal e começamos a pegar influência das letras do Metallica e da galera do hardcore, como Black Flag e Dead Kennedys. Acho que estávamos olhando além dos limites ao nosso redor, tentando fazer algo diferente do que a maioria das bandas brutais estavam fazendo na época.

E essa é uma coisa que sempre curti na sua postura dentro do mundo da música: está sempre atento ao que rola e disposto a agregar elementos. Foi assim que o Sepultura se manteve em movimento, depois veio Nailbomb, Soulfly, e mesmo hoje, quando revisita o passado ao lado do seu irmão e seu filho, você se mantém atento ao momento atual com bandas como o próprio Soulfly, o Go Ahead and Die e o Killer Be Killed, que provavelmente é a coisa mais diferente que fez na sua carreira até hoje.

EU E O IGGOR QUE TROUXEMOS ESSE LADO MAIS PUNK, CRU E SELVAGEM PARA O SEPULTURA

Max: Cara, em primeiro lugar, muito obrigado por suas palavras, é muito legal ver que está acompanhando tudo isso, de verdade. E, bem, quanto à minha postura, acho que é derivada da minha curiosidade mesmo. Pra mim, o metal não é apenas um gênero estático, é um universo. E eu quero experimentar o máximo possível dentro desse universo, quero ver o que posso fazer com tudo isso que existe nesse universo. Para mim, foi muito legal ficar de olho e ver tantas coisas acontecendo, mas foi ainda mais legal quando pude pegar essas coisas e moldar da minha forma. Começar no black metal, e então fazer death, thrash, groove, industrial e até nu metal, tribal e até um pouco de doom em músicas do Soulfly como *Touching the Void* (N.R.: faixa de *Conquer*, de 2008), tudo isso foi incrível para mim, e fui privilegiado por poder me misturar e trabalhar com outros músicos para alcançar um outro nível, como foi com o Nailbomb e hoje é com o Killer Be Killed, que, sim, é brutalmente diferente de tudo mais que faço. Cara, tenho essa curiosidade de seguir em frente e encontrar sempre sons novos, mas sem nunca deixar de lado o metal, que é a minha paixão. O metal é a minha paixão, então, pode apostar, nunca farei algo longe do metal, ele sempre será a base da minha música. A coisa mais legal do metal é essa energia de poder ir além. Não existe nenhuma droga, não existe nada no mundo que te dê uma sensação parecida.

É verdade. Foi essa energia que também me fez abraçar o metal, depois de anos ouvindo apenas punk.

Max: Ah, nós também pegamos um bocado do punk, então é por isso que gostou de nós. O próprio nome *Schizophrenia* veio do Riistetyt, da Finlândia (N.R.: os finlandeses lançaram um disco chamado *Skitsofrenia* em 1983), e até *Arise*, que é um nome retirado do Amebix (N.R.: *Arise!* é título do álbum de estreia dos ingleses, lançado em 1985). Até hoje uma das coisas mais legais que fiz foi tocar com o Discharge na Inglaterra, tocamos *Protest Is Survive* e *Hear Nothing See Nothing Say Nothing*, foi um dos dias mais legais da minha vida. Eu e o Iggor sempre fomos o lado mais punk do Sepultura, o Paulo era mais Manowar e Rush, e o Andreas era mais Ozzy Osbourne, então eu e o Iggor que trouxemos esse lado mais punk, cru e selvagem para o Sepultura.

Gostaria de ver uma nova banda sua indo por esses lados, para o punk e crust punk.

Max: Seria bem legal mesmo. Esses dias o Iggor me mostrou uma banda que acho que é da Suécia, chamada Paranoid (N.R.: realmente a banda é sueca, embora aposte numa estética totalmente japonesa), e fiquei pensando no quanto essa música é legal. É feia, tosca, bruta, é só pra quem ama a coisa mesmo. Sei lá, seria de fato bem legal fazer algo nessa veia.

Você tem ideia de para quando podemos esperar um novo álbum de inéditas do Cavalera Conspiracy?

Max: Bom, agora que realizamos nossa ideia de regravar os primeiros do Sepultura, estamos abertos e prontos para seguir adiante. Mas antes existem outras coisas que devem sair. Em breve devemos lançar o novo do Soulfly, tem Go Ahead and Die, turnês e mais um milhão de coisas para acontecer. Mas é isso aí, com certeza teremos novidades em breve!

Clube de Revistas

Travis Shinn

SEMPRE ACELERANDO

Herman Li explica a ampla gama de estilos musicais no novo álbum, além de falar sobre a vida de 'streamer' e o passado e presente da guitarra

Por Daniel Dutra

O power metal levado ao extremo. E com orgulho. Este pode ser um resumo dos 25 anos de carreira do Dragonforce, hoje formado por Marc Hudson (vocal), Herman Li e Sam Totman (guitarras), Alicia Vigil (baixo) e Gee Anzalone (bateria). No entanto, a banda inglesa ainda encontra espaço para inserir uma surpresa aqui e acolá, como explicou Li, um dos fundadores, num bate-papo com a ROADIE CREW que foi muito além de *War Speed Warrios*, o novo e nono álbum de estúdio do quinteto. Não faltou tempo para assuntos bem interessantes. Confira.

São cinco anos desde *Extreme Power Metal*, o maior intervalo entre os álbuns do Dragonforce até agora. Houve uma pandemia no meio, e vocês precisaram parar com as turnês, ficar em casa, trabalhar em músicas novas, se reinventar... Como foi esse processo?

Herman Li: Os dois anos sem turnês foram bom para nós, na verdade. Estivemos ocupados o tempo todo, e esse período me ajudou a ficar atualizado sobre as coisas da banda, já que nós encerramos em 2018 o contrato com um empresário externo. Não estávamos felizes com a forma como ele conduzia as coisas, então passei a cuidar dessa parte, também, e é muito trabalho estar presente nas redes, empresariar a banda e ainda tocar. Esse tempo fora dos palcos me ajudou a organizar as coisas e, especialmente, a refletir sobre o que precisava ser feito, sendo que estivemos bastante ocupados o tempo todo durante a pandemia, no Twitch e no YouTube e, ao mesmo tempo, compondo o novo disco. Aprendi muita coisa nos últimos dois anos, e embora tenha sido um período horrível para o mundo todo, foi muito bom para que pudéssemos dar atenção e força ao Dragonforce.

E assim eu gostaria de falar sobre como a Napalm, a nova gravadora da banda, está promovendo *War Speed Warriors*, dizendo que o 'Dragonforce explora, mais do que nunca, uma gama ampla de estilos musicais variados'. Bom, nas suas palavras, o que seria essa 'gama ampla de estilos musicais variados'?

Herman: Boa observação. A cada lançamento, nossos discos estão ficando cada vez mais dinâmicos e diversificados. Não digo que um é melhor do que outro, porque são diferentes ainda que soem como Dragonforce. Ao ouvir *Doomsday Party*, você nota que é uma música diferente porque tem aquela "metranca", enquanto *Kingdom of Steel* é um tipo diferente de canção lenta, algo que não havíamos feito antes. E tem *Burning Heart*, que é uma faixa típica do Dragonforce, só que de uma maneira diferente, e ainda compusemos a clássica *Astro Warrior Anthem*. Ou seja, tem um pouco de tudo, e cada uma atualiza um pouco o som de modo que não fique sempre a mesma coisa. Nós realmente queremos dar o melhor na música que criamos com as grandes mentes que temos na banda.

E eu perguntei porque, para ser honesto com você, não ouvi nenhuma grande diferença. Bom, exceto por *Doomsday Party*, que é provavelmente a música menos do Dragonforce em toda a história da banda...

Herman: Ah, nós incorporamos as "metrancas" em nossa música desde o primeiro disco, e isso foi continuamente evoluindo nos álbuns seguintes. A melhor comparação que posso fazer em relação ao Dragonforce é que somos como um carro esportivo que existe há anos, e digo que somos um Porsche 911. Algumas pessoas preferem automóveis antigos, então, quando um novo é lançado, elas dizem que tem muita tecnologia, só que outras entendem que essa tecnologia traz inovação e melhorias para o carro. Os amantes de carros vão entender o que estou dizendo (risos), e não é diferente no Dragonforce. Estamos sempre melhorando, mas alguns fãs podem preferir menos variedade e apenas velocidade, o que não significa que não tocaremos mais as músicas rápidas, também.

Clube de Revistas

Mas há, de fato, uma surpresa no novo álbum que é o cover de *Wildest Dreams*, da Taylor Swift. E vocês, claro, o transformaram numa música do Dragonforce.

Herman: Eu ouvi essa música tantas vezes, e vou lhe contar por quê. Minha filha, que hoje tem 4 anos, chorava muito quando era bebê, e, para distraí-la, nós colocávamos vídeos da Taylor Swift para ela. No videoclipe de *Wildest Dreams* há vários animais, então eu também acabei gostando (risos), por isso sugeri fazermos uma versão power metal. E sim, ficou tão rápida quanto qualquer outra música nossa! (risos)

Há, também, os convidados especiais. Como foi escolher qual música Matt Heafy (Trivium), Alissa White-Gluz (Arch Enemy) e Elize Ryd (Amaranthe) iriam cantar?

Herman: Nós olhamos para cada uma que tínhamos e pensamos, por exemplo, que *Astro Warrior Anthem* ficaria legal com uma voz agressiva, então chamamos o Matt para cantar nela. Depois, pensamos: 'Por que não fazemos uma batalha de guitarra com algum amigo?', e aí chamamos a Nita Strauss, porque nos conhecemos há bastante tempo. E sempre achei que a Alissa é uma vocalista incrível, muito versátil, e como ela consegue fazer coisas mais brutais, imaginei que *Burning Heart* seria perfeita para a Alissa, porque é rápida. Eu não colocaria a voz do Arch Enemy para cantar uma balada, né? (risos) E o mesmo raciocínio serve para Elize, porque achamos que era a escolha ideal para *Doomsday Party*. Perguntamos a cada uma dessas pessoas se estariam interessadas, e, para a nossa sorte, todas aceitaram. Sinceramente, eu tinha medo de que alguém recusasse, porque aí teríamos que pensar em outros nomes, porque todos foram a nossa primeira opção.

De fato, ter os guturais da Alissa numa música do Dragonforce foi uma ideia interessante.

Herman: E eu realmente gostei dessa versão. Se os fãs não gostam desse tipo vocal, então podem ouvir a original. Só que a versão com ela é indiscutivelmente melhor, porque deu mais força para a canção.

Eu iria mesmo falar da Nita em seguida àquela pergunta, porque imagino como foi rejuvenescedor trocar solos com ela...

Herman: Foi muito divertido, cara! E como a Nita é fã da banda, há uma sensação de autenticidade na sua participação. E ela é incrível, né? Eu já a tinha visto ao vivo quando ela fazia parte da Iron Maidens, sendo que acompanho a carreira dela no Alice Cooper. Foi muito legal a Nita ter aceitado, porque sei que ela é muito ocupada.

Na primeira vez que ouvi falar do Dragonforce, li que a banda era rotulada como "extreme power metal", e vocês abraçaram isso ao lançar *Extreme Power Metal* (2019). No geral, como se sente em relação a isso?

Herman: Essa é uma história curiosa, porque, na verdade, eu falei para a gravadora, em 2003, que fizesse adesivos com a frase "extreme power metal" para que fossem colados nos CDs. Sabe, nós éramos jovens, e sempre queremos ser diferentes quando somos jovens (risos). Eu não queria que as pessoas achassem que éramos mais uma banda de power metal mid-tempo como Stratovarius, Rhapsody ou Angra, que são nomes que eu adoro, é bom ressaltar. O lance é que, quando começamos a banda, nosso objetivo já era ser diferente das que já existiam, para que as pessoas se interessem em ouvir nossa música. Foi por isso que pedi à gravadora que colasse aquele adesivo no *Sonic Firestorm* (2004), e em 2019 eu disse: 'Estamos de volta, porra! Mudanças aconteceram em nossas vidas, então vamos chamar esse disco de *Extreme Power Metal*'.

WAR SPEED WARRIORS
Napalm/Valhall Music/Soundcity Records - Nac.

E é curioso, porque eu pensei logo no Racer X depois de ouvir o Dragonforce pela primeira vez. Não em termos de estilo musical, mas de 'não tentem isso em casa, crianças' (risos). Faz sentido para você?

Herman: Totalmente! Eu fui muito influenciado pelos discos da Shrapnel Records, como aqueles do Racer X e do Cacophony. Tive influência das guitarras duplas do Iron Maiden e do Judas Priest, também, mas muito mais de guitarristas como Jason Becker, Marty Friedman, Paul Gilbert e Bruce Bouillet, que sempre foram instrumentistas insanos! Cara, eu ouvia aqueles álbuns sem parar, especialmente o Second Heat (N.R.: segundo trabalho do Racer X, de 1987) e os dois do Cacophony (N.R.: *Speed Metal Symphony*, de 1987, e *Go Off!*, de 1988). Eles foram além dos limites!

E com tudo isso que falamos até agora, eu ainda acho incrível que o Dragonforce tenha sido nomeado para o Grammy no quesito Best Metal Performance. No bom sentido, porque vocês impressionaram os membros da Academia tocando um estilo de difícil digestão para o público comum (N.R.: foi em 2008, e o Metallica levou a estatueta por *My Apocalypse*, faixa de *Death Magnetic*).

Herman: Muito bem colocado, cara! Sabe, o que aquele momento significou para nós foi a quantidade de trabalho duro que tivemos com as nossas guitarras desde a nossa juventude para chegarmos até onde estamos. Por isso, entendemos que foi como se nos dissessem 'reconhecemos que vocês trabalharam duro para isso'. Artistas da música julgam qual canção é melhor do que a outra, mas não se tratava disso para nós, e sim de que fomos reconhecidos, por pessoas que entendem do riscado, pelos nossos esforços dentro da nossa banda. E vou lhe contar uma coisa: em janeiro, aconteceu algo que foi possivelmente a maior coisa que o Dragonforce já fez: estávamos num comercial de TV dos playoffs da NFL, nos Estados Unidos. Foi ao ar durante o horário nobre, e era um comercial anunciando a animação "Meu Malvado Favorito 4"! Você tem ideia de que várias pessoas me mandaram mensagens?! A Nita Strauss foi a primeira pessoa a me avisar, dando os parabéns, então isso foi um grande acontecimento para nós. Mais uma vez, mostra que, depois de tantos anos, depois de tudo o que fizemos, continuamos na briga!

E qual o status do "parody album" que a banda supostamente iria lançar, porque ele pode trazer novos holofotes... (N.R. o disco terá versões divertidas de músicas do Rammstein, Amon Amarth, Blink-182 e Nightwish, entre outras).

Herman: Nós tocamos algumas das músicas ao vivo na última turnê pelos EUA, e inclusive gravamos boa parte delas enquanto fazíamos nosso novo álbum, só que não tivemos tempo de terminá-las. Todas estão pela metade. Temos as baterias gravadas e boa parte das guitarras, mas o que é falta é tempo, mesmo. No entanto, garanto que vai acontecer!

E como tem sido a experiência de um reconhecido músico e guitarrista no

Clube de Revistas

Travis Shinn

Sam Totman, Gee Anzalone, Herman Li, Marc Hudson e Alicia Vigil: power metal extremo, sim! E com muito orgulho

"QUANDO COMEÇAMOS A BANDA, NOSSO OBJETIVO JÁ ERA SER DIFERENTE DAS QUE JÁ EXISTIAM, PARA QUE AS PESSOAS SE INTERESSEM EM OUVIR NOSSA MÚSICA"

mundo dos criadores de conteúdo?

Herman: Ótima, cara! E nós fizemos várias coisas legais além de tocar música. Eu montei uma campanha de arrecadação de dinheiro para o tratamento do Jason Becker, para ajudar a família dele, e isso foi tanto no YouTube quanto no Twitch. Arrecadamos mais de meio milhão de dólares! Há também o lado educacional, porque falo sobre guitarra, ensinando crianças e jovens, e já analisei até as guitarras das músicas do Machine Gun Kelly (risos). É divertido fazer esses vídeos, e fico feliz por fazer parte da vida das pessoas, por levar entretenimento para elas, além, é claro, da minha música. E agora dizem que eu sou um "streamer" do YouTube e do Twitch! (risos)

Em vez de perguntar a você quem ou o que o fez querer tocar guitarra, aqui vai algo diferente: quem foi o último guitarrista que realmente mudou o jogo?

Herman: É uma boa pergunta (risos), e o melhor guitarrista dos últimos anos é o Tim Henson, do Polyphia. Ele tem a habilidade de pegar a guitarra e tocar de uma forma que não é comercial, só que é bem mais fácil de ouvir e inspira uma nova geração de músicos. Eu tenho certeza de que a Taylor Swift também inspirou muita gente a pegar uma guitarra, mas o que Tim tem feito é impressionante. A forma como ele condensa tudo o que toca e ainda coloca seu próprio estilo inspira muita gente a tentar fazer isso, também. Nunca pensei que a música instrumental de guitarra fosse voltar, mas isso está acontecendo com o Tim. Participei de uma live com ele e o Tosin Abasi, na qual nós três tocamos juntos *Through the Fire and Flames*, e foi muito legal ver como o Tim está melhorando a cada dia! Além disso, ele é um cara muito legal. Somos amigos.

E aqueles que vieram antes? Quais são os que você considera mais importantes para o instrumento?

Herman: Obviamente, Eddie Van Halen e Jimi Hendrix são as principais referências quando se fala de guitarra, mais do que Steve Vai e Joe Satriani. Porém, devo dizer que Vai foi quem mais me inspirou, principalmente por sua habilidade musical e no desenvolvimento de design de guitarras, porque ele quebrou barreiras quando desenvolveu a JEM. E também tem toda a sua generosidade, porque Vai é um cara tão bacana, sabe? Ele realmente merece o título de Deus da Guitarra.

Bom, eu fiz essas duas perguntas também por uma razão. Recentemente, Marty Friedman disse que prefere mastigar vidro a ouvir Jimi Hendrix, e é a opinião dele. Ponto final. Mas você tem alguma opinião tão controversa quanto essa?

Herman: (rindo) Olha, eu tenho algumas que surgiram recentemente no YouTube (risos). Eu estava falando sobre o Machine Gun Kelly, sobre ele como guitarrista e como artista, e muita gente estava falando merda sobre a mais recente guitarra criada pelo cara, então eu disse: 'Se ele começou a fazer guitarras e todo mundo gostou delas, então ele está fazendo algo errado', porque o Gun Kelly é um cara rebelde, que não está nem aí para a opinião de ninguém. Ele é o cara que foi destruído pelo Eminem, brigou para voltar e agora está aí, por isso tiro o meu chapéu para ele. Não é o melhor guitarrista nem o melhor rapper, só que ainda assim faz a coisa funcionar porque quer. Portanto, a vontade e o esforço definitivamente vencem o talento.

Para terminar, estamos no ano do 25º aniversário do Dragonforce. O novo álbum está aí, mas tem algo a mais planejado para celebrar?

Herman: Na verdade, não temos nenhum plano porque todo ano é o Ano do Dragão para nós, inclusive este (risos). Falando sério, eu não sei. Não pensamos em nada especial, mas temos um disco novo e várias surpresas, e uma característica nossa é fazer coisas legais independentemente de datas como essa, então, já que você mencionou, quem sabe? Realmente, 2024 é o Ano do Dragão e, também, o nosso 25º aniversário, ou seja, estou nessa há mais da metade da minha vida! E tem outra coisa: meu segundo filho nasceu, então estou com as mãos bastante ocupadas (risos). Não vai dar para fazer nada muito especial em comemoração ao aniversário do Dragonforce (risos).

Obrigado pelo papo, Herman, e o espaço final é todo seu.

Herman: Obrigado a você, porque foram perguntas nada usuais, e muito obrigado a todos no Brasil, especialmente aos nossos fãs! Ouço o tempo todo vocês dizendo 'come to Brazil!' (risos), então (N.R.: falando em português): Obrigado! Sempre estamos em contato com produtores para tentar levar o Dragonforce aí o quanto antes! Adoro o Brasil, adoro a comida brasileira e gosto demais de jiu-jitsu então o seu país é uma parte de mim!

Clube de Revistas

POWER PROG METAL
DO BRASIL PARA O MUNDO

AURO
CONTROL

AURO CONTROL LANÇA SEU ÁLBUM DE ESTREIA COM PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

PRODUZIDO POR
THIAGO BIANCHI

LANÇADO POR
GRAVADORAS DO
BRASIL, JAPÃO
E EUROPA

DISPONÍVEL
EM TODAS AS
PLATAFORMAS
DIGITAIS

LANÇAMENTO
CD DIGIPACK

JEFF SCOTT SOTO

AQUILES PRIESTER

THIAGO BIANCHI

AIACE

FÁBIO LAGUNA

ANDRÉ MAGALHÃES

FELIPE ANDREOLI

MADE IN BAHIA

WWW.AUROCONTROL.COM.BR

Clube de Revistas

Matt Wells

Dan Mullins, Shaun MacGowan, Aaron Stainthorpe, Neil Blanchett, Andrew Craighan e Lena Abé, com a formação novamente estável, reis do doom voltam ao topo do jogo

MY DYING BRIDE

COM O CORAÇÃO AINDA FARINTO

Superadas as dificuldades que marcaram *The Ghost of Orion*, ingleses retornam ao topo com o novo *A Mortal Binding*

Por Valtemir Amler

Tornar-se uma banda lendária em um país que tradicionalmente reina no mundo da música pesada não é tarefa das mais fáceis, mas o grupo sempre liderado pelos fundadores Aaron Stainthorpe (vocal) e Andrew Craighan (guitarra) vêm conseguindo se manter entre os grandes da Inglaterra. Criado em Halifax, em 1990, o My Dying Bride teve seu primeiro álbum completo, *As the Flowers Withers*, lançado em 1992, e quase que imediatamente passou a integrar o famigerado grupo apelidado 'The Peaceville Three', o grupo dos três gigantes do doom/death da gravadora britânica Peaceville Records, honra que dividia com os compatriotas do Paradise Lost e Anathema. Embora nunca tenham conseguido enorme sucesso comercial, o grupo de Halifax emplacou clássicos com *Turn Loose the Swans* (1993) e *The Angel and the Dark River* (1995), além de ter conseguido torcer o nariz de muitos de seus fãs com o experimental *34.788%... Complete* (1998), algo que também aconteceu com seus antigos parceiros de Peaceville Three. Porém, embora com a presença cada vez mais maciça de vocais limpos, eles nunca deixaram o death metal de lado, e o equilíbrio entre os elementos lúgubres do doom e das características densas e pesadas do death continuam uma marca persistente em *A Mortal Binding*, a mais nova oferta de estúdio dos ingleses. Em uma manhã tão cinza quanto qualquer outra na Inglaterra, Andrew Craighan conversou conosco e contou histórias que vão do início da sua jornada ao mais novo registro da banda que ajudou o doom/death a ter uma cara própria.

O último álbum de vocês, *The Ghost of Orion*, foi lançado em 2020, e felizmente o mundo mudou muito desde então. As turnês são novamente possíveis, ensaios podem ser feitos com confiança e sem violar normas de saúde pública e sei que tudo isso surte efeito na mentalidade de uma banda. Talvez por isso o novo *A Mortal Binding* se mostre um passo mais confiante, certo?

Andrew Craighan: Sim, acho que você percebeu que existe uma mudança deliberada nesse novo álbum, ele busca um caminho um pouco diferente. O destaque na nossa forma de trabalhar é que sempre olhamos para o álbum anterior e focamos em não repetir o que fizemos nele. *The Ghost of Orion* marcou um momento, assim como seus antecessores fizeram, e sempre vamos tentar não emular aquele mesmo momento no estúdio, principalmente porque queremos que as coisas sejam novas e excitantes para nós e para nossos fãs também. Dito isso, acho que a principal diferença para mostrar essa banda mais confiante que você mencionou, foi o fato de que desta vez temos uma formação estável. Quando a formação está toda alquebrada, como foi o caso em *The Ghost of Orion*, fica muito difícil fazer as coisas básicas que uma banda precisa fazer, como ensaiar e compor. Na época do álbum anterior,

Clube de Revistas

compus a maior parte de todo aquele material sozinho aqui, nesta mesma sala em que falo com você. Embora isso seja possível e gere um resultado satisfatório, nem de longe é algo que eu aprecie tanto quanto compor com uma banda em um ensaio, sentindo a vibração real de uma banda imediatamente quando uma parte da música acaba de nascer.

Lembro disso. Hoje é bem documentado que o My Dying Bride passava por uma grande reformulação na época e foi justamente nesse período que *The Ghost of Orion* começou a tomar forma.

Andrew: Sim, então foi um processo meio esquisito, compor sozinho e ensaiar com uma banda muito desfalcada foi bem longe do ideal.

Ainda assim, conseguiram um bom resultado, gosto daquele álbum.

Andrew: Muito obrigado. Sabe, acho que o resultado não foi tão diferente porque, desde o início, a maior parte da música sempre foi feita por mim. Tem sido assim desde o primeiro dia, então creio que isso meio que sempre garantirá que aqueles que gostam de nós gostem do álbum, e que aqueles que não gostam, nunca gostarão (risos). Mas, fato é que gosto que cada instrumentista adicione sua experiência e referência própria naquele núcleo musical que apresento. É assim que algo bom se torna superior, pois engloba a visão de pessoas diferentes. Em *A Mortal Binding* tivemos isso novamente, um time trabalhando unido na composição.

Além disso, desta vez você parece ter conseguido alguns riffs que se sobressaem na sua discografia recente.

Andrew: Que bom ouvir isso, Valtemir, muito obrigado! Sabe, isso é parte daquela postura que mencionei antes, a de sempre pensar: 'Não vamos fazer agora aquilo que fizemos no álbum anterior'. Quando comecei a trabalhar neste novo álbum, a primeira ideia que tive foi justamente escrever alguns riffs maiores, mais intensos. Não estava procurando necessariamente algo superpesado, mas algo que evocasse uma densidade maior. Não exatamente algo rápido, jamais faremos algo rápido (risos), mas intenso. Realmente dediquei um esforço extra na parte das guitarras desta vez, e isso naturalmente refletiu nos outros instrumentos, então, no geral acho que *A Mortal Binding* é um álbum mais pesado, mais intenso que o anterior. Parte disso foi essa busca que tivemos por uma plataforma musical que fosse mais adequada à inserção de vocais death metal, partes que pedissem por vocais extremos.

Adoro isso.

Andrew: Ah, eu também (risos). A verdade é que isso é algo que gostaria que acontecesse a todo momento, mas não sei se Aaron (Stainthorpe, vocal) iria adorar nesse ponto (risos gerais). Além disso, tentamos manter as coisas simples: sem músicos de fora, sem convidados para os vocais, embora isso tenha funcionado muito bem em *The Ghost of Orion*, apenas queríamos manter esse como um álbum do My Dying Bride à moda antiga, apenas a banda detonando e dando o seu melhor, sem truques ou firulas desnecessárias. Resumindo: queríamos dar vida nova a algo que sabíamos que poderíamos fazer, mas que havíamos esquecido de tentar.

E quanto ao processo lírico?

Andrew: Nossa única preocupação foi não trazer ainda mais trevas para o mundo. Você sabe, o mundo já é tão horrível, já existem tantas nuvens negras no céu, as pessoas não precisam que o My Dying Bride chegue e jogue ainda mais uma pá de terra nesse monte de ódio, tristeza e agonia que nosso mundo se transformou.

A MORTAL BINDING
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Bem, acho que essa frase acabou de fazer isso.

Andrew: É verdade (risos gerais). Bem, não estava tentando ser negativo ou pessimista, só queria dizer que tentamos focar um pouco mais no lado positivo das coisas (risos).

Logo na abertura, vocês já atacam com uma faixa pesada, *Her Dominion*. Na verdade, é uma das mais pesadas do álbum e conta com ótimos vocais extremos.

Andrew: Acredite ou não, a ideia para essa canção veio do Black Sabbath. Claro que não soa parecido, mas fui influenciado por um detalhe de *War Pigs*. Sabe aquela parte em que Ozzy canta os versos e entre um e outro verso existe um breakdown marcado pela guitarra do Tony Iommi? Eu queria esse efeito, queria um breakdown assim na nossa música. Decidido isso, a parte difícil foi decidir se teríamos vocais limpos ou extremos. Escrevemos toda a música, mas não conseguimos decidir qual seria a melhor abordagem vocal, então deixamos tudo na mão do Aaron. A primeira vez que ele nos mostrou o que tinha feito, aqueles vocais de death metal, pensamos: 'Caralho, é isso, nem nos mostre a outra versão!' (risos gerais).

Mas não é só isso, vocês usaram feedback naqueles riffs, não?

Andrew: Você tem um bom ouvido (risos gerais). É isso mesmo, usamos feedback, que é algo que não fazíamos há muito tempo (N.R.: a técnica de feedback consiste em manter o volume do amplificador tão alto que ele faça as cordas da guitarra vibrarem, criando um muro de som que só termina quando você abafa as cordas ou abaixa o volume da guitarra ou amplificador). Esse é um recurso que não usávamos desde a *Black Voyage* (N.R.: faixa do álbum *The Angel and the Dark River*, de 1995). Isso ilustra aquilo que disse antes, sobre olhar para o nosso passado em busca de uma referência, mas tentando fazer algo novo.

Muito bom. E, gostei de saber que existe uma referência ao Black Sabbath aqui, mesmo que não seja perceptível sem uma explicação.

Andrew: Pois é, Black Sabbath é uma das nossas bandas preferidas, eles têm alguns dos meus riffs preferidos, mas nunca tínhamos feito algo assim antes, então, eu meio que roubei uma ideia deles, mas foi com a melhor das intenções (risos).

Foi do Black Sabbath o primeiro riff que você tocou numa guitarra?

Andrew: Na verdade, não. O primeiro de todos foi *Freebird*, do Lynyrd Skynyrd.

Nem ferrando.

Andrew: Foi, sim (risos gerais). Sei que não combina com a minha personalidade, mas estou falando a verdade (rindo muito). Você sabe, tinha que ser algo fácil o suficiente para que um iniciante conseguisse, e popular e meloso o suficiente para impressionar as garotas da escola (risos). Depois vieram os riffs inevitáveis para iniciantes, *Smoke on the Water* (Deep Purple) e *Paranoid* (Black Sabbath).

Clube de Revistas

CLASSICREW

1974 DEEP PURPLE
Stormbringer

"Foi a maior vergonha da história do rock'n'roll." Assim, sem meias palavras Jon Lord definiu a saída de Ian Gillan e Roger Glover do Deep Purple após o lançamento de *Who Do We Think We Are* (1973). "Deus sabe o que aquela formação poderia ter feito nos três ou quatro anos seguintes", completou ele.

Porém, o time que se seguiu, com David Coverdale e Glenn Hughes no lugar dos músicos que saíram, se mostrou, ao menos num primeiro momento, tão profícua quanto a chamada MK II. O primeiro disco, *Burn* (1974), mostrou-se um clássico do nível de *In Rock*, lançado quatro anos antes. Ao álbum seguiram-se mais uma tour e mais uma temporada no estúdio, para a gravação do próximo trabalho.

Assim, apenas nove meses após o lançamento de *Burn*, saía *Stormbringer*, que ficou marcado por uma muito discutida mudança no estilo do quinteto. Claramente influenciado por Hughes, que assumiu também o vocal principal em algumas faixas, o novo disco tinha uma orientação muito mais voltada para o funk e para o blues, o que causou fissuras internas. Com produção de Martin Birch e da própria banda e gravado nos estúdios Musicland, em Munique, e Record Plant, em Los Angeles, *Stormbringer* saiu em 8 de novembro e causou estranhamento e m muitos fãs. Afinal, as harmonias vocais trazidas por David e Glenn, além do novo direcionamento sonoro mostravam um considerável afastamento do som que o Deep Purple costumava fazer.

Prova maior disso aconteceu quando Hughes cruzou no estúdio com seu grande ídolo Stevie Wonder. O baixista convidou Wonder a ir à sala de gravação do Purple e tocou para ele *You Can't Do it Right*. Stevie esperou a música acabar, passou a mão no rosto de Hughes e perguntou: "Tem certeza que você é mesmo branco?" Hughes diz que ele se sentiu "em nirvana".

A crítica fez algumas ressalvas ao novo trabalho, mas reconheceu que ali havia um material de qualidade. Já o público deixou claro que preferia os discos anteriores, certificando *Stormbringer* Disco de Ouro apenas nos EUA e na França. Foi também o primeiro álbum da banda a não atingir o topo das paradas desde *Deep Purple* (1969).

No entanto, Ritchie Blackmore ficou muito insatisfeito com o Purple daquele momento. Chamou o que estavam fazendo de "showshine music" e pediu as contas. Glenn Hughes não concordou com ele. "Por favor, ouçam esse disco!" disse ele. "Blackmore está muito funky, goste ele ou não. Ele tocou maravilhosamente nesse álbum!"

Antonio Carlos Monteiro

W.A.S.P. 1984
W.A.S.P.

Com o fim do infrutífero Circus Circus, os parceiros Blackie Lawless (vocal e guitarra) e Randy Pipper (guitarra) recrutaram Rik Fox (baixo) e Tony Richards (bateria) e formaram o selvagem W.A.S.P. O ano era 1982 e a banda chegou chocando a cena de Los Angeles com suas horripilantes performances teatrais. Era heavy metal, terror, BDSM, modelos seminuas e encapuzadas, fogo e carne crua dilacerada a machadadas e atirada na plateia, além de discursos sexualmente pervertidos de Lawless. Assistir um show do W.A.S.P. era como estar em um circo dos horrores.

Mas e a música? Era positivamente tão impactante quanto a banda no palco. Porém, antes de lançar seu homônimo álbum de estreia, o W.A.S.P. foi reformulado. Saiu Fox e chegou o tresloucado guitarrista Chris Holmes, enquanto Lawless trocou seis cordas por quatro.

Quando *W.A.S.P.* – prensado na Europa como *Winged Assassins* – foi lançado, o single e clipe da encorajadora *I Wanna Be Somebody* renderam ao grupo uma legião de fãs. *L.O.V.E. Machine* (dos tempos de Circus Circus) veio na sequência com clipe dirigido por Rich Rosenthal, o mesmo do filme "Halloween II", e só fez crescer o exército de maníacos pela banda. Além desses, também foi lançado um vídeo para *Tormentor*, mostrando um pouco do que era um show do W.A.S.P. – essa música está presente nos filmes "Ghost Warrior", "The Dungeonmaster" e "TerrorVision".

A qualidade de *W.A.S.P.* não se resumia aos singles: todas as faixas se tornaram queridas dos fãs. *The Flame* é minha preferida. As impiedosas *B.A.D.*, *School Daze*, *Hellion*, *On Your Knees* e *The Torture Never Stops* também estão entre as mais viscerais da carreira do grupo, enquanto que a belíssima *Sleeping (In the Fire)* dá um tom de dramaticidade à obra.

Este texto não poderia ser encerrado sem falar de alguma polêmica. Claro, o W.A.S.P. era alvo delas. Na versão regular de *W.A.S.P.*, a faixa *Animal (Fuck Like a Beast)* foi deixada de fora. Com teor lírico propício para o cancelamento dos dias atuais, o single prévio causou repulsa no P.M.R.C., que a incluiu em sua lista "Filthy 15". Isso motivou a gravadora

Capitol Records a pressionar o W.A.S.P. a não incluí-la no disco, evitando assim o boicote das lojas. De todo modo, enquanto o comitê das "Esposas de Washington" (P.M.R.C.) tentava cercear a liberdade de expressão da banda, a aceitação do público rendeu ao *W.A.S.P.* Disco de Ouro nos Estados Unidos, Canadá, Finlândia e Japão. Foi um belo "chupa!" aos retrógrados conservadores da época.

Leandro Nogueira Coppi

Globe de Revistas

1994 SAVATAGE
Handful of Rain

"Foi um grande e dedicado esforço coletivo, para que tivéssemos um disco forte e bem feito depois da tragédia", disse o vocalista Zak Stevens a este repórter sobre o nono trabalho do Savatage. *Handful of Rain* chegou às lojas no dia 16 de agosto de 1994, dez meses depois da morte de Criss Oliva – em 17 de outubro de 1993, um motorista bêbado entrou na contramão de uma estrada em Tampa e atingiu o carro do guitarrista, que faleceu na hora.

"Quando recebemos o telefonema com a notícia da morte do Criss, ficamos todos em choque. Pensei: 'A banda acabou', porque ninguém sequer conseguia falar sobre Savatage! Ele era fundador, ainda estava na formação, compunha toneladas de músicas com o Jon... Parecia impossível continuar", lembra Stevens. Mas foi possível, e da perda irreparável o Savatage deu vida a um de seus melhores álbuns.

Jon Oliva, que havia saído antes de *Edge of Thorns* (1993), retornou para organizar a casa junto com Paul O'Neill (1956-2017), produtor, arranjador, compositor e letrista que se tornara o mentor da banda desde *Hall of the Mountain King* (1987). "Juntos, esses dois eram uma força maior quando o assunto era música, em especial a do Savatage", diz Stevens. E foi assim que o quarteto meteu a mão na massa.

Mas não o quarteto ao qual os fãs estavam acostumados, porque Johnny Lee Middleton (baixo) e Steve Wacholz (bateria) só aparecem na foto – o último sequer saiu em turnê, sendo substituído por Jeff Plate. Jon gravou guitarra base, com ajuda de O'Neill, baixo e a maioria das baterias do disco. "Eu mesmo ajudei um pouco com a bateria, gravando algumas partes adicionais e uns overdubs aqui e ali", revelou Stevens, responsável por todos os vocais principais.

Para honrar o lugar deixado por Criss, o Savatage chamou o então ex-Testament Alex Skolnick, que gravou todos os solos e caiu na estrada com a banda. Contando com duas músicas coescritas com Criss – as pesadas *Taunting Cobras* e *Nothing's Going on* –, *Handful of Rain* apresenta verdadeiras joias, como a faixa-título, na qual o sempre excelente Stevens dá aula, e as belíssimas *Stare Into the Sun* e *Watching You Fall*, com Skolnick esbanjando feeling.

Porém, duas músicas se destacam: *Chance*, "uma coisa monumentalmente épica, mas com groove e vocais em contraponto", resume Stevens; e a emocionante *Alone You Breathe*, que fala sobre a perda de Criss e oinclui trechos de *Believe*, de *Streets: A Rock Opera* (1991). "Hoje em dia, consigo ouvi-la, porque durante muito tempo eu chorava até secar com ela", diz o vocalista, que não está sozinho nisso.

Daniel Dutra

2004 EDGUY
Hellfire Club

A fórmula vinha sendo repetida desde os anos 80: a cada nova geração, ao soprar de cada novo vento, a Alemanha sempre aparecia com a nova sensação daquilo que nos acostumamos a chamar de power metal melódico. Se foi assim nos anos 80 com Helloween e nos 90 com Blind Guardian, para muitos, aquele princípio do novo milênio confirmava de vez a soberania do Edguy sobre seus congêneres germânicos, garantindo ao quinteto uma carreira de renome mundial. E, muito embora eles viessem a se distanciar mais e mais do gênero que os consagrou com o passar dos anos, a verdade é que, naquela primeira metade dos anos 2000, Tobias Sammet e seus colegas de banda ainda navegavam suavemente na fama que os álbuns anteriores haviam garantido. Portanto, qual era o sentido de arriscar?

Bem, já que estamos falando "verdades", que também fique claro que Sammet (voz e teclados), Dirk Sauer (guitarra), Jens Ludwig (guitarra), Tobias Exxel (baixo) e Felix Bohnke (bateria) estavam sim tranquilos quanto ao que o futuro reservava, mas não sossegados. As glórias do passado eram uma garantia de segurança para fãs e gravadora, mas o quinteto via isso justamente como uma oportunidade excelente de dar passos ainda mais largos, tornando mais e mais evidentes alguns dos elementos que já transpareciam em *Mandrake* (2001) e seus antecessores.

Trazendo toda a grandiosidade da Orquestra Filarmônica de Babelsberg e contanto com participações especiais de gente como Amanda Somerville (Kiske/Somerville, HDK), Oliver Hartmann (At Vance) e Mille Petrozza (Kreator), o álbum mostra um ótimo balanço entre os tradicionais elementos de power e sinfônico que sempre fizeram parte da música do Edguy, mas deixava mais claras as referências ao hard rock clássico e ao hair metal, que se tornariam ainda mais presentes nos álbuns seguintes. Assim, você ouvia na faixa de abertura, *Mysteria*, aquelas linhas de voz e bumbos duplos típicos do power metal, ao passo que as guitarras mergulhavam no hard rock, especialmente no refrão.

O 'breakdown', no meio da música, faz lembrar as ótimas passagens ambientais e harmoniosas típicas do Uriah Heep dos anos 70, enquanto o peso, em outros momentos, é tipicamente heavy. Essas mil referências, executadas amiúde e balanceadas com esmero, acabam atingindo a perfeição em *King of Fools*, a mais reverenciada do álbum, e *Lavatory Love Machine*, que é puro hard rock.

Valtemir Amler

Clube de Revistas

HIDDEN TRACKS

L'ESPRIT DU CLAN

ORIGEM:
França

ÉPOCA:
Anos 2000

ESTILO:
Metalcore

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Chamka (guitarra), Arsene (vocal), Shiro (vocal), Ben (guitarra), Clém (baixo) e Bastos (bateria)

DISCOGRAFIA:
Chapitre 0 EP (1999), Chapitre 1 (2002), Chapitre II: Révérence (2005), Chapitre III: Corpus Delicti (2007), Chapitre IV: L'enfer c'est le Notre (2009), Chapitre V: Drama (2011) e Chapitre VI (2016)

Por Valtemir Amler

Com o advento de bandas seminais para o cenário (como Gojira e Alcest), o estabelecimento de grandes festivais (como o Hellfest) e importantes selos dedicados à música pesada (como Season of Mist e Osmose), é de se esperar que a França acabe ocupando um papel de maior protagonismo no metal em um futuro não tão distante, e já é possível ver algumas mudanças, especialmente quando se trata da música extrema, que vem revelando ótimos nomes por aquelas terras. Porém, a realidade para as bandas francesas no cenário global nem sempre foi das melhores. Enquanto as bandas sentiam uma espécie de resistência ou indiferença pelo seu trabalho além das suas fronteiras nacionais, os pequenos cenários locais foram se fortalecendo mais e mais, e assim muitas novas formações foram surgindo e se estabelecendo com solidez na cena local. E, como é de se imaginar, muitos desses nomes faziam (e ainda fazem) ótima música pesada, como é o caso da nossa atração de hoje, o L'Esprit Du Clan.

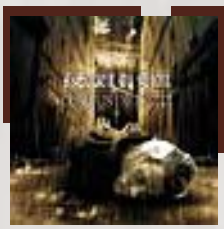
Divulgação

Formada em Paris em meados dos anos 90, o L'Esprit Du Clan compartilha daquela origem que é comum para muitas bandas do underground em todo o planeta: um certo dia, um grupo de garotos se cruza em uma escola secundária nos subúrbios. Com o tempo, eles percebem que compartilham do mesmo gosto musical e que todos sonham em fazer mais do que apenas ouvir a música que amavam. Esses jovens compram seus primeiros instrumentos, começam a aprender a tocar basicamente ao mesmo tempo em que compõe suas primeiras canções, e assim nasce o L'Esprit Du Clan. No início, a predileção por música visceral, rápida e pesada aliada a letras que exploram temas sociais guiou os seis garotos pelos caminhos do hardcore, e foi ali que nasceu *Chapitre 0*, EP de cinco faixas que abre a discografia dos franceses. Trabalhado completamente no esquema "faça você mesmo", o disco foi teve uma promoção tão bem elaborada e críticas tão positivas que eles logo romperam os limites da França e partiram em uma turnê pela Europa ao lado do lendário Merauder, dos EUA. Foi justamente nessa época que eles começaram a pensar em seu próximo passo, que seria justamente o primeiro álbum completo. Assim, Cyril "Chamka" Farrugia (guitarra), Yann "Arsene" Le Corre (vocal), Joan "Shiro" Lollia (vocal), Benjamin "Ben" Tondeur (guitarra), Clément "Clém" Hanvic (baixo) e Nicolas Bastos (bateria, ex-Dagoba) se uniram ao produtor Stéphane Joachim e daí nasceu *Chapitre 1* (2002), lançado originalmente pelo pequeno selo local La Casta, mas com distribuição mundial via Virgin Records.

Com a tradição de shows viscerais e música pungente, eles foram mais e mais firmando o nome no cenário, e em 2005 veio o segundo álbum, *Chapitre II: Révérance*. As turnês cada vez maiores acabaram ampliando os horizontes da banda, e cada vez mais o metal ia migrando para o núcleo das composições. Isso ficaria ainda mais evidente quando, em 2007, trabalharam com o produtor Stéphane Buriez (guitarrista e vocalista do Sinsaenum e Loudblast, e produtor de bandas como Himinbjorg e Behemoth) em seu terceiro álbum, *Chapitre III: Corpus Delicti*. Já completamente inseridos no mundo do metal, e com presença constante nos festivais do estilo, eles partiram para aquele que é o favorito de muitos fãs, *Chapitre IV: L'enfer c'est le Notre*. Masterizado no Antfarm Studio, da Dinamarca por Tue Madsen (Aborted, Dark Tranquillity, Gorefest e muitos outros), o álbum de 2009 foi o passo definitivo do sexteto para o mundo do metalcore. A banda começava a ser mencionada como referência para os novos nomes que iam surgindo especialmente pela Europa.

Em 2011, não foi de estranhar que eles mantivessem as coisas como estavam, já que a banda continuava crescendo. Assim, *Chapitre V: Drama* é muito mais uma continuação do que um reinício, e manteve o sexteto nos holofotes da cena francesa. O mesmo não pode ser dito de *Chapitre VI*, de 2016, que levou a banda a um novo selo, e pela primeira vez, a uma nova formação, agora como quinteto, com Arsene, Chamka e Ben dividindo os trabalhos com Vincent Wallois (bateria) e Julien Bouladoux (baixo). Desde então, a banda não apresentou novos álbuns.

Chapitre 1 (2002)


Chapitre III: Corpus Delicti (2007)

Chapitre V: Drama (2011)

Chapitre VI (2016)

Clube de Revistas

NOVO CD AO VIVO DO CARRO BOMBA COMEMORANDO 20 ANOS DE ESTRADA

CARRO BOMBA

ESMIGALHANDO AO VIVO

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify DEEZER amazon Prime Music Available on iTunes

www.carrobombaoficial.com.br

HEAVY METAL ROCK DESDE 1983

DORO *WARRIOR SOUL*

CHEGANDO EM BREVE o décimo álbum da vocalista alemã de Heavy Metal, lançado originalmente em 2006, relançado em 2024 em parceria com a Hellion Records em versão com slipcase e 2 faixas bônus.

ENSIFERUM *WINTER STORM*

CHEGANDO EM BREVE o nono álbum de estúdio da sensação do folk-metal de Helsinki, Finlândia. Participações especiais de Lassi Logrén, Mikko Mustonen e Madeleine Liljestam da banda Eleine.

arte: www.dduartedesign.com

CONFIRA NOSSO CATÁLOGO ONLINE

WWW.HMROCK.COM.BR

CDS, DVDS, LPS, VESTUÁRIOS, CALÇADOS, ACESSÓRIOS E MUITO MAIS!

HEAVY METAL ROCK

RUA 30 DE JULHO, 244 - AMERICANA/SP - CEP 13465-500

FONE: (19) 3461-8664 - INFO@HMROCK.COM.BR

/HMRock83 /HeavyMetalRock83 /HeavyMetalRock83 /HMRock (19) 99481-8669

Clube de Revistas

Evergrey

TEORIA DA EXCELÊNCIA

Mais ativo na composição das músicas, Johan Niemann explica o novo álbum e analisa a constante ascensão em qualidade da banda sueca nos últimos anos

Por Daniel Dutra

O Evergrey não é uma banda grande a ponto de sofrer pressão, assim como pode não estar efetivamente no rol do (metal) progressivo. Esses foram debates trazidos pelo baixista Johan Niemann durante o bate-papo sobre *Theories of Emptiness*, o 14º álbum de inéditas da banda sueca – completada pelo líder Tom S. Englund (guitarra e vocal) junto a Henrik Danhage (guitarra), Rikard Zander (teclados) e Johan Niemann (baixo) e o recém-chegado Simen Sandnes (bateria), que substituiu Jonas Ekdahl antes do lançamento do novo trabalho. Bastante presente no processo de composição do disco, Niemann deu perspectivas interessantes sobre o alto nível presente do quinteto, que vem de uma sequência de lançamentos de fato impressionantes.

Ano passado, o Evergrey tocou na primeira edição do Summer Breeze no Brasil, e foi uma situação diferente mesmo no festival, porque o local era um teatro. A banda fez um dos melhores shows do evento, mas como foi a experiência para vocês?

Johan Niemann: Foi ótima! É claro que talvez não tenha sido o melhor horário para tocar, já que era muito tarde, mas foi diferente e também divertido. Tivemos que dormir bem na noite anterior para não cairmos no sono em cima do palco no dia do show (risos). Tirando isso, no entanto, foi uma ótima apresentação! Na verdade, é assim todas as vezes, porque nos sentimos extremamente bem recebidos em seu lindo país. As pessoas aí são muito amigáveis e ficam felizes em nos ver, por isso somos verdadeiramente gratos de poder voltar sempre ao Brasil.

Vamos falar sobre *Theories of Emptiness*. Como foi o processo criativo depois de *A Heartless Portrait (The Orphean Testament)* (2022), que é um dos melhores trabalhos do Evergrey? Houve alguma pressão?

Johan: Na verdade, não, porque a única pressão é a que nós colocamos sobre nós mesmos. Temos a sorte de não sermos uma banda grande, daquelas que as pessoas criam muitas expectativas, e também não temos uma gravadora grande para nos ameaçar em termos do que fazer num álbum. Por isso, a única pressão é a que nós mesmos colocamos para que façamos o melhor disco possível. Além disso, o processo é sempre o mesmo, independentemente de qualquer coisa, e a única coisa diferente desta vez foi que, quando começamos a conversar sobre compor, ninguém tinha nada pronto além de mim. Como eu tinha uma tonelada de ideias, perguntei se queriam ouvir o que eu havia composto, aí mandei umas dez ou 15 demos, todas inacabadas, e Tom achou todas elas ótimas. Ele e o Jonas começaram a trabalhar nelas, porque o que eu componho não são ideias totalmente prontas, e eu disse: 'Façam o que quiserem com elas', porque era mesmo para eles aproveitarem o que quisessem para que se tornassem músicas do Evergrey. No fim, foi exatamente o que Tom e Jonas fizeram, sendo que depois ainda mandei o restante para que eles fizessem o mesmo, ou seja, usar o que quisessem como quisessem. E foram mais 45 ideias de músicas! (risos)

THEORIES OF EMPTINESS
Napalm/Shinigami - Nac.

Essa é uma parte interessante, já que é senso comum que as ideais partem primordialmente do Tom, que depois passou a ter o Jonas como braço-direito. Ou seja, ter um terceiro elemento, que no caso é você, pode até mesmo trazer ares mais frescos para a banda.

Johan: Faz total sentido. Eu sempre estive em bandas e compus músicas antes, mas sabe qual era o problema? Por ter sido um pouco tecnofóbico, só fui ter um computador pela primeira vez há alguns anos, e isso porque o Jonas precisou de um baixo para o seu estúdio caseiro. Eu cedi um dos meus para ele, que achou que deveria me dar algo em troca, então apareceu lá em casa com um computador que não estava usando (risos). Depois disso, instalei programas de músicas e todas essas coisas relacionadas à tecnologia de estúdio, e aí passei a trabalhar em tudo que eu havia guardado na cabeça por tantos anos.

E permita-me explicar por que abordei a questão da pressão: pelo fato de o Evergrey vir de uma trinca de álbuns absolutamente incrível (N.R.: os outros são *The Atlantic*, de 2019, e *Escape of the Phoenix*, de 2021). E a banda fez isso, elevar o nível do próprio jogo, num curto período de tempo...

Johan: Entendo o que você quer dizer, porque eu mesmo tenho altas expectativas sobre outras bandas (risos). Quando o Metallica diz que vai lançar um disco novo, eu sei como eu quero que ele soe, tenho certas expectativas, mas talvez isso seja diferente quando você compõe música para a sua banda. Não sei se faz sentido, mas acredito que, no fim das contas, o sentimento seja o mesmo.

Sim, faz. Por falar em expectativa, aliás, quando li a lista de faixas, pensei que a faixa-título seria um prog metal épico, mas fui surpreendido com uma combinação de piano, baixo fretless e aquela narração infantil. Acabou sendo um encerramento perfeito, mas como vocês chegaram a esse resultado?

Johan: Quando reunimos o material, havia algumas canções que todos concordamos sobre o lugar em que entrariam no disco. *Theories of Emptiness* foi uma das ideias que eu compus e mandei para o Tom, e eu achava que ela seria o coração de uma música ou que deveria ter sido um pouco mais bem trabalhada, mas ele gostou dela assim mesmo. Tom apenas perguntou se eu poderia colocar mais alguma coisa em cima, então gravei o baixo, já que eu havia mandado apenas uma demo com piano e umas partes de sintetizador. Ele gostou e disse que pensou em ter partes faladas nela, para que não fosse uma balada, o que seria perfeitamente válido, porém previsível. Foi então que decidimos fazer algo diferente, com a narração infantil, e também acredito que o resultado ficou muito legal.

As letras são departamento do Tom, e uma música como *Ghost of My Hero* soa muito pessoal para ele, mas o que você pode dizer sobre a abordagem lírica de *Theories of Emptiness*?

Johan: Os discos anteriores eram mais temáticos, vamos dizer assim, só que não do ponto de vista de "álbuns conceituais". *A Heartless Portrait (The Orphean Testament)* não foi assim, e o novo também não é, então as ideias estão espalhadas, porque cada música fala sobre uma coisa diferente. Você mencionou *Ghost of My Hero*, e eu acredito que ele escreveu sobre o falecimento do meu pai. Nós dois conversamos sobre isso, mas de uma maneira extremamente rápida, já que o nome que eu dei para a demo antes de ela virar música era "Hero", então Tom me perguntou se eu havia feito aquela música para o meu pai. Respondi que não exatamente, mas que se quisesse seguir nessa linha, tudo bem, já que ele automaticamente teve essa ideia. E foi assim.

E qual é a sua "Teoria do Vazio"?

Johan: Ah, eu acredito que tudo é vazio. À medida que a ciência evolui, parece que nada existe de verdade no nível molecular. Ao observar uma molécula bem de perto, você vê seus átomos, e se você aproximar ainda mais a visão, no centro do átomo não tem nada, então essa é a minha teoria. É a teoria da mecânica quântica, é Stephen Hawking (N.R.: físico britânico considerado um dos grandes cientistas do século, Hawking faleceu em 2018), ou seja, é basicamente a ideia de que nada realmente existe sozinho. Para que uma coisa exista, outra coisa também tem que existir.

Eu gostaria de destacar algumas das novas músicas para você comentar ou explicar, especialmente por se tratar de um dos coautores. A primeira é *The Night Within*, um exemplo perfeito de como Evergrey pode escrever músicas complexas sem ser autoindulgente...

Johan: Olha, eu tenho de ser cauteloso agora, porque não quero que pareça que eu os acho autoindulgentes, mas a verdade é que nós não somos o Dream Theater. Esses caras realmente sabem tocar, e é muito evidente e muito óbvio que eles são bons demais no que fazem, só que nós não somos esse tipo de banda. Eu sequer vejo o lado progressivo no Evergrey, mas isso depende de como alguém define essa palavra. Por exemplo, o Queensrÿche é progressivo? Entende o que quero dizer? O Iron Maiden teve e tem seus momentos progressivos, e acredito que nós também tivemos e temos, mas eu não nos colocaria na mesma categoria em que estão Dream Theater, Yes, King Crimson ou Symphony X. Não somos virtuosos, ainda que gostemos de ouvir esse tipo de música.

Entendo, por isso vou citar outras três músicas: *Falling From the Sun*, *One Heart* e *Misfortune*. Elas têm algo que o Evergrey faz tão bem quanto as bandas de hard rock, ou seja um ótimo refrão para cantar junto, e não que vocês sejam uma banda de hard rock (risos)...

Johan: (rindo) Ah, mas obrigado mesmo assim, porque eu encaro como um elogio! Sabe, todos nós crescemos ouvindo Iron Maiden, KISS, Judas Priest, Scorpions e Alice Cooper, por exemplo, e se tem algo que eles sempre fizeram muito bem são os excelentes refrãos. Além disso, nós também ouvimos tipos diferentes de música pop, então gostamos mesmo de refrãos fortes, aqueles que fixam na mente e que as pessoas podem cantar junto.

E há duas músicas que têm tudo isso mais um sabor extra. *To Become Someone Else* é incrível, inclusive o jeito como o Tom canta no começo, como se fosse uma canção blues, porque não é algo usual no Evergrey. Faz sentido?

Johan: Sim, com certeza! Concordo com você, e vou lhe contar: fiquei realmente surpreso quando o Tom cantou essa música para nós. Ele tem isso na forma de cantar, algo que aparece às vezes, mas nesta música especificamente, em especial no início dela, como você frisou, ficou bastante evidente. Ele realmente ultrapassou os limites das suas habilidades no blues (risos).

Henrik Danhage, Rikard Zander, Tom S. Englund, Johan Niemann e Jonas Ekdahl: o Evergrey da teoria da grandiosidade

Patric Ullaeus

E tem *Say*, que traz uma dose extra de groove, o que é ótimo para quem ouve e, acredito, deve ser ainda melhor para você, que é baixista...

Johan: Sim, e é o tipo de coisa que não é simples de fazer, sinceramente, por isso algumas bandas não têm tanto disso em suas músicas. Eu mesmo não acredito que somos ou tenhamos sido bons nesse lance de groove, porque realmente não é a nossa praia, mas *Say* é a prova de que temos nossos momentos de groove. Bandas como Queensrÿche e Yes também não tinham tanto groove, ao passo que o Genesis tinha bastante, e as coisas são meio que assim mesmo. Gosto bastante desta música, e ela é bem diferente, mesmo. O riff é diferente e ficou muito bacana, mas devo dizer que não fui eu quem o compôs (risos). Creio que o riff é do Tom.

Para terminar essa parte, uma das minhas favoritas, *Our Way Through Silence*, por causa de suas lindas melodias. Se estivéssemos em outra época, quando as rádios tocavam bandas de metal, eu apostaria que seria um grande hit.

Johan: Obrigado! Nós compomos as músicas para nós mesmos, então as chances de alguém gostar são maiores se nós gostamos. Eu não consigo me imaginar compondo um disco para outra pessoa, afinal, o que acontece se ela não gostar? O artista não gosta, o público não gosta, e todo mundo perde. No entanto, se você compõe algo que gosta, a vitória é certa, não importa se outra pessoa não gostar, e esse é, na minha opinião, um ponto de partida melhor para o tipo de música que fazemos. Claro, é uma coisa totalmente diferente para quem compõe músicas para a Billboard ou para aqueles que escrevem para artistas como Beyoncé e Madonna, entende?

NÓS COMPOMOS AS MÚSICAS PARA NÓS MESMOS, ENTÃO AS CHANCES DE ALGUÉM GOSTAR SÃO MAIORES SE NÓS GOSTAMOS. EU NÃO CONSIGO ME IMAGINAR COMPONDO UM DISCO PARA OUTRA PESSOA, AFINAL, O QUE ACONTECE SE ELA NÃO GOSTAR?

Claro, afinal, não estão compondo para eles mesmos. É apenas e tão somente um trabalho remunerado.

Johan: Exatamente!

O Evergrey estabeleceu sua formação em 2014, com os retornos de Henrik e Jonas. Com todo o respeito aos ex-integrantes, eu diria que é a mais forte da banda em sua história. Qual é a sua opinião?

Johan: Eu tenho de concordar com você, até porque tem sido a formação mais longa e sólida que o Evergrey já teve. Temos nos divertido bastante desde que Jonas e Henrik voltaram, tem sido ótimo, e acredito que dá para perceber isso nas músicas e nas nossas performances ao vivo. O público vê que estamos nos divertindo, e realmente estamos! Fico feliz por isso, o nosso amor uns pelos outros e pelo o que fazemos se projetar na plateia (N.R.: a entrevista foi realizada dias antes de Ekdahl anunciar que não faria mais turnês, permanecendo na banda somente em estúdio e como compositor e produtor).

Na verdade, perguntei isso porque o Evergrey está numa constante evolução que, ao longo dos últimos dez anos, levou a banda a lançar agora quatro discos impressionantes em tão pouco tempo. Como você explicaria essa evolução, esse fator de progressão da banda?

Johan: Acredito que é pelo fato de termos passado mais tempo juntos, nos conhecendo, curtindo a companhia uns dos outros, pela honestidade e por não termos medo de parecermos bobos. Nenhum de nós pega no pé do outro por nada, e a verdade é que nós nos amamos como irmãos. A banda é, como se diz hoje em dia, um lugar seguro, e isso dá a cada um dos membros espaço para explorar suas criatividades da forma como quiser. Tudo é permitido, e se algo não se encaixa, tipo 'talvez essa música não seja ideal para o Evergrey no momento', todos ficam bem com isso, fica tudo certo.

E você está na banda há 15 anos, ou seja, mais tempo do que qualquer outro baixista na história do Evergrey. O que isso significa para você?

Johan: O Evergrey é a melhor banda que eu consigo pensar em fazer parte! O relacionamento que tenho com os caras é o que eu sempre quis ter numa banda, porque é muito difícil encontrar outros músicos que pensem da mesma forma. É preciso gostar do mesmo tipo de música e gostar de tocar o mesmo tipo de música; é preciso ter o mesmo tipo de humor para realmente ter uma conexão; e, principalmente, é necessário conseguir suportar a presença uns dos outros, uma vez que passamos seis, sete semanas dentro de um ônibus, então é preciso que haja amor e respeito, caso contrário dá em morte, e até hoje eu não quis matar ninguém na banda (risos). Estou feliz!

Patric Ullæus

Clube de Revistas

be magic PRODUÇÕES

be magic PRODUÇÕES

BE MAGIC FEST 2024

TERCEIRA EDIÇÃO DO FEST MAIS TRADICIONAL DO METAL CARIOCA

HOMENAGEANDO FIGURAS ILUSTRES DO ESTILO QUE CONTRIBUÍRAM E CONTRIBUEM PARA A CENA

MARCOS DANTAS (AZUL LIMÃO), SÉRGIO E CLÁUDIO BEZZ (TAURUS),
FABIO COSTA (GARAGE ART CULT) E RAUL (CAVERNA)

2 PALCOS E MUITO METAL BRASILEIRO

04 DE AGOSTO (DOMINGO)

Palco apresentado por
BALTHAZAR
(MOTIM UNDERGROUND)

PALCO FABIO COSTA (GARAGE ART CULT)

- MIASTHENIA (DF)
- VELHO (RJ)
- GENOCÍDIO (SP)
- SIEGRID INGRID (SP)

Palco apresentado por
KETH
DEMONIZER

PALCO RAUL (CAVERNA)

- SUTURA (RJ)
- FERETRAL (RJ)
- GUERRA NUCLEAR (RJ)
- EGOCENTRIC MOLECULES (RJ)

25 DE AGOSTO (DOMINGO)

Palco apresentado por
TERRY
PAINKILLER

PALCO MARCOS DANTAS (AZUL LIMÃO)

- BLASTHRASH (SP)
- VULCANO (SP)
- HARPPIA (SP)
- HELLWAY TRAIN (MG)

Palco apresentado por
VIVI MOREIRA

PALCO SÉRGIO E CLÁUDIO BEZZ (TAURUS)

- HUNGRY JACKALZ (RJ)
- BAGA (RJ)
- BICUDA (RJ)
- RESTO (RJ)

RIO DE JANEIRO LOCAL: EXPERIENCE MUSIC (antigo Rock Experience)
Rua Riachuelo 20, Lapa, Centro/RJ.
Infos: (21) 96529-4616 / Classificação etaria: 14 anos

Luciana Pires Fotografia

DIES IRAE

Clube de Revistas

DEEP PURPLE

=1

EarMUSIC/VALHALL/SOUND CITY – NAC.

9,5

Primeiro, foram os problemas na voz de Ian Gillan. Depois, aconteceu a saída de Steve Morse após 26 anos na banda. Ou seja, tudo indicava que a qualquer momento receberíamos a notícia de que o Deep Purple estava encerrando sua magistral carreira. Ledo engano! Eis que os caras aparecem com mais um álbum de inéditas que pode ser considerado um dos mais consistentes dos últimos anos. De cara, a gente nota que Simon McBride se adaptou com enorme facilidade à banda, tal a naturalidade que mostra nas treze faixas de *=1* – vide como exemplo o belo riff que comanda a faixa de abertura, *Show Me*. Don Airey, mais uma vez, tem posição de destaque com seu Hammond, dobrando muitos solos com McBride, chegando a lembrar os bons tempos de Blackmore/Lord. A cozinha de Roger Glover e Ian Paice, que trabalham juntos há décadas, continua com a eficiência habitual. Mas o destaque mesmo é Gillan. Claro, ele não chega nem perto do cantor dos anos 70 que arriscava agudos impossíveis, mas achou uma forma de cantar que não só se adapta às suas condições atuais como permite entregar um resultado do mais alto nível – veja, por exemplo, *A Bit on The Side*, em que está afinadíssimo e comprovando que continua o grande intérprete que sempre foi. O álbum visita vários momentos da carreira da banda, como em *Portable Door*, que remete à fase Steve Morse, ou *If I Were You*, grandiosa como *Perfect Strangers*, ou ainda na setentista *Now You're Talkin'*. A veia bluesy ainda está lá na excelente *Sharp Shooter* e a balada *I'll Catch You* mostra um Gillan repleto de sentimento na voz. A produção sempre certeira de Bob Erzin ajuda muito no resultado final deste que é uma das maiores (e melhores) surpresas fonográficas deste ano.

Antonio Carlos Monteiro

BON JOVI

FOREVER

ISLAND – IMP.

8,0

"Ah, mas o Bon Jovi não é mais o mesmo dos anos 1980 e 1990." Sim, não é, afinal, nem mesmo nós somos os mesmos de quatro ou três décadas atrás. "Ah, o Bon Jovi nunca mais vai lançar algo como *Slippery When Wet* ou *New Jersey*." É claro que não vai, afinal, a banda já lançou esses discos em 1986 e 1988, respectivamente. Portanto, o critério para não gostar de álbuns como, por exemplo, *What About Now* (2013) e *This House is Not for Sale* (2016) é subjetivo, não comparativo. Objetivamente, sim, é possível dizer que a banda – formada por Jon Bon Jovi (vocal), Phil X e John Shanks (guitarras), David Bryan (teclados), Hugh McDonald (baixo), Everett Bradley (percussão) e Tico Torres (bateria) - é hoje muito mais uma empreitada solo de Jon Bon Jovi. No primeiro trabalho depois do problema nas cordas vocais, muito bem documentado na série "Thank You, Goodnight: A História de Bon Jovi" (2024), disponível em algumas plataformas de streaming, Jon não mudou uma linha do que vem fazendo depois da saída de Richie Sambora: o também produtor Shanks continua seu homem de confiança, e uma série de compositores fora de banda se juntou à dupla para criar *Forever*, e talvez seja a maturação da fórmula que tenha feito o Bon Jovi se reencontrar. *2020* já havia sido um acerto, apesar de ser um trabalho denso e carregado por cauda da pandemia da Covid-19 e por questões sociais/raciais como o estúpido assassinato de George Floyd, e *Forever* acaba surgindo como "o melhor álbum do Bon Jovi desde (insira aqui o nome)". A rigor, a excelente *Living Proof* é o mais próximo que o Bon Jovi pode chegar da fase hard rock que todos aprenderam a amar, mas o novo álbum é recheado de ótimas canções. *Kiss the Bride* (feita para a filha) e *I Wrote You a Song* (feita para a esposa) são belas baladas com um ar de canto dos cisnes do vocalista para a sua criação, enquanto a pop rock *Legendary* e as autobiográficas *We Made it Look Easy* e *My First Guitar* mostram que, caso a garganta permita, ainda há lenha para queimar - a última, aliás, segue os passos do Cheap Trick em *Surrender* para prestar homenagem ao Kiss. Fora isso, ótimas músicas como *Living in Paradise*, *Waves* (grande refrão e um quê de *Blaze of Glory*), *Walls of Jericho* e *The People's House* (com um groove à la *Keep the Faith*) nos fazem torcer para que não seja mesmo o fim.

Daniel Dutra

CATEGORY 7

CATEGORY 7

METAL BLADE – IMP.

8,0

E temos um novo supergrupo na área. Com o vocalista John Bush (Anthrax), os guitarristas Mike Orlando (Corey's Glover Universe, Noturnall e ex-Adrenaline Mob) e Phil Demmel (ex-Machine Head), o baixista Jack Gibson (Exodus) e o batera Jason Bittner (Overkill), o Category 7 chegou cheio de expectativa, e a boa notícia é que o quinteto entrega o que prometeu. Na verdade, até mais, porque você escuta a faixa de abertura, a pesada *In Stitches*, e encontra thrash e metal tradicional em meio a ótimos riffs; solos alternados e dobrados de tirar o fôlego; e uma performance de encher os ouvidos de Bush. Para quem gosta de referências, a excelente *Apple of Discord* respira Ozzy Osbourne dos anos com Jake E. Lee; *Through Pink Eyes* tem um quê de Exodus com Slayer, especialmente no riff e na levada; e a instrumental *Etter Stormen* mostra que Orlando e Demmel ouviram até furar os shredders lançados pela Shrapnel Records nos anos 1980. O mais legal, porém, é que o Category 7 respira novos ares em seu homônimo CD de estreia, porque há uma pegada mais moderna em *Exhausted*, o que talvez tenha feito Bush cantar de um jeito diferente (e que ficou bom demais); um groove irresistível em *White Flags & Bayonets*, e isso em meio a mudanças de clima e diferentes andamentos, marcados por versos e refrão que, mesmo diferentes, combinaram muito bem; e uma pegada mais alternativa em *Mousetrap*. Depois da audição de *Category 7*, a expectativa agora é para ver esses cinco em cima de um palco, afinal, já dá para sentir a energia...

Daniel Dutra

WINTERSUN

TIME II

NUCLEAR BLAST – IMP.

8,0

Sete anos após *The Forest Seasons*, o Wintersun está de volta com a segunda parte do projeto *Time*. A banda finlandesa é liderada por Jari Mäenpää, vocalista, guitarrista e tecladista que fez parte do Ensiferum. Na guitarra principal, o grupo conta com Teemu Mäntysaari, que atualmente toca também no Megadeth. O Wintersun pratica um heavy/death metal sinfônico, incorporando uma variedade de elementos sonoros. Em *Time II*, a música oriental, por exemplo, desempenha um papel fundamental, como se observa nas pacíficas instrumentais *Fields of Snow* e *Ominous Clouds* – esta última lembrando muito o clima do álbum *Scenes* do guitarrista Marty Friedman, especialmente pelos solos exóticos – além da extensa *Silver Leaves*. Como Jari explica, *Time II* é uma jornada épica que transita da luz à escuridão e retorna à luz, explorando o universo e a energia. E é isso mesmo! As interpretações vocais alternam entre o 'clean' e o gutural, e o instrumental trilha entre a beleza e o sombrio. Os doze anos de espera desde *Time I* foram recompensados com um álbum rico em atmosferas e texturas.

Leandro Nogueira Coppi

METAL CHURCH

THE FINAL SERMON (LIVE IN JAPAN 2019)

RAT PAK – IMP.

9,0

Gravado nos dias 24 e 25 de agosto de 2019, no Club Citta, em Kawasaki, *The Final Sermon (Live in Japan 2019)* seria

Clube de Revistas

um daqueles álbuns ao vivo com acertos feitos em estúdio, mas quis o destino, infelizmente, que se tornasse um registro nu e cru dos dois últimos shows de Mike Howe. Amostra do que foi a turnê de *Damned if You Do* (2018), o disco chegou às lojas e plataformas de streaming exatamente três anos depois da morte do icônico vocalista, e o que ouvimos aqui não é um produto inacabado, com backing vocals que certamente seriam refeitos em estúdio; guitarras e bateria que provavelmente teriam um ganho de volume; e um vocal que acabaria mexido aqui e ali. Não. O que ouvimos é o testemunho do próprio Metal Church - então com Kurdt Vanderhoof e Rick Van Zandt (guitarras), Stet Howland (bateria) e Bobby Ferkovich (baixo, em substituição a Steve Unger nas datas japonesas) - sobre a grandeza de Howe. Mais precisamente do tamanho da perda para a banda e para o heavy metal, porque chega a ser emocionante ouvir a voz poderosa e única de Howe e imaginá-lo em cima do palco, afinal, estamos falando também de um cara que era um baita frontman. O show? Contando apenas com três músicas da fase com David Wayne - as sempre obrigatórias *Start the Fire*, *Watch the Children Pray* e *Beyond the Black* –, o repertório mostra uma banda satisfeita com o seu então presente, com destaque para a fabulosa *By the Numbers*, e orgulhosa do que havia criado com Howe na formação. E não seria para menos, uma vez que *Fake Healer*, *Human Factor*, *Date With Poverty*, *Gods of Second Chance* e *Badlands* são patrimônio cultural do metal mundial, e a forma como Howe as interpreta, com garra e feeling incomuns, deixam *The Final Sermon (Live in Japan 2019)* com um esperado gosto agridoce. Emocionante e indispensável.

Daniel Dutra

KALEDONIA

FAR BEYOND THE LIGHT
INDEPENDENTE – NAC.

9,0

Se você é fã de hard rock e heavy/power metal com um toque pop, especialmente quando se trata de refrãos grudentos, precisa ouvir o Kaledonia. A banda paulistana é liderada pelo compositor, vocalista e tecladista JP Pretti. Ele encontrou em Bruno Luiz (guitarra), Fernando Giovannetti (baixo) e Marcus Dotta (bateria) – este último seu parceiro desde o Addicted to Pain –, músicos sempre ativos em bandas e tocando para artistas internacionais, o time ideal para sua nova empreitada musical. Cozinha coesa, solos melódicos, peso e backing vocals bem encaixados e o vocal limpo e ao mesmo tempo poderoso de Pretti definem a sonoridade do Kaledonia, que ainda conta com os experientes Leandro Caçoilo e Tito Falaschi como convidados em *Far Beyond the Light*. Esse disco reúne inspirações de várias fases da vida de Pretti, como a emocional balada *Starless Sky*, que ele compôs aos 16 anos. É impossível não viciar em faixas como *Far Beyond the Light*, *Same Queen* – que acaba com um lindo tema ao piano –, *Hungry Nights*, *Wicked Heart*, e o single *Queen of All Lies*. Espero que o Kaledonia tenha vindo para ficar. O futuro da banda é promissor.

Leandro Nogueira Coppi

LORD OF THE LOST

LIVE AT W:O:A
NAPALM – IMP.

8,0

Alcançar o topo das paradas em seu país natal é um sonho que muitos músicos compartilham, e certamente gravar seu álbum ao vivo em um dos maiores festivais de música pesada do planeta certamente também pertence ao mundo onírico ideal de muitas bandas. Os germânicos do Lord of the Lost já podem dizer que alcançaram ambos com o lançamento deste seu novo registro, gravado ao vivo no já lendário Wacken Open Air, também da Alemanha. Lançado em áudio e vídeo, o material é um belíssimo apanhado da carreira da banda, especialmente por conter imagens de ótima qualidade (qualidade de videoclipe) e áudio cristalino, bem longe daqueles velhos bootlegs que alegraram nossa juventude. Quanto ao repertório em si, é aquela bagunça que amamos na música desses alemães, aquela mistura impossível de classificar e fácil de curtir, como você perceberá ao pular a intro e começar a curtir *The Curtain Falls*, uma belíssima mistura de gothic rock, heavy metal, música sinfônica e hard rock que dá a tônica do que será o restante da apresentação. Curta também as ótimas versões para *Dry the Rain*, *The Look* (cover do Roxette) e *Destruction Manual*. Para os fãs, um presente. Para os não iniciados, um início rápido e sem volta na música do sexteto.

Valtemir Amler

MARILLION

AN HOUR BEFORE IT'S DARK: LIVE IN PORT ZELANDE 2023
EARMUSIC/VALHALL/ SOUND CITY – NAC.

9,0

Não é de hoje que o Marillion entrou para competir cabeça a cabeça com o Deep Purple para ver quem lança mais discos ao vivo. No fim das contas, o fã pode até reclamar que o bolso está vazio ou que o cartão de crédito já nem tem mais limite disponível, mas que

sai dizendo "quanto mais, melhor!", ah, isso sai. E o admirador do trabalho de Steve Hogarth (vocal), Steve Rothery (guitarra), Mark Kelly (teclados), Pete Trewavas (baixo) e Ian Mosley (bateria) tem mais um motivo para sorrir, porque *An Hour Before it's Dark: Live in Port Zelande 2023* já diz tudo. Trata-se da banda tocando a íntegra do maravilhoso *An Hour Before It's Dark*, um documento musical e lírico dos impactos negativos, tanto sociais quanto ideológicos, proporcionados pela pandemia da Covid-19 - além de também abordar, com sabedoria e elegância, temas sensíveis aos dias de hoje, como consumismo, meio ambiente e identidade de gênero. Músicas como *Be Hard on Yourself*, *Reprogram the Gene*, *Murder Machines*, *The Crow and the Nightingale* (numa magistral versão com a orquestra que acompanhou a banda em alguns momentos), *Sierra Leone* e *Care* mostram não apenas que a voz do Marillion é necessária ao mundo, como também que o mundo necessita de mais bandas como o Marillion. Gravado na segunda noite do Marillion Weekend na Holanda, *An Hour Before it's Dark: Live in Port Zelande 2023* termina com outras cinco belezas do catálogo do quinteto, destacando *Afraid of Sunlight*, uma das músicas mais bonitas que você vai escutar em toda a sua vida; *Go!*, na qual a plateia vira protagonista no fim; e *Zeparated Out*, que teve um providencial acréscimo de *Kashmir*, do Led Zeppelin. Sim, por mais bandas como o Marillion no mundo.

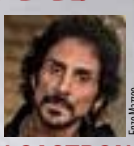
Daniel Dutra

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

Divulgação

JOHANNA SADONIS
(LUCIFER)

The Rolling Stones - *Beggars Banquet*
Black Sabbath - *Black Sabbath*
Led Zeppelin - *Houses Of The Holy*
Bad Company - *Bad Company*
ZZ Top - *Tres Hombres*


Enzo Mazzeo

DEEN CASTRONOVO
(JOURNEY, REVOLUTION SAINTS)

Kiss - *Alive!*
Kiss - *Alive II*
Rush - *All the World's A Stage*
Metallica - *Ride the Lightning*
Journey - *Captured*

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

Clube de Revistas

SABLE HILLS

ODYSSEY

ARISING EMPIRE – IMP.

8,0

O Sable Hills pode ser compreendido como o produto da soma de dois elementos muito fortes do cenário da música pesada do Japão: primeiro, o país sempre foi um enorme mercado consumidor do heavy metal; segundo, contando com bandas como GISM, Disclose, Gauze, The Stalin, S.O.B., Melt-Banana e tantas outras, o país tem um dos cenários punk hardcore mais reverenciados do mundo. Unindo metal e hardcore, o metalcore do Sable Hills é uma bela resposta ao que está acontecendo no mundo da música atual. Neste novo *Odyssey* eles mostram a qualidade, a força e a garra que levaram a banda a vencer o tradicional Wacken Metal Battle em 2022 e, embora lancem mão de todos aqueles pré-requisitos básicos do metalcore (especialmente a mescla de vocais extremos e limpos), canções como *Odyssey*, *A New Chapter*, *Carry the Torch* e *Tokyo* trazem aquele bom gosto e classe típicos das bandas japonesas, e certamente vão agradar qualquer fã de música movida pelas linhas de guitarra. Destaque ainda para as participações especiais de Kenta Koie (Crossfaith) em *Battle Cry* e Trevor Phipps (Unearth) em *No Turning Back*.

Valtemir Amler

HAMMERFALL

AVENGE THE FALLEN

NAPALM/VALHALL MUSIC – NAC.

7,0

Em time que está ganhando não se mexe, e é basicamente isso que o Hammerfall tem feito ao longo de sua trajetória discográfica, iniciada em 1997. Em 27 anos, as derrapadas da banda sueca não enchem os dedos de uma mão, e *Avenge the Fallen*, o 13º álbum de estúdio, é mais uma bola de segurança. E para não dizer que Joacim Cans (vocal), Oscar Dronjak e Pontus Norgren (guitarras), Fredrik Larsson (baixo) e David Wallin (bateria) somente fizeram mais do mesmo, há algumas licenças poéticas no CD. Como assim? *The End Justifies* tem um quê muito forte de Helloween nas melodias vocais, e a fase Andi Deris da banda alemã ainda é uma forte influência no refrão de *Time Immemorial*. Mais? Os corinhos à la Accept marcam *Freedom*, e a melhor faixa do CD, *Rise of Evil*, abraça o Judas Priest com vontade em ótimos riffs e um instrumental bem legal durante os versos. No fim das contas, são referências que o fã da banda e do gênero gosta, então não deixam de ser bolas de segurança, também. Descontando clichês sem inspiração, como os refrãos de *Hail to the King* e *Capture the Dream*, o Hammerfall mostra a que veio logo no início, porque a faixa-título abre o CD como se fosse um chamado à guerra; também acerta com refrãos grudentos, e o de *Burn it Down* é um bom exemplo; e sempre se sai melhor quando mete o pé no freio e descamba para algo mais cadenciado, como em trechos da já citada *Time Immemorial*. E, claro, o quinteto não esqueceu a balada da vez, e *Hope Springs Eternal* cumpre bem o seu propósito, especialmente ao mostrar como a voz de Cans envelheceu muito bem. *Avenge the Fallen* não chega a ser um disco para ganhar de goleada, mas quem curte Hammerfall vai se satisfazer com a vitória por 1 a 0. O que vale são os três pontos.

Daniel Dutra

RON KEEL

KEELWORLD

RFK MEDIA – IMP.

8,0

Do alto de seus 63 anos, Ron Keel está de volta com um álbum no mínimo interessante. O que temos aqui são temas das várias bandas pelas quais ele passou, como Ron Keel Band, Steeler, Keel, IronHorse e até do Emerald Sabbath, seu projeto tributo ao Black Sabbath, além de sua carreira solo. Mas, ao contrário do que se possa imaginar (e que seria muito mais fácil de se fazer, convenhamos), não se trata de uma coletânea, mas de um disco com músicas inéditas de cada um desses projetos. O resultado não surpreende nem um pouco – na verdade, Ron Keel é daqueles artistas que não decepciona; alguns podem até chamá-lo de "previsível", mas a verdade é que ele entrega exatamente aquilo que se espera dele. Assim, *Keelworld* transita em torno do hard rock oitentista, aquele com riffs de guitarra marcantes e refrãos grudentos que fez a fama de tanta gente, Bom Jovi à frente. Só que, ao contrário de seu conterrâneo, Ron Keel mostra que sua voz continua em plena forma, como dá pra perceber em *5 O'Clock* Shadows ou em *Give Me Guitars (Or Give Me Death)*, do Steeler. Mas o que acaba se destacando mesmo é a versão irada de *Children of the Grave*, em que ele mostra que ainda tem muita lenha pra queimar.

Antonio Carlos Monteiro

ORDEN OGAN

THE ORDER OF FEAR

REIGNING PHOENIX/VALHALL/ SOUND CITY – NAC.

8,5

Desde 2008, a banda alemã de power metal Orden Ogan vem lançando álbuns consistentes, começando com seu debut, *Vale*. O novo disco, *The Order of Fear*, continua a história de Alister Vale, membro de um círculo aristocrático sinistro que se apresenta como um governo. Quando Vale quebra o círculo, ele é amaldiçoado. Na história deste álbum, Vale conhece a Ordem do Medo, que o trai sob o disfarce de um ato para quebrar a maldição. Esta história que captura o ouvinte é um romance épico de ficção científica. O álbum começa com *Kings of the Underworld*, que irrompe do nada em pleno galope europeu e passa a atropelar seus ouvidos como um garanhão puro-sangue. E tem algo de Kamelot antigo aqui. Diversão muito boa! As coisas ficam mais sombrias e pesadas na faixa-título de andamento cadenciado e que tem o refrão clássico que o Orden Ogan entrega com qualidade. *Moon Fire* é outra música forte, equilibrando ambição épica com levada direta e pesada. Uma versão atual de Blind Guardian pulsa através da música. Até a balada poderosa e dramática *My Worst Enemy* é uma vitória, com Seeb Levermann acertando totalmente nos vocais e que retrata o desespero do personagem Alister Vale. A parte final do álbum não mantém a energia. *Anthem to the Darkside* é sólida, mas é longa, e na sequencia *The Long Darkness* é boa, mas perde o fôlego vários minutos antes do fim. Embora as camadas e melodias ainda estejam presentes, a produção de *The Order of Fear* foi atenuada para oferecer um álbum mais metal e cru. Eu sinto falta da produção do Orden Ogan à qual nos acostumamos em *Vale* e *Final Days*? Não, não sinto, porque o que ouço ainda é a banda que sempre foi.

Claudio Vicentin

COREY GLOVER'S UNIVERSE

IT IS WHAT IT IS

earMUSIC – IMP.

8,5

Sem nenhum alarde, e com o álbum de estreia, *It is What it is*, já nas lojas e nas plataformas de streaming, o que era Sonic Universe virou Corey Glover's Universe. A falta de alarde deixa incógnito justamente o porquê da mudança, se houve problema com o nome ou se o motivo é o nome do vocalista do Living Colour ser um chamariz mais forte. Seja qual for a razão, o que importa é a música, e aqui ela fala alto, muito alto. A parceria entre Glover e o guitarrista Mike Orlando (Category 7, Noturnall e ex-Adrenaline Mob) – acompanhados de Booker King (baixo) e Taykwuan Jackson (bateria) – rendeu um dos discos mais empolgantes de 2024. Curiosamente, diga-se, o fato de Orlando poder ser chamado de o "Tom Morello do heavy metal" ganha força em canções como *My Desire*, *Life* e a faixa-título, porque as três apresentam fortes traços de Rage Against the Machine. Sim, o álbum é pesado e funkeado até o talo, ou você inocentemente esperava algo diferente? *I Am* abre os

Clube de Revistas

trabalhos arregaçando, dando as cartas de uma cozinha irrequieta diante dos talentos da dupla de frente. Enquanto Orlando manda solos de tirar o fôlego em *Come What May* e *Beautiful Desunity*, para ficar apenas em dois exemplos, Glover mostra do início ao fim por que é um dos melhores vocalistas do mundo nos últimos 36 anos. Amiguinhos e amiguinhas, é simplesmente sacanagem o que ele canta em *Turn a Blind Eye*, *Whisper to a Scream* (que bem poderia estar num álbum do Living Colour), *I Want it All* e *Beautiful Desunity*, e isso para citar somente quatro músicas. Mas se isso não for suficiente para você, escute *Higher* e tente ficar parado.

Daniel Dutra

MR. BIG

TEN

FRONTIERS/SHINIGAMI – NAC.

8,5

Não é nada comum anunciar uma turnê de despedida, cair na estrada e... lançar um novo disco de inéditas. E como não é a primeira turnê de despedida do Mr. Big, fica a esperança de que realmente não seja a última, uma vez que *Ten* mostra uma banda tanto de bem com a vida quanto com a criatividade em ebulição. Tudo bem que, no geral, o décimo álbum de estúdio do quarteto seja o resultado da criatividade de Eric Martin (vocal) e Paul Gilbert (guitarra), mas o coletivo com Billy Sheehan (baixo) e Nick D'Virgilio (bateria) funciona maravilhosamente bem aqui – D'Virgilio (Big Big Train, ex-Spock's Beard e ex-Genesis), aliás, já mostrara ao vivo que enfim o Mr. Big havia achado alguém para fazer jus ao legado do saudoso e extraordinário Pat Torpey. Se as duas ótimas primeiras faixas de trabalho, *Good Luck Trying* (que não esconde uma referência rítmica de *Manic Depression*, de Jimi Hendrix) e *Up on You*, apresentam a sonoridade que todo fã espera, o mais interessante é ouvir um Mr. Big atualizado e relevante para os dias atuais. As excelentes *I Am You* e *As Good as it Gets* mostram a banda longe de estar presa a uma fórmula do passado, transitando com fluência pelo pop rock como se estivesse pronta para expandir seu próprio público - e talvez seja por isso que não há, da primeira à última faixa, qualquer demonstração desnecessariamente explícita de virtuosismo. Mesmo as baladas, *Who We Are* e *The Frame*, ambas muito bonitas, têm um saudável grau de contemporaneidade, e isso não é nada que deve assustar o fã mais tradicional. Este vai lamber os beiços com verdadeiras novas joias, casos de *Sunday Morning Kinda Girl*, *What Were You Thinking* e *Courageous*. Sem contar que o Mr. Big não esqueceu suas raízes, aqui representadas por *8 Days on the Road*, cover do Foghat cantado por Gilbert.

Daniel Dutra

STRYPER

WHEN WE WERE KINGS

FRONTIERS MUSIC – IMP.

9,0

Se o título do álbum anterior, *The Final Battle*, de 2022, deixou muitos fãs achando que aquele seria o último trabalho da carreira do Stryper, o incansável grupo cristão prova em 2024 que segue bastante ativo. Em junho, a banda liderada pelo workaholic Michael Sweet lançou seu primeiro trabalho acústico, *To Hell with the Amps* e agora nos apresenta *When We Were Kings*, seu 12° álbum completo de músicas inéditas. E por mais que recentemente Sweet tenha declarado que jamais a banda soaria como o velho Stryper, de certa forma ele blefou. Neste álbum vemos sim alguns traços sonoros da primeira fase do grupo, porém em um amálgama com a sonoridade dos últimos discos. Os coros fortes, a pegada ainda mais metal e a sujeira e o peso nos timbres de guitarra de vários dos últimos discos ressurgem em *End of Days*, *Unforgivable*, *Trinity*, *Divided by Design* e em *Imperfect World* – esta última lembra *The Rock that Makes Me Roll*, de *Soldiers Under Command* (1985). No entanto, o hard rock com toques pop e linhas vocais melódicas e grudentas é relembrado nas ótimas *When We Were Kings*, *Loves Symphony*, *Grateful* e *Rhyme of Time*, na semibalada *Betrayed by Love* e na suingada *Rapture*. Era exatamente disso, dessa reabertura para o hard rock de outrora, que há muito tempo eu sentia falta. Dito isso, aponto *When We Were Kings* como um de meus álbuns favoritos desde que o Stryper retomou suas atividades em 2003.

Leandro Nogueira Coppi

CAVALERA
SCHIZOPHRENIA

Nesta edição, falo sobre a arte de capa da regravação do icônico álbum *Schizophrenia*, do Sepultura, feita recentemente pelos Cavalera, além de abordar um pouco mais sobre a carreira do artista responsável pela obra. *Schizophrenia*, lançado originalmente em 1987, é um marco na história do metal brasileiro e mundial, obviamente, pelo status que posteriormente o Sepultura conquistou através de toda sua trajetória, firmando seu nome como um dos maiores do gênero. Agora, com a regravação pelos irmãos Cavalera, a arte de capa precisava capturar não apenas a essência brutal e inovadora do original, mas também trazer uma nova perspectiva que refletisse a evolução e a maturidade dos músicos. Para essa tarefa, os irmãos Max e Iggor recrutaram Eliran Kantor, israelense radicado na Alemanha e atualmente um dos artistas mais respeitados e talentosos da cena metálica. Ele é conhecido por seu estilo detalhado e emotivo, aliado à sua habilidade de combinar elementos realistas com toques surreais, o que tornou suas obras imediatamente reconhecíveis. Ele já trabalhou para bandas como Testament, Helloween, Sodom, Hatebreed, Kreator e muitas outras, além de também ter sido responsável pelas artes das regravações de *Bestial Devastation* e *Morbid Visions*, também do Cavalera. *Schizophrenia* dispensa apresentações, já que é um verdadeiro clássico do metal nacional e quase intocável. Por isso, Kantor a revisitou de maneira fidedigna, homenageando e respeitando a arte original, apenas trazendo à tona seu estilo e traços rústicos e impressionistas. A paleta de cores, dominada por tons sombrios de vermelho, preto e azul, intensifica a sensação de agressividade e desolação. A imagem central apresenta uma figura atormentada numa camisa de força, simbolizando a loucura e o caos que permeiam o título do álbum, sendo observada ou dominada por uma força maligna ao fundo, representada apenas por olhos demoníacos nas nuvens do horizonte. Os detalhes intrincados, desde as expressões faciais até os elementos de fundo, evocam uma sensação de desespero e intensidade que se alinha perfeitamente com a releitura da música dos irmãos Cavalera, mostrando o impacto duradouro que esse álbum deixou na cena do metal mundial.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

Clube de Revistas

PAIN

I AM

SHINIGAMI – NAC.

7,5

Quase uma década já havia se passado desde o lançamento de *Coming Home* (2016), e considerando que nesse tempo vieram álbuns com Hypocrisy e Lindemann, os fãs do projeto industrial/eletrônico de Peter Tägtgren começavam a se perguntar se haveria um novo registro do Pain. *I Am* chegou para encerrar a espera e as dúvidas, e é um álbum que deverá agradar em cheio aos fãs, já que, além de preservar as principais características do projeto, acaba também ganhando o ouvinte com uma boa variedade musical, como você confere já na trinca de abertura. Se *I Just Dropped By (To Say Goodbye)* é uma canção mais rápida e "pra cima", *Don't Wake the Dead* é mais soturna e melancólica, enquanto *Go with the Flow* é eletrônico puro, bem à moda anos 90. E se *Not for Sale* segue essa mesma premissa, *Party in My Head* vai em direção a algo mais synthpop com referências rock, uma bela composição do início ao fim. Guiado pela estranheza brilhante que habita a mente de Peter, o álbum foi naturalmente composto, executado e produzido pelo próprio, que contou apenas com a participação do filho Sebastian em duas faixas e da vocalista Cécile Siméone em outra.

Valtemir Amler

FLOTSAM AND JETSAM

I AM THE WEAPON

AFM – IMP.

9,0

Assim como aconteceu com bandas como Anthrax, Artillery, Toxik e Lääz Rockit, o Flotsam and Jetsam encontrou uma maneira muito própria de explorar o thrash metal ainda nos anos 80, e lançou seus clássicos logo no início da sua jornada. O que não se esperava é que eles fossem recuperar aquele mesmo nível de brilhantismo quase quatro décadas depois, mas é isso que temos ouvido especialmente nessa última trinca de álbuns que a banda lançou desde 2019. Neste novo *I Am the Weapon* o quinteto basicamente mantém a fórmula do thrash repleto de melodias do heavy tradicional, mas o faz com tanta habilidade e bom gosto que é simplesmente impossível não se empolgar ao colocar o disco para rodar, como você confere nas tradicionalíssimas *Primal*, *Cold Steel Lights*, *Burned My Bridges* e *Kings of the Underworld*, que contam com o DNA único e facilmente reconhecido de Erik A.K. (vocal) e Michael Gilbert (guitarra). Porém, existem coisas novas aqui, como um curioso riff de death metal em *Gates of Hell*, a afinação baixa que garante o som moderno de *The Head of the Snake* e uma ótima passagem atmosférica em *Running Through the Fire*. Mais uma vez, o velho Flotsam surpreende por fazer exatamente aquilo que faz de melhor!

Valtemir Amler

SIMONE SIMONS

VERMILLION

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI – NAC.

8,0

Estando à frente do Epica – talvez a mais bem sucedida banda de metal sinfônico de todos os tempos – há mais de duas décadas, é até algo a se estranhar o fato de a vocalista Simone Simons ainda não ter lançado um trabalho solo, apesar da força do seu nome e das várias participações em projetos de outros artistas. Dito isso, nesta primeira aventura solo foi justamente com um desses velhos parceiros que ela contou para a elaboração de *Vermillion*: Arjen Lucassen, o talentosíssimo músico holandês com quem ela tantas vezes trabalhou em seu Ayreon. Unindo um dos melhores instrumentistas da Holanda com uma das melhores vozes daquele país, o que poderíamos esperar desse álbum senão algo muito perto da perfeição? Leve em consideração também que ambos sabem muito bem como compor suas respectivas partes em um todo coeso e edificante e você entenderá como nasceram canções como *Cradle to the Grave* (que tem a unha do dedo mindinho arranhando no industrial), *Weight of My World* (com um riff bastante pesado e alguns dedinhos a mais no industrial) e *R.E.D.* nasceram. Porém, embora as baladas sejam parte do processo e da ambiência do álbum, são também elas que roubam parte do brilho da obra.

Valtemir Amler

BRING ME THE HORIZON

POST HUMAN: NEX GEN

SONY/RCA - IMP

7,0

É importante salientar que aquele BMTH que ganhou os fãs de metalcore com o lançamento de álbuns como *There Is a Hell Believe Me I've Seen It. There Is a Heaven Let's Keep It a Secret* (2010) e *Sempiternal* (2013) deixou de existir há muito tempo. Embora ainda apresentem elementos do metalcore em sua fórmula, a banda inglesa está hoje muito mais conectada ao rock alternativo, e isso fica bastante evidente em cada uma das faixas desse mais novo e sétimo registro de estúdio. *YOUtopia* é um ótimo exemplo disso, já que seu riff de abertura caberia como uma luva em qualquer disco que o Smashing Pumpkins lançou nos anos 90. O rock alternativo não é o único elemento aqui presente, e *Kool-Aind* traz em seu corpo elementos de eletrônico e industrial, além de partes nos vocais que remetem aos tempos de deathcore. *Top 10 Statues That Cried Blood* faz pensar no pop-punk do início dos anos 2000, e *Limousine* traz talvez o riff mais pesado do álbum, além de variar emoções e andamentos com primazia. Resumindo, duvido que *Post Human: Nex Gen* mudará a ideia dos velhos desafetos, mas tem tudo para trazer alguns novos fãs para a banda.

Valtemir Amler

SPEKTRA

HYPNOTIZED

FRONTIERS MUSIC – IMP.

9,0

Que satisfação ouvir este segundo álbum do Spektra, *Hypnotized*! E que orgulho por esses caras serem brasileiros! A banda é capitaneada pelo vocalista BJ (Tempestt, Jeff Scott Soto, Talisman, Danger Angel) e conta com o talento de Leo Mancini (guitarra), Henrique Canalle (baixo) e Edu Cominato (bateria), parceiro de BJ no Tempestt e na banda de Soto, além de estar colaborando temporariamente com o Mr. Big substituindo Nick D'Virgílio. Em *Hypnotized*, o grupo brilha tanto em qualidade musical quanto em produção. Além dos ótimos singles *Freefall*, *My Voice for You* e *Our Time Is Now*, o álbum ainda apresenta muitas outras pérolas. Entre elas, minhas preferidas são *Taste of Heaven*, com belos arranjos de teclado e um riff pesado e visceral após o primeiro refrão; a balada *Different Me Outside* (que solo!); as viciantes *Against the Wind* e a parte dois de *Runnin' out of Time*, do debut *Overload* (2021); e a mencionada *Our Time Is Now*, na qual BJ entrega uma interpretação soberba – como ele canta nessa! Ouso dizer que *Hypnotized* é o álbum com a melhor performance de BJ até agora. Eu não poderia esperar algo melhor de um disco de hard rock/melodic rock/AOR.

Leandro Nogueira Coppi

Clube de Revistas

OUTONO MUSIC

APRESENTA:

AXTY

DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS

Spotify deezer YouTube Music

@AXTYOFFICIAL

Clube de Revistas

GHOST

RITE HERE RITE NOW
LOMA VISTA RECORDINGS – IMP.

9,5

Seja você fã ou não, uma coisa é indiscutível: o Ghost é um fenômeno tanto dentro quanto fora dos palcos. O 'esquizoide' grupo sueco ganhador do Grammy atingiu os píncaros do sucesso com *Meliora* (2015). No entanto, foi com seu mais recente álbum de estúdio, *Impera* (2022), que consolidou de vez seu nome no mercado norte-americano, alcançando o 2° lugar na Billboard 200. Uma amostra do sucesso do clero liderado por Papa Nihil na terra do Tio Sam foram os dois shows realizados no Kia Forum, em Inglewood (EUA), nos dias 11 e 12 de setembro de 2023. Essas duas noites históricas, com ingressos esgotados, foram registradas no primeiro longa-metragem do Ghost. *Rite Here Rite Now*, que entrou no Top 10 das rankings mundiais, tem sua trilha sonora agora disponível em todos os formatos físicos e nas plataformas digitais. Apesar de sempre desconfiar da veracidade sonora de discos ao vivo, conferi de perto quando a turnê Re-Imperatour passou pelo Brasil, e a performance da banda foi impecável. Você vai se divertir com as falas de Papa Nihil e dar repeat em *Rats*, *Spillways*, *Call Me Little Sunshine*, *Twenties*, *Mary on a Cross*, *Square Hammer* e... no disco todo! *If You Have Ghosts* ficou de arrepiar de tão bonita ao vivo. Também está incluída a inédita *The Future Is a Foreign Land*, revelada nos créditos finais do filme. Sem pestanejar, *Rite Here Rite Now* é um dos lançamentos ao vivo mais viciantes dos últimos tempos.

Leandro Nogueira Coppi

NILE

THE UNDERWORLD AWAITS US ALL
NAPALM – IMP.

9,0

Sem lançar um novo trabalho desde *Vile Nilotic Rites* (2019), o Nile atravessou a fase mais escura da pandemia sem lançar mão de álbuns ao vivo no estúdio, composições de última hora ou outros recursos utilizados pelas bandas no período. Ou seja, já era hora de ouvirmos algo novo de um dos principais nomes do death metal. O que não esperávamos é que, após três décadas, eles apareceriam em *The Underworld Awaits Us All* como um quinteto, com dois integrantes que se juntaram ao grupo apenas a tempo de tocarem no álbum, e com três guitarristas na formação. Dito isso, não há muito como perceber que Karl Sanders, Zach Jeter e Brian Kingsland dividem as guitarras, uma vez que no estúdio um único poderia ter gravado todas aquelas linhas. O grande lance de três guitarristas é ao vivo, mas sobre isso você lerá na nossa entrevista, logo mais. Por enquanto, digamos que a mistura lendária de brutalidade, peso e técnica se mantém como fórmula do grupo, que ainda aposta em momentos atmosféricos para ganhar o ouvinte. Ouça *Overlords of the Black Earth*, *The Gods of the Desert* e a faixa-título para ter uma noção exata da dimensão do que falamos aqui.

Valtemir Amler

1349

THE WOLF AND THE KING
SEASON OF MIST – IMP.

8,0

Nascido na Noruega em 1997, o 1349 não demorou muito para ser considerado um dos destaques da segunda geração de bandas norueguesas, e já em seu primeiro álbum completo, *Liberation* (2003), mostrou ao mundo o que uma banda plenamente consciente da origem thrash do black metal poderia fazer. Contando há décadas com Ravn (vocal, Alvheim), Archaon (ex-Tsjuder e Antaeus), Seidemann (baixo, Svart Lotus, ex-Den Saakaldte) e Frost (bateria, Satyricon), o grupo apresenta seu oitavo álbum completo, *The Wolf and the King*, mais um que manterá o quarteto nas boas graças dos velhos fãs. Repleta das mencionadas referências thrash, a abertura *The God Devoured* destaca as simples e bem encaixadas linhas de bateria típicas de Frost, enquanto os riffs sólidos trazem aquele misto de thrash e punk típico do black metal norueguês. Outros destaques ficam ainda com *Shadow Point*, que vai de um belo início acústico para um black que é ao mesmo tempo tão épico quanto feroz, a visceral e noventista *Inferior Pathways*, além de *Fatalist*, que fecha o álbum de forma rancorosa e lúgubre. Mais um bom álbum de uma banda que não costuma falhar.

Valtemir Amler

MOGGS MOTEL

MOGGS MOTEL
SPV/VALHALL/SOUND CITY – NAC.

9,0

Depois de mais de 55 anos de estrada, o lendário UFO anunciou este ano o encerramento de suas atividades após as mortes de Paul Raymond (teclado), Paul Chapman (guitarra) e Pete Way (baixo) entre abril de 2019 e agosto de 2020. Uma última turnê tinha sido planejada, mas isso e mais o infarto sofrido pelo vocalista Phil Mogg em 2022 abreviaram o fim da grupo. Porém, isso não queria dizer que o vocalista estava pendurando o microfone. Juntou-se ao baixista Tony Newton (Voodoo Six) e ao tecladista e guitarrista Neil Cartes (que havia substituído Paul Raymond no UFO), e dessa parceria surgiu *Moggs Motel*. Com a banda completa por Tommy Gentry (guitarra), Tony Newton (baixo, teclado) e Joe Lazarus (bateria), claro que o resultado não podia ser muito diferente do que fazia o UFO – o que é ótimo, diga-se! O resultado é aquele rock clássico, movido a guitarras bem timbradas e que despejam riffs sem economia, cozinha repleta de groove, teclados bem colocados e o vocal de Mogg, que é o ponto alto do disco e continua eficiente como sempre. *Apple Pie*, que abre o álbum com uma pegada bluesy, a suingada *Face of an Angel* e o rockão pra ninguém botar defeito *Princess Bride* poderiam ser apontadas como destaques. Mas seria uma injustiça com o restante do repertório, já que se trata de um disco muito uniforme e que mantém o nível lá em cima o tempo todo.

Antonio Carlos Monteiro

ORANGE GOBLIN

SCIENCE, NOT FICTION
PEACEVILLE RECORDS – IMP.

7,5

As lendas do stoner londrino Orange Goblin retornam com um som mais direto e nervoso em seu décimo álbum *Science, Not Fiction*. Eles abordaram um assunto pesado para combinar com riffs mais pesados ainda, dando uma olhada inflexível no efeito de religião, ciência e espiritualidade no mundo, para melhor ou para pior. E a loucura sonora acompanha o tema, pois a abertura *Fire at the Centre of the Earth* é um doom metal de respeito ao melhor estilo Black Sabbath. O vocalista Ben Ward continua a soltar sua voz rouca, um estilo de cantar similar do de Lemmy Kilmister. *(Not) Rocket Science* segue com força para o tipo de riffs de quebrar pescoços! Reinventar a roda não é o objetivo. Por mais que, em alguns momentos, o novo trabalho traga algo de nomes como King Crimson e Pink Floyd, o clássico Orange Goblin ainda está presente. A faixa *Cemetary Rats* é uma joia e posso adiantar que fará parte de seu set ao vivo por anos. Ninguém sobrevive 25 anos no ramo musical sem experimentar alguns pontos baixos para contrabalançar com os pontos altos. E com o Orange Goblin não é diferente, é claro, mas enquanto Ben e seus companheiros – o guitarrista Joe Hoare, o baixista Martyn Millard e o baterista Chris Turner – tiverem fôlego, teremos álbuns fortes e estridentes por mais de uma década!

Claudio Vicentin

Clube de Revistas

VOIDGAZER

DANCE OF THE UNDESIRABLES
ATOMIC FIRE RECORDS – IMP.

8,5

Diretamente do Missouri (EUA), surge uma estreia promissora para o metal extremo. Formado em 2016 pelo guitarrista Austin Rakey, o Voidgazer apresenta seu primeiro álbum, *Dance of the Undesirables* e, apesar das raízes no death metal e no grindcore, e da produção crua, a banda não hesita em incorporar elementos menos tradicionais ao estilo e, assim, tem tudo para agradar aos fãs de bandas que se arriscam, como Cynic, Atheist, Obscura, Suffocation, Gorguts e Sadus. Completado por Mitch Bussone (baixo), Kyle McNeil (bateria) e pelo porto-riquenho Omar Olivares (vocal), o grupo faz alguns experimentalismos sem renunciar ao peso e à agressividade. Na própria *Dance of the Undesirables*, uma inesperada seção de jazz fusion surge de forma corrosiva, mas logo cede lugar à brutalidade. Já *Expectations Management* apresenta uma pegada rocker e um riff principal que evidenciam influências de AC/DC e heavy metal tradicional. E por falar em riffs, essa é a especialidade de Austin, que debulha em *Jesus Take the Needle* (música que ganhou clipe) e *Sexual Sadist Serial Slasher*. Nos solos ele também manda bem – vide o de *From Nothing*, outra faixa com elementos de jazz. O prog metal também rende inspiração, como observado em *Grand Appeasement*. Se você é fã de extremo e cansou da mesmice, vá atrás de conhecer o Voidgazer.

Leandro Nogueira Coppi

POWERWOLF

WAKE UP THE WICKED
NAPALM/SHINIGAMI – NAC.

9,0

Depois de alcançar o auge da popularidade no final dos anos 90 e início dos 2000, o power metal melódico acabou estagnado, engessado em sua própria exuberância musical e refém de suas fórmulas preestabelecidas. Por isso foi tão importante para o gênero o nascimento de uma banda como o Powerwolf, que desde sua icônica estreia com *Return In Bloodred*, vem apresentando novos caminhos para o estilo, ao mesmo tempo em que preza pelos antigos moldes. Se eles sempre curtiram experimentar, nunca fizeram isso em tão larga escala e com tanta classe quanto nesse novo álbum. Existe de tudo aqui: Após a abertura no melhor estilo symphonic power metal com *Bless 'Em With The Blade*, *Sinners Of The Seven Seas* é um pirate metal para deixar fãs de Alestorm e Running Wild babando, *Kyrie Klitorem* brinca com referências AOR, *Heretic Hunters* vem com uma dose caprichada de folk, *1589* é épica como nenhuma outra, e assim segue a toada, ao longo de todo o álbum. Mesmo tão variado, o álbum ainda é guiado pelas guitarras dos Greywolf, e Falk Maria Schlegel garante a 'cama orquestral' sobre a qual a voz de Attila Dorn se deita com a volúpia de sempre. Mais um ótimo álbum na jornada dos alemães!

Valtemir Amler

DARKTHRONE

IT BECKONS US ALL.....
METAL ARMY – NAC.

8,0

É bem verdade que já faz muito tempo que o Darkthrone não lança um álbum digno de ser chamado de clássico. Por outro lado, quanto tempo faz que eles não lançam um disco que não seja ao menos digno de seu legado? É importante estabelecer as expectativas, especialmente naquilo que foi lançado desde *Arctic Thunder* (2016). Embora elementos do gênero continuem aparecendo em sua música, e em doses bem maiores do que em muitos dos seus congêneres noruegueses, hoje é difícil encaixar o Darkthrone no selo black metal; é muito mais simples dizer que eles apresentam uma música multifacetada, que engloba tudo aquilo que havia de mais legal no metal ríspido dos anos 80. Portanto, espere de tudo por aqui: os riffs doom encharcados em crust da faixa de abertura *Howling Primitive Colonies*, a genialidade embebida em simplicidade de *And in that Moment I Knew the Answer*, o épico tosco e brutal de *The Lone Pines of the Lost Planet*. Repleto de contrastes musicais e de referências ao terror cósmico, este álbum tem tudo aquilo de que mais gostamos no momento atual de Fenriz e Nocturno Culto. O trono das trevas ainda tem um dono.

Valtemir Amler

RAVAGE

SPIDER ON THE WORLD
THRASH WITH POWER RECORDS – IMP.

8,0

Aos amantes do heavy metal, o Ravage de Boston (EUA) acaba de lançar seu quarto álbum *Spider on the World*. O grupo surgiu em 1995, mas os membros jamais se inclinaram ao new metal que, a partir daquela época, cresceu vertiginosamente nos EUA. Na verdade, Al Ravage (vocal), Eli Firicano e Nick Izzo (guitarras), Tommy G. (baixo) e o brasileiro Toni Belchior (bateria) perpetuaram o speed metal desde a gravação da primeira demo *Black Horizon* (1998). Sobre o novo disco, o quinteto apresenta dez músicas mais dois bônus que, embora velozes, possuem melodias legais. Bons exemplos estão na moderada *Without a Trace* e na própria faixa-título, com pegada mais solta e momentos cadenciados. Em contrapartida, canções como *Manmade Ice Age* e *Ravage in Peace* – ambas disponíveis em videoclipes – põem força no motor. Agora, quando o assunto é peso nas seis cordas, *From the Mouth of Pain* e *Sign of the Spider* suprem qualquer carência. Uma das coisas que também chamam atenção é o clima moderno da produção. A banda não procura soar como suas influências oitentistas, até porque já nasceu com uma personalidade sólida. No entanto, é impossível ouvi-la pela primeira vez e não lembrar de nomes como Grave Digger, Exciter, Saxon e Judas Priest. O legado continua em pé!

Leonardo M. Brauna

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Editor)
Powerwolf - *Wake Up The Wicked*
Kerry King - *From Hell I Rise*
Disturbed - *Divisive*

Daniel Dutra (Redator)
Deep Purple - *=1*
Metal Church - *The Final Sermon*
Mr. Big - *Ten*

Leandro Nogueira Coppi (Redator)
Stryper - *To Hell with the Amps*
Sacred Reich - *Low*
Woods of Ypres - *IV: The Green Album*

Valtemir Amler (Colaborador)
Dark Fortrees - *Spectres From The Old World*
SS Decontrol - *Get It Away*
Bethzaida - *LXXVII*

José Vieira Sobreira (Leitor)
Evergrey - *Theories of Emptiness*
Accept - *Humanoid*
Kerry King - *From Hell I Rise*

Mario Regatieri Filho (Leitor)
Lionheart - *The Gracy Of Dragonfly*
Nestor - *Teenage Rebelde*
Cruzh - *The Jungle Revolution*

Clube de Revistas

CARRO BOMBA

ESMIGALHANDO AO VIVO
ORRA MEU DISCOS!!! – NAC.

9,5

Não, meu caro, a vida não é justa. Se fosse, os caras do Carro Bomba estariam montados na grana e com agenda disponível apenas para 2026. Mas o caso aqui é para saudar esse novo disco ao vivo do quarteto paulistano. Quem já viu um show do Carro Bomba sabe que é garantia de qualidade. A verdade é que Rogério Fernandes (vocal), Marcello Schevano (guitarra e backing vocals), Ricardo Schevano (baixo) e Biel Astolfi (bateria e backing vocals) são músicos muito acima da média e isso é sinônimo de garantia de qualidade. Gravado em setembro de 2023 no SESC Santo André, na Grande São Paulo, o álbum de cara chama a atenção pela qualidade do som. Só que tudo funciona muito bem por um detalhe: nada adiantaria músicos excepcionais e uma gravação perfeita se as músicas não fossem boas. E elas são ótimas! Aquilo que o Carro Bomba criou e que passou a ser chamado de thrash'n'roll consegue unir o melhor desses dois mundos. Preste atenção, por exemplo, nos vocais de Rogério em *O Foda-se* (sim, sutileza passou longe), em *Ninguém Mais Ouviu*, com partes mais lentas e melodiosas, em *Nasci pro Rock*, com direito a rápido solo de Biel, e na própria *Thrash'n'Roll*, que fecha o show. Aí você vai ver como a vida não é mesmo justa – mas pode ser muito divertida!

Antonio Carlos Monteiro

DARK TRANQUILLITY

ENDTIME SIGNALS
CENTURY MEDIA – IMP.

9,0

O Dark Tranquillity sempre foi uma banda que carregou doses gigantescas de emoção nas suas letras e música, e até por isso *Moment* (2020) soou tão emocionalmente pesado, dado o que todos vivíamos na época. Porém, aquele álbum havia sido completamente composto antes de 2020, e foi esse novo *Endtime Signals* que começou a ser escrito durante o pior momento da pandemia. Dito isso, e levando o título em consideração, que tipo de álbum você espera? Sim, a melancolia ainda é a base da música do quinteto sueco, e ela fica especialmente evidente quando ouvimos *One Of Us Is Gone*, uma homenagem ao ex-guitarrista da banda, Fredrik Johansson, que faleceu em 2022. Bela, mas também densa e soturna, a canção parece ditar o ritmo lúgubre do álbum, que nos faz sentir saudade de um passado que só existe na nossa memória, e tristeza por um futuro que não existirá para aqueles que perdemos. *Not Nothing* lembra a beleza lamentosa de *Forward Momentum* (*Atoma*, 2016), mas o equilíbrio entre raiva e tristeza sempre buscado pelo grupo encontra a perfeição com os riffs death metal de *Drowned Out Voices, Unforgivable* e *The Last Imagination*. O encontro perfeito entre o antigo e o novo Dark Tranquillity, e nada menos.

Valtemir Amler

APOCALYPTICA

PLAYS METALLICA, VOL. 2
THROWDOWN ENTERTAINMENT / BMG – IMP.

8,5

Eles se tornaram uma banda de som autoral a partir do álbum *Cult* (2000) e costumam regravar músicas de várias bandas. No entanto, ter feito sucesso com o debut *Plays Metallica by Four Cellos* (1996) fez com que os finlandeses do Apocalyptica até hoje sejam associados à banda de Hetfield e Ulrich. Vinte e oito anos depois, o grupo presta nova homenagem aos ídolos com *Plays Metallica, Vol. 2*. E continuam a surpreender, como em *Ride the Lightning*, que encerra com o final de *Escape*. Em *The Unforgiven II*, emulam o solo da primeira *The Unforgiven*. Já em *Blackened*, o convidado Dave Lombardo teve a liberdade de alterar arranjos da bateria, porém não superou Lars Ulrich. As versões das instrumentais *To Live Is to Die* e *The Call of Ktulu* são destaques, com esta última mantendo as linhas de baixo originais de Cliff Burton. Outro atrativo são as participações de Robert Trujillo e James Hetfield, que cantou *One* em estilo 'spoken word', conferindo, junto à Budapest Art Orchestra, um clima ainda mais épico e cinematográfico à canção. Eis mais uma bela homenagem ao Metallica, apesar de o Apocalyptica ter aproveitado na faixa *St. Anger* o timbre insuportável da caixa de bateria que Ulrich usou no disco homônimo.

Leandro Nogueira Coppi

GAEREA

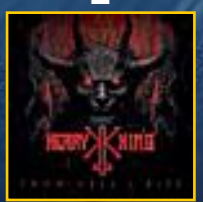
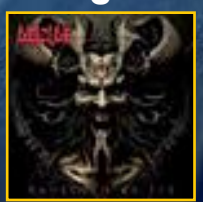
COMA
SEASON OF MIST – IMP.

9,0

Portugal nunca foi o maior exportador do metal, muito menos do black metal, mas o Gaerea tem o potencial para mudar esta percepção. O grupo tem conseguido grande notoriedade dentro do underground com seu EP autointitulado em 2016 e três álbuns lançados em 2018, 2020 e 2022. Com *Coma*, eles fazem a ponte entre o underground e o mainstream, abrindo as portas para uma nova era no black metal. Desde seus primórdios, a banda se destacou em meio ao mar de blasfêmias e mitologias antigas, decidindo abordar temas da experiência humana, notadamente o isolamento e o sofrimento, com toques de autodestruição e dormência mental. As composições do novo disco conseguem ser ao mesmo tempo intensamente brutais, sinistras, bonitas e delicadas, refletindo perfeitamente a fragilidade do ser humano. *Hope Shatters*, *World Ablaze* e *Kingdom of Thorns* têm uma abordagem mais convencional ao estilo, mas usufruindo do bom e do melhor da produção moderna. *Wilted Flower*, por exemplo, consegue transmitir uma quantidade absurda de emoção – tanto no instrumental quanto em seu refrão comovente. *Unknown* combina a aspereza de riffs dissonantes com a placidez de um violão dedilhado, criando melodias inusitadas. *Coma* é indubitavelmente um futuro clássico. Bem-vindo a uma nova era do black metal.

Daniel Agapito

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
				
DEEP PURPLE	KERRY KING	DEICIDE	NESTOR	EVERGREY
=1	FROM HELL I RISE	BANISHED BY SIN	TEENAGE IN REBEL	THEORIES OF EMPTINESS

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

Clube de Revistas

MS METAL RECORDS

APRESENTA:

SMOKY MARY - NU-METALCORE DO INTERIOR DE SÃO PAULO.
FUNDINDO O NU-METAL RAÍZ COM O MELHOR DO METAL MODERNO

Ouça UNDONE, EP de estréia da banda trazendo o Nu-Core pra terras tupiniquins.
Para fãs de Korn, Motionless In White, Tallah, Limp Bizkit e Linkin Park

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

MS METAL AGENCY · Spotify · DEEZER · amazon prime music · Available on iTunes · MS METAL RECORDS

Clube de Revistas

Divulgação

Jean Borman, Peter "Peavy" Wagner e Vassilios Maniatopoulos: o Rage novamente como um trio

CADA VEZ MAIS FORTE

Peavy Wagner fala sobre os 40 anos da banda alemã; o desafiador novo álbum, que marca o aniversário; e ainda dá uma aula de conceitos humanitários

Por Daniel Dutra

São quatro décadas de histórias em torno de um personagem principal: o baixista e vocalista Peter "Peavy" Wagner, que transformou o Rage num dos principais nomes do metal germânico. Novamente como um trio, depois do afastamento voluntário do guitarrista Stefan Weber, Peavy criou com Jean Borman (guitarra) e Vassilios Maniatopoulos (bateria) um disco duplo para celebrar a longevidade do grupo. E *Afterlifelines* mostra um Rage tanto antenado com o presente, mostrando-se musicalmente contemporâneo, quanto de olho no futuro, trazendo à tona questões humanitárias e do meio ambiente,

Vamos começar com uma pergunta simples: 40 anos de Rage. Que jornada até agora, hein?

Peavy Wagner: Sim! Praticamente a minha vida toda (risos), e uma trajetória e tanto, né? Comecei quando ainda era adolescente e agora farei 60 anos, o que é incrível! Sou verdadeiramente grato por todos esses ótimos anos, e nada disso seria possível sem os nossos verdadeiros fãs no mundo todo. Eu devo muito a todos eles!

E quando você formou o Avenger em 1984, lançando também o *Prayers of Steel*, que hoje é considerado um clássico, quais eram as suas expectativas na música?

Peavy: Honestamente, eu não tinha nenhuma expectativa. Éramos somente quatro adolescentes (N.R.: a banda tinha Jochen Schroeder e Alf Meyerratken nas guitarras, e o batera Jörg Michael), então conseguir fazer um disco já era algo incrível! Não fazíamos ideia do que mais poderia se desenvolver a partir disso, e eu ainda gosto muito daquele álbum. Ele envelheceu muito bem, realmente (risos).

Ou seja, nunca passou pela sua cabeça que você ainda estaria fazendo isso em 2024?

Peavy: Não! De jeito nenhum. Mesmo que um de nós tivesse uma bola de cristal para ver o nosso futuro, eu não acreditaria (risos). E falando francamente, é incomum ficar 40 anos ou mais nesse "tanque de tubarões" que é a indústria musical. Não é todo mundo que dura tanto tempo, porque é um negócio pesado. Ou seja, é incrível durarmos tanto. É uma verdadeira bênção.

O Rage teve várias formações diferentes ao longo dos anos, e você conseguiu manter intacto o DNA da banda independentemente de quem estivesse ao seu lado. Tem algum segredo?

Peavy: Acho que é manter o estilo das composições, usando as harmonias... Você disse algo legal, porque é o meu DNA musical, é o meu jeito típico de criar melodias nas estruturas harmônicas, e isso se mantém seja qual for a formação da banda. Teria sido legal se tivéssemos mantido os mesmos caras por todos esses 40 anos, claro, mas são raras as bandas que conseguem isso. E não tem nada a ver com amizade, porque continuo amigo de boa parte deles, então tem a ver com as perspectivas de vida, que se alteram ao longo dos anos. Alguns começaram suas famílias, por exemplo, e existem muitas razões para tantas mudanças. Mas eu continuo aqui! (risos)

A banda está comemorando o 40º aniversário com o seu álbum mais pesado, digamos assim, porque não sei se seria justo afirmar que é o trabalho mais surpreendente do Rage. De qualquer maneira, é incrível depois de todos esses anos...

Peavy: É o nosso primeiro álbum duplo... Espera aí, você acha que o *Afterlifelines* é o nosso disco mais pesado? Interessante. Ele realmente tem uns momentos bem pesados, só que alguns bem épicos, também. Eu diria que todas as marcas registradas do

Clube de Revistas

nosso som foram incluídas, então tem mesmo coisas bem pesadas.

Quando digo que é o álbum mais pesado, refiro-me também a elementos mais modernos, porque *Afterlifelines* é contemporâneo e pode atrair um público mais jovem.

Peavy: Será ótimo se isso acontecer, e ficarei muito grato! (risos) Esse toque contemporâneo acontece porque agora temos um guitarrista mais jovem. Jean está familiarizado com esses estilos mais modernos de guitarra, além de ser um instrumentista fantástico! Musicalmente, ele fala a mesma língua que eu, então nos damos muito bem. Quando chego com as minhas ideias de composições para trabalhamos juntos nelas, Jean as transporta de uma maneira mais atual, ou seja, é uma ótima colaboração. Essa é a razão de o disco soar novo, com toques de modernidade, mas sem perder o som típico do Rage.

Como você mencionou o Jean, devo perguntar sobre a situação de Stefan Weber na banda. O que aconteceu?

Peavy: Isso é algo que pode ser difícil para os fãs entenderem, e até mesmo para quem está do lado de fora. Stefan está dando um tempo da banda devido a algumas questões pessoais que o impedem de fazer música no momento, mas as portas continuam abertas para ele. Tão logo possa voltar a fazer música, será bem recebido! Nós não queríamos adicionar mais um integrante, porque fomos um trio por muitos anos e sabemos como funciona. E tem funcionado com o Jean, apesar de o lugar do Stefan continuar guardado, porque só depende dele. Vamos ver como as coisas ficarão quando ele puder retornar, e eu desejo tudo de melhor para o Stefan. Que ele reencontre a força para voltar a trabalhar.

Dito isso, sei que muitos fãs têm um lugar especial para Manni Schmidt e Victor Smolski, mas o que Jean Bormann fez em *Afterlifelines* é excelente. E não são apenas os ótimos riffs e solos, porque há pequenos detalhes em todas as músicas...

Peavy: Sim, ele é um cara fantástico e um músico fabuloso. Jean tem 29 anos, então poderia ser meu filho! (risos) Manni é um guitarrista lendário, assim como Smolski, mas eles são de uma era diferente, não tocam de uma maneira contemporânea, e Jean é o que os guitarristas tocam hoje em dia.

E eu gostaria de destacar o conceito do álbum, já que as letras versam sobre 'um cenário distópico, onde todos os sistemas que conhecemos entrarão em colapso se não mudarmos fundamentalmente.' O ser humano vem se esforçando para que essa distopia vire realidade...

Peavy: E esse ponto de vista distópico vem do *Resurrection Day* (2021), no qual descrevi a história desde a Idade da Pedra até os dias atuais, e, claro, isso gerou uma visão de futuro: se não mudarmos nada, onde estaremos daqui a 150 anos? Particularmente, acredito que ainda há esperança, já que a humanidade sempre encontrou uma forma de sair dos problemas. No momento atual, porém, parece que chegamos a um clímax, porque temos as mudanças climáticas potencializando desastres naturais, então não há um ponto único que vá mudar tudo. São vários pontos que devem ser mudados ao mesmo tempo, são centenas de pequenas soluções em centenas de segmentos diferentes. Se eu tivesse uma solução para tudo isso, eu seria Deus ou algo assim (risos), mas sou apenas um músico. Nem mesmo os políticos sabem mais o que fazer, mas creio que duas coisas seriam realmente importantes: compartilhar todas as fontes de energia e, também, o dinheiro de maneira igualitária entre as pessoas. Em todas as sociedades atuais, existem pouquíssimas pessoas com uma quantidade imensa de dinheiro, os super-ricos, que entram nas mentes da população por meio das redes sociais. No entanto, se todas as pessoas do mundo tivessem a sua parte, se todo esse dinheiro fosse dividido de maneira justa entre os povos, boa parte dos conflitos atuais não existiria. O ser humano deveria ser menos ganancioso, parar de explorar tudo por dinheiro e deixar algo para o resto do mundo, afinal, existem outras formas de vida que dividem o Planeta conosco. Se deixássemos recursos para todos os seres vivos, boa parte dos nossos problemas seria bem menor do que são atualmente, e alguns até mesmo desapareceriam. Eu realmente acredito que o nosso maior problema é a ganância. Ainda que todos nós sejamos um pouco gananciosos, há uma meia dúzia de pessoas no Planeta que quer absolutamente tudo para elas. A quantidade de dinheiro que algumas dessas pessoas tem é vergonhosa! Isso deveria ser inaceitável! Quem deu a Jeff Bezos (N.R.: fundador e dono da Amazon) o direito de ter tanto dinheiro e tanto poder? Ok, ele teve uma boa ideia de negócio, e tudo bem ele ficar rico. Mas trilionário? Enquanto isso, metade do Planeta está passando fome, e isso é uma loucura!

AFTERLIFELINES
SPV/Valhall Music/Soundcity Records - Nac.

É aquela velha história de ter o suficiente para viver bem, com conforto, mas os que têm mais do que podem gastar normalmente são os que não ajudam outras pessoas...

Peavy: Isso, cara! Se quisessem, com todo esse dinheiro e todo o poder que têm, eles poderiam resolver todos os problemas do mundo! Mas não, as usam para um monte de babaquice ou então para financiar guerras. Quem dá a eles esse direito? Se o resto das pessoas no mundo se levantasse e dissesse 'não permitimos mais isso', e não sei se isso sequer é uma possibilidade, creio que seria uma forma de barrá-los. Esses bilionários são narcisistas e egomaníacos, pensam somente neles mesmos e em como juntar mais dinheiro. Não estão nem aí para outras pessoas!

Você mencionou as mudanças climáticas, e na música *Toxic Waves* você escreveu sobre algo que muitas pessoas não pensam: 'A quantidade devastadora de plástico à deriva em nossos oceanos'. Os danos ao meio ambiente não estão sendo feitos apenas nas florestas, especialmente na Floresta Amazônica...

Peavy: Temos tantos seres vivos no Planeta, e nós dependemos dessa diversidade. Infelizmente, nem todo mundo entende como a nossa existência depende dessa diversidade biológica, não consegue perceber que não poderíamos viver sem essas outras formas de vida ao nosso redor. O problema é que o ser humano só pensa nele mesmo. Como diz um ditado alemão, a nossa visão só vai até a borda da nossa xícara de café. Ou seja, não conseguimos enxergar como tudo está conectado, e em todo o Universo é assim. Tudo está conectado, mas a maioria das pessoas não enxerga dessa forma, apenas se vê separada de todo o resto, e talvez seja esse o problema que nos levará ao colapso.

Clube de Revistas

BLIND EAR

Por Daniel Dutra • Fotos: Alexandre Cavalcanti

BEN HUR AUWARTER
(ELECTRIC MOB)

RISE
Six
Extreme

"Já gostei... Conheço isso. Espera aí, porque eu sei o que é, e é uma música nova... Pô, é o Extreme! Continuo não lembrando o nome da música, mas foi o primeiro single do novo disco. (R.C.: Isso, e a faixa se chama *Rise*.) O solo é um absurdo, com uma construção absurda, porque tem um raciocínio tipo... Como é que eu posso explicar? Eu vejo o que o Nuno Bettencourt faz e consigo linkar ao Eddie Van Halen, porque é desconstruído e musical ao mesmo tempo. É longe da minha escola, que vai para o blues e o hard rock, e é quadradinho, pentatônica, e eu tento tirar do tempo, do compasso no mesmo fraseado um pouco desse lance mais quadrado, mas Nuno e Eddie conseguem fazer de um jeito que vai além. Não é quadrado, não é previsível e é musical."

LOVE WILL SET YOU FREE
Love Songs
Whitesnake

"Confesso que não faço a mínima ideia do que seja... (R.C.: Espera entrar o vocalista.) Ah, isso é Whitesnake, né? (R.C. Isso.) É que eu comecei a escutar Whitesnake depois que conheci o Renan (Zonta, vocalista do Electric Mob). Mas olha esse 'fun fact': no *Discharge*, pensamos em ter o David Coverdale na *Far Off*. Estávamos em estúdio na mesma época que o Whitesnake estava no Brasil, e ele teria dois dias livres em Curitiba antes do show em São Paulo. Falamos 'vamos mandar um e-mail', afinal, imagina ter esse cara cantando no nosso disco? Mas pensamos que seria mais fácil (risos), e acho que o pessoal da Frontiers leu nosso e-mail e riu da nossa cara (risos). Bom, eles responderam que o Coverdale não faz nada além dos shows quando está em turnê."

OUT TA GET ME
Reanimate: The Covers EP
Halestorm

"(N.R.: de primeira.) Isso é Guns n' Roses versão Halestorm! As versões nesses EPs são fodas, e eles também fizeram uma do Skid Row, né? (R.C.: Sim, para *Slave to the Grind*.) Eu comecei a dar moral para o Halestorm faz pouco tempo, porque entrei tarde no rock. Eu era adolescente, e não havia ninguém para dizer 'escuta isso aqui, escuta aquilo ali', então fui por conta própria. No começo, eu só ouvia Guns n' Roses e Lynyrd Skynyrd, e foi com o Guitar Hero que comecei a escutar coisas novas. Eu já tocava guitarra, mas escutava pouca coisa, então conhecia as bandas pontualmente. Hoje, o que estou fazendo? 'Pô, eu conheço o KISS, mas por que nunca parei para escutar a discografia do KISS?', e agora faço isso na academia. É um disco por dia (risos)."

DANCE THE NIGHT AWAY
Van Halen II
Van Halen

"(N.R.: assim que entra a guitarra.) Isso é Van Halen, mas aí vai me pegar no nome da música. Na verdade, acho que não vou lembrar nem o nome do disco (risos) (R.C.: No refrão você mata o nome da música.) O hard tem muito disso, né? (risos) Beleza, fechou: é *Dance the Night Away* (risos). É que nem os três primeiros álbuns do Mötley Crüe, porque você não precisa saber o nome das músicas. É só esperar pelo refrão (risos). (R.C.: É do *Van Halen II*.) Cara, eu escuto o Eddie Van Halen, aí penso: 'Olha, não vou nem tentar' (risos). O raciocínio musical é diferente, a técnica é muito absurda, e eu teria que estudar mais, só que ando preguiçoso (risos). Sabe conseguir fazer com o mínimo possível? Estou fazendo, mas não tenho orgulho nenhum disso (risos)."

MODERN DAY DELILAH
Sonic Boom
Kiss

"(N.R.: de primeira.) Isso é *Modern Day Delilah*, do KISS, e essa música é muito foda. É do *Sonic Boom*, que é um disco foda, também. (R.C.: Deu certo ouvir a discografia da banda na academia.) (gargalhadas) Conheci o KISS primeiramente por causa do meu irmão, que é bem mais novo do que eu, e eles têm essa parada com criança. O KISS impressiona, é meio mágico. As filhas do Nick (Tieder), da Frontiers, são viciadas em KISS. Ele disse que elas ficam o dia inteiro assistindo ao desenho com o Scooby-Doo (N.R.: 'Scooby-Doo e KISS: O Mistério do Rock and Roll', de 2015) (risos). Fui atrás do KISS de ouvir o meu irmão escutando, porque eu baixava as coisas para conhecer, e ele foi lá fuçar (risos). Lembro-me que ouvimos o *Sonic Boom* juntos, no lançamento."

WHEN THE LIGHTS COME ON
The Gang's All Here
Skid Row

"(N.R.: de primeira.) Cara, isso parece Skid Row. (N.R.: entram as guitarras.) Não é possível que isso não seja Skid Row. (N.R.: Erik Grönwall começa a cantar.) Sim, isso é Skid Row (risos), mas de que álbum é essa música? (N.R.: Ben Hur começa a cantar o refrão.) Ah, é do *The Gang's All Here*, o álbum com o Erik. Esse disco é legal para caramba, pouco ousado, mas é Skid Row. (R.C.: Acho que a intenção era essa, fazer um disco raiz da banda.) E faz total sentido, até para apresentar o Erik. (R.C.: Você é fã da banda que eu sei, mas é viúva do Sebastian Bach?) Nunca fui, e depois que assisti a uns vídeos dele de 1994... Meu Deus! (risos) Foi mal, mas não dá, não tinha como continuar no Skid Row. E hoje eu o vejo cantando, e não adianta. Não dá (risos)."

SCREAMING SUICIDE
72 Seasons
Metallica

"Eu também conheço isso. (N.R.: Ben Hur solfeja o riff de guitarra). É Metallica, do último álbum, e esse riff é hard rock para caramba! (R.C.: Esse disco é tão bom que nem o Lars Ulrich conseguiu estragar.) (risos) Hoje em dia você consegue meter o bumbo que bem entender. O cara toca, você triga e muda o som para o que quiser, e esse bumbo é trigado. Eu estava assistindo a um show do Metallica, e um brother que é batera disse, quando o Lars mandava os dois bumbos: 'É, a perna esquerda dele está ficando cansada' (risos). Mas é o Lars, é o Metallica. O riff de *Lux Æterna* também é hard puro. (N.R.: chega a hora do primeiro solo.) Gosto muito desse fraseado, e o Kirk Hammett não está tentando inovar em nada. Apenas está soando como ele mesmo."

KILL THE GUY WITH THE BALL
Alien Love Secrets
Steve Vai

"Nunca ouvi isso em toda a minha vida (risos). Puta merda, que baterista é esse? (R.C.: Deen Castronovo.) Toca desse jeito e ainda canta demais! (R.C.: Podemos parafrasear Frank Zappa e dizer que essa introdução é 'impossible drums parts', mas o Castronovo não é o ator principal da música.) A bateria é tão peculiar que eu já teria reconhecido a música se a tivesse escutado antes. Quem é? (R.C.: Steve Vai.) Ah, entra naquela parada da técnica. Eu nunca curti o Vai, nunca fui de Joe Satriani, mas não é questão de achar ruim. Eu apenas não gosto, o que é diferente de achar ruim, porque nunca me pegou. Acredito que é porque comecei na escola Guns n' Roses, que é mais Joe Perry, mais Jimmy Page. Musicalmente, Steve Vai é absurdo, mas não me diverte."

SOMETIMES I FEEL LIKE SCREAMING
Purpendicular
Deep Purple

"Aí ferrou, sou ruim de balada (risos). (R.C.: Só coloquei por causa do tema de guitarra, um dos mais bonitos que já ouvi.) Tema de guitarra é o suprassumo! Isso soa familiar, e é dos anos 1970, né? (R.C.: a banda é do fim dos anos 1960, estourou nos anos 1970, e a música é de 1994.) Aceito dicas (risos). (N.R.: neste momento, Renan diz 'já tive uma banda que tocava muitas músicas dessa banda'.) Então é Deep Purple, e conheço pouquíssimo. Minha madrinha de formatura da 8ª série me deu de presente um DVD lançado em 2002... (R.C.: *Perihelion*?) Isso! Conheci o Purple assim, e agora tenho de ouvir a discografia na academia (risos). E gostei bastante do que escutei do Steve Morse até hoje. Técnica e feeling."

WICKED SENSATION
Wicked Sensation
Lynch Mob

"Que riff bom demais! Se eu não conheço, já gostei (risos) Isso é novo? (R.C.: Não.) Sério que isso não é novo? (R.C.: É de 1990.) Porra, não tem um 'remaster' ou 'remix' aí, não? (R.C.: Remasterizado, mas não remixado.) Soa muito atual, e eu já ouvi isso. Não consigo lembrar, porque se não me é estranho, também não é me familiar o suficiente. (R.C.: O videoclipe dessa música rolou bastante na MTV, inclusive no Brasil.) Mas eu era uma criança que não assistia à MTV, e sim ao Discovery Channel (risos). (R.C.: O guitarrista é um dos grandes dos anos 1980, e essa banda tem uma ligação nominal com o Electric Mob.) Adrenaline Mob? (R.C.: Lynch Mob.) É o George Lynch, um cara que eu sei que preciso conhecer mais. Olha esse solo! E esse groove? Bom demais."

Clube de Revistas

Divulgação

THERION

MÚSICA, NEGÓCIOS E VIDA DE ARTISTA

Ao falar do novo e ambicioso álbum, Christofer Johnsson abre o lado empresarial da sua banda, que virou (ou voltou a ser) um hobby

Por Daniel Dutra

Com *Leviathan III*, o Therion encerrou a trilogia dando um passo musical mais ousado, e foi sobre isso que fomos falar com Christofer Johnsson, o guitarrista, tecladista, principal compositor e mentor da banda sueca hoje formada por Thomas Vikström e Lori Lewis (vocais), Christian Vidal (guitarra), Nalle Påhlsson (baixo) e Sami Karppinen (bateria). No entanto, o que seria uma entrevista de 30 minutos se transformou numa conversa de duas horas sobre assuntos dos mais diversos, especialmente como o grupo hoje se coloca no mercado. O falante e muitas vezes prolixo Johnsson fez revelações interessantes, ligadas ao fato de hoje ter dinheiro suficiente na conta para poder fazer tudo apenas por prazer e diversão.

Vamos começar com a trilogia Leviathan. Quando surgiu a ideia e quanto tempo você demorou para desenvolver o conceito?

Christofer Johnsson: Depois do *Beloved Antichrist* (2018), eu me senti muito vazio. Parecia que tínhamos feito tudo o que queríamos musicalmente, então realmente pensei: 'O que vem a seguir? Que porra devemos fazer agora?'. Quando conversei com Thomas sobre isso, percebemos que durante todos esses anos sempre fizemos o que queríamos. Nunca nos importamos em tentar ser populares, sabe? Alguns discos seriam menos populares, outros seriam mais populares, só que escrevemos músicas para nós mesmos, as compartilhamos com as pessoas e esperamos pelo melhor. Então, pensamos que a única coisa que nunca fizemos foi tentar dar aos fãs o que eles querem, e isso parece fácil, né? (risos) Mas por que o Iron Maiden não faz outro *The Number of the Beast*? Por que eles não compõem outra *The Trooper* ou *Hallowed Be Thy Name* se é tão fácil? Por que o Judas Priest não compõe outra *Breaking the Law*? A verdade é que não é tão fácil, por isso pensamos que poderia ser um desafio muito bom, então dissemos 'vamos tentar!'.

E tentaram com vontade, porque saíram com três discos dessa iniciativa...

Christofer: (rindo) E para tornar o desafio maior, ainda anunciamos com antecedência. Escrevemos no Facebook: 'Ok, vamos dar o que vocês querem. Vamos escrever um álbum de sucesso para vocês', e foi muita pressão. Quer dizer, uma coisa é tentar fazer, ter sucesso e então apresentar aos fãs; e outra coisa é não ser bem-sucedido na tentativa, porque aí não teríamos que contar a ninguém. Porém, se você anunciar e não alcançar seu objetivo, ficará muito mal, entende? Houve muita pressão, realmente, mas nos saímos muito bem, e vou contar por quê: conseguimos compor mais de 40 músicas, então conseguimos fazer três discos de sucesso em vez de apenas um. Decidimos dividir as canções para que houvesse, em termos de gosto, um *Leviathan* para cada categoria de fãs. O primeiro foi voltado para os vocais e os hits; o segundo também focou nos hits, só que de uma maneira mais sombria e melancólica; e o terceiro acabou sendo mais

Clube de Revistas

aventureiro, para quem prefere o lado mais experimental do Therion, como em *Duende*, que é um metal flamenco.

E eu queria chegar justamente aí, porque *Leviathan III* é o mais interessante dos três álbuns exatamente pelo fator surpresa, digamos assim...

Christofer: Chega de mixar como o Iron Maiden, né? (risos) E você tem razão. Nunca tentamos fazer um hit doom metal antes, e agora temos *Twilight of the Gods*. Há *Ruler of Tamag*, que traz algo da música turca, e até *Ninkigal*, com um conjunto vocal de death metal. Ou seja, há sete pessoas cantando a parte death metal, e até achei que soaria diferente e maior do que eu havia imaginado no início, só que ainda é diferente de ter somente um vocalista. E é uma coisa legal. De fato, experimentamos muitas coisas, como *Bacchanale* ser a antítese de *Ferien*, porque eu pensei: 'Qual é o estilo musical que está mais distante de *Ferien*?', e tinha que ser algo punk ou hardcore, sabe? Muito simples e barulhento. Então, eu disse: 'Vamos tentar fazer uma música que use um riff punk ou hardcore combinado com vocais de ópera', porque são basicamente lados opostos do espectro musical. Sei que não será a faixa favorita das pessoas, mas é uma experiência legal (risos), e a forma como organizamos o coral adicionou um aspecto ABBA... Cara, é mais ou menos como se uma música hardcore virasse uma ópera do ABBA, o que suponho ser bastante original (risos). Ainda assim, *Bacchanale* é uma canção mais antiga, por isso também tem alguns riffs de thrash metal 'old school'. Ah, e em *What Was Lost Shall Be Lost No More* nós tentamos ver o quão complexo poderíamos tornar as partes vocais, então usamos contrapontos, com cantores cantando coisas completamente diferentes ao mesmo tempo. Há cinco contrapontos na canção, e a edição do CD para a América Latina terá uma faixa bônus com os vocais a cappella, para que você possa ouvir o que está realmente acontecendo, já que muita coisa se perde na mixagem. Às vezes, tenho essas ideias malucas e, geralmente, as deixo rolar porque estou entediado ou porque simplesmente é algo legal. Nove em dez vezes essas ideias são apenas uma perda de tempo divertida, não levam a nada produtivo ou importante, mas numa única vez elas levam a algo incrível, e *What Was Lost Shall Be Lost No More* foi um desses momentos.

Bom, você antecipou a resposta a várias das minhas perguntas, mas já que falou em ideias malucas, a pandemia ajudou nesse processo criativo? Afinal, *Leviathan* foi lançado em 2021, e acredito que você teve mais tempo para desenvolver as duas partes seguintes...

Christofer: Como tudo foi fechado, nossos planos foram completamente arruinados. Fecharam o aeroporto em Malta, onde moro, e o planejamento inicial contava com as pessoas pegando um avião para gravar aqui. Assim, fomos forçados a trabalhar de uma forma diferente, a distância, e a moeda tem dois lados. De certa forma, isso forçou as pessoas a assumirem mais responsabilidades e, também, facilitou para mim em relação à quantidade de músicas que íamos gravar. Porém, algumas pessoas trabalham melhor quando têm orientação no estúdio. Portanto, com estas eu continuei a trabalhar presencialmente depois que tudo foi liberado, porque é a melhor maneira. E foi um jeito diferente também no sentido de que ninguém podia sair em turnê, então foi a primeira vez que lançamos um álbum e não fomos para a estrada. Foi um pouco estranho, mas, por outro lado, foi bom para mim, porque estou cada vez menos interessado em fazer turnês... Quer dizer, não exatamente no ato de tocar ao vivo, porque adoro estar no palco, e isso é o melhor de tudo, então não me leve a mal. Refiro-me às viagens, a ter de esperar pelos voos em saguões de aeroportos, porque isso foi ficando mais chato com o passar dos anos. Antigamente, todo mundo bebia cerveja, era uma festa sem fim, mas eu não bebo em turnê desde 2007, e a formação atual do Therion também não tem integrantes exatamente festeiros. São apenas pessoas que levam a música muito a sério.

LEVIATHAN III
Napalm/Shinigami - Nac.

Ok, mas isso, então, é um fator positivo além do fato de você provavelmente ter tido mais tempo durante a pandemia...

Christofer: Ah, sim, mas o que quero dizer é no sentido da interação. Se você entrar num backstage hoje em dia, não há pessoas tomando cerveja e conversando, e sim um ambiente muito quieto, com todo mundo sentado e olhando para os seus malditos smartphones, postando coisas estúpidas nas redes sociais, e eu sou o único cara que não tem rede social! Bem, não uma rede pessoal, porque tenho um perfil de artista, que quase nunca uso. Faço poucas postagens por ano e não estou interessado em ler merdas no telefone o tempo todo, então é muito chato para mim. E ainda tem todas as viagens, sendo que na Europa é ainda mais chato, porque você vai de ônibus, acorda num lugar novo, toma café da manhã, tem talvez quatro horas para passar o som, toca duas músicas, depois são mais quatro ou cinco horas até o jantar, aí mais quatro ou cinco horas antes do show, e assim será o seu dia. E isso se repete no dia seguinte, no dia seguinte e no dia seguinte sucessivamente durante dois meses. Na América Latina é diferente, não é nada chato, só que é muito difícil, especialmente quando se está um pouco mais velho, porque não se consegue dormir, sabe? Se você tem dois shows consecutivos, digamos, indo de São Paulo para Buenos Aires, é uma viagem longa, sendo que não há tantos voos disponíveis. É preciso pegar um voo mais cedo, tipo às 7h, então imagine como é depois de termos saído do palco à meia-noite... Para viajar às 7h, precisamos estar no aeroporto às 5h, e levamos uma hora dirigindo até o aeroporto, o que significa que saímos do hotel às 4h. Ou seja, chegamos ao hotel talvez uma hora depois do show, e isso na melhor das hipóteses, tomamos um banho rápido, penduramos as roupas molhadas de suor, torcendo para que elas sequem a tempo, e temos somente três horas de sono antes de levantar e, sem tomar café da manhã, sair para o aeroporto. Está tudo bem fazer isso um dia, mas dia após dia durante semanas o deixa completamente arrasado, e você passa a sentir ainda mais os efeitos disso depois que passa dos 50 anos. Essa é a razão por que Nalle parou de fazer turnês com o Therion. Ele ainda é o nosso baixista e grava os discos, mas fará 60 anos em breve, então disse para mim: 'Não consigo mais fazer isso. É muito difícil para mim'. Eu aprendi que posso dormir em qualquer lugar do avião, até de cabeça para baixo, só que o Nalle não é assim. Ele tomava remédio para dormir, o que pode ser um problema se você tem de acordar três horas depois, porque talvez não consiga e vá ficar totalmente estressado. Em um de seus últimos shows, Nalle disse: 'Senti como se meu coração fosse pular fora do peito quando estávamos no palco, então percebi que não posso mais

Clube de Revistas

Divulgação

Christian Vidal, Christofer Johnsson e Thomas Vikström: o núcleo musical do Therion. Hoje...

EU TENHO UM BOM SALÁRIO APENAS PARA FICAR SENTADO, PORQUE FUI INTELIGENTE AO COMPRAR A PARTE DE TODO MUNDO NO THERION

fazer isso', mas como ele é um baixista muito bom, eu respondi: 'Ainda quero ter você na banda, então toque nos discos, porque vamos arranjar outra pessoa para os shows'. Mas é muito, muito difícil, então provavelmente vamos escolher a dedo as turnês no futuro. Se não pudermos fazer isso de maneira conveniente, prefiro não fazer. Estou ficando velho demais para isso.

Isso soa como se você já estivesse planejando a aposentadoria.

Christofer: Bom, se os promotores puderem planejar melhor os dias de viagem, afinal, não estou pedindo muito, né? Só preciso dormir a noite toda (risos). Entendo que a sexta-feira e o sábado são dias que terão de ser consecutivos, e tudo bem, porque uma vez por semana podemos passar pelo pesadelo de não dormir, mas no restante da semana, não. Quero ao menos dormir normalmente à noite, e sei que isso pode significar não ser economicamente viável tocar em todos os lugares. Somos uma banda grande, com sete pessoas no palco, fora a nossa equipe. Temos muitas afinações diferentes nas músicas, então levamos mais guitarras do que todo mundo e, realmente, temos muito excesso de peso quando saímos em turnê. Ou seja, não somos uma banda barata para contratar, mas não é que sejamos gananciosos. Não pedimos tanto dinheiro assim, só que temos uma produção muito cara e, também, trabalhamos com a melhor equipe que o dinheiro pode pagar, já que temos uma configuração complexa que faz todo sentido. Na turnê anterior, não tocamos no Brasil porque seria em janeiro, e as pessoas disseram: 'janeiro é como julho na Europa. É época de férias, então pode ser que ninguém apareça', e o dinheiro que nos ofereceram não foi suficiente nem para comprar as passagens aéreas, então obviamente respondemos: 'Ok, não vamos ao Brasil. É triste, mas todo mundo sobreviveu, ninguém morreu'. Na próxima, talvez aconteça com a Argentina, porque o país vive uma enorme crise financeira, ou talvez com o Peru, já que é muito caro voar para lá. Vamos escolher a dedo.(N.R.: na nova turnê, o Therion toca em São Paulo no dia 11 de setembro.)

Resumindo, a sua opção é por qualidade de vida, deixando o dinheiro em segundo plano?

Christofer: Sim, mas vou lhe contar algo que não costumo ficar falando: eu tenho um bom salário apenas para ficar sentado, porque fui inteligente ao comprar a parte de todo mundo no Therion. Quando tivemos novos integrantes, ofereci parcerias: 'Olha, você pode ser sócio, e isso significa que você não vai receber nada quando gravarmos o álbum, porque temos que esperar os royalties chegarem mais tarde. Ou posso dar esse valor agora, mas então você não terá direito aos royalties. É como se você fosse contratado'. Ofereci boas quantias, e todos aceitaram receber na frente. Eles ficam tipo 'bem, você não sabe o que vai conseguir, mas sabe o que tem agora', então seguem o princípio da recompensa instantânea. Isso fez com que, dez anos depois, eu esteja no azul. Depois de todo esse tempo, ganhei tanto dinheiro que repus o que gastei quando paguei adiantado aos músicos. Ou seja, sempre fui dono de todos os royalties. Além disso, em 2020, eu não estendi um dos contratos com a Nuclear Blast, porque eram dois diferentes. Havia um para o catálogo anterior, e eu falei: 'É tudo digital agora, e a gravadora nem está relançando nada fisicamente, porque estava sendo comprada pela Believe. Por que deveríamos fazer reedições? Foda-se isso. É tudo uma questão de streaming'. Por que preciso de uma gravadora se agora se trata apenas de streaming? Eu mesmo posso colocar os discos antigos nas plataformas, e nem é preciso promovê-los. A Nuclear Blast tira, eu coloco novamente, e pronto: as pessoas que quiserem ouvir o *Vovin* (1998) vão procurá-lo nas plataformas. Assim, tenho todos os meses um salário muito bom apenas com o streaming, sendo que também fiz outros investimentos, como em imóveis. Portanto, mesmo que todos passem a odiar o Therion a partir de amanhã, deixando de ouvir os discos até mesmo no streaming, eu ainda assim viveria bem com outra fonte de renda que não seja a banda. Isso foi muito bom porque realmente me colocou em outra perspectiva. Nunca mais precisei dizer 'precisamos fazer uma turnê agora para que eu possa pagar minhas contas; ou tudo que precisamos fazer agora é gravar um disco para que eu possa pagar minhas contas'. Eu gravo um disco se estou inspirado, e fazemos uma turnê porque sentimos que, sim, será legal. Na verdade, é assim que deveria ser, então é o mesmo entusiasmo e a mesma paixão de quando comecei a banda, de quando eu tinha 15 anos. Fiz as coisas por diversão naquela época, e faço por diversão agora.

Clube de Revistas

CONSULADO DO ROCK

@CONSULADODOROCK

ACESSE NOSSO SITE:

WWW.CONSULADODOROCK.COM.BR

Six Feet Under

HOSTILIDADE CONTRA A HUMANIDADE!

Único membro da formação original, Alex Staropoli diz que estabilidade foi fundamental em *Challenge the Wind*

Por Valtemir Amler

Não se trata de repetir um dos capítulos mais icônicos da história do death metal, mas é fácil supor que muitos fãs do estilo gostariam de ver e ouvir mais da célebre parceria do vocalista Chris Barnes com o guitarrista Jack Owen. Parceiros nos quatro lendários primeiros álbuns do Cannibal Corpse, a união teve fim em 1995, quando Barnes partiu para focar no Six Feet Under, que lançou seu álbum de estreia (*Haunted*) naquele ano. Enquanto o vocalista construía uma nova história ao lado do guitarrista Allen West (ex-Obituary), Owen continuou sua jornada com o Cannibal Corpse até 2004, quando saiu para ingressar em outra lenda, o Deicide. Ao lado de Glen Benton e Steve Asheim foram outros doze anos, até que finalmente, em 2017, Barnes e Owen voltassem a se reunir, agora sob a bandeira do Six Feet Under. O primeiro grande resultado dessa união de forças veio com o álbum *Nightmares of the Decomposed* (2020), no qual Owen já assumiu responsabilidade total sobre o processo de composição, coisa que manteve e aprimorou no novo *Killing for Revenge*. Dono de uma discografia sólida e clássica no death metal, Owen nos falou sobre esse novo capítulo ao lado do Six Feet Under, mas não se fez de rogado na hora de comentar os seus grandes momentos com o Cannibal Corpse.

No mais novo capítulo da parceria, Chris Barnes e Jack Owen revivem os grandes momentos com o Cannibal Corpse

Divulgação

Muito tempo se passou desde que você e Chris Barnes trabalharam juntos em um álbum, acredito que isso não acontecia desde *The Bleeding* (Cannibal Corpse, 1994). Mas, a espera finalmente acabou em 2020, quando você estreou no Six Feet Under com *Nightmares of the Decomposed*. Como compositor, quais foram as principais diferenças que sentiu entre o trabalho naquele álbum e o novo, *Killing for Revenge*?

Jack Owen: Acho que a principal diferença foi que, quando cheguei e comecei a compor para *Nightmares of the Decomposed*, eu não dispunha das ferramentas que precisava para gravar boas demos. Claro que tinha um arquivo de riffs, mas não tinha um multitrack, estava trabalhando com loops de bateria, basicamente estava tentando compor tudo de cabeça, então o processo todo foi um pouco caótico e muito trabalhoso. Já em *Killing for Revenge* tudo parecia um mundo novo, pois tinha em mãos tudo aquilo de que precisava: eu tinha mais riffs para escolher, um gravador multitrack, um bom programa de bateria, e isso faz toda a diferença. No álbum anterior, tudo o que tinha era aquele loop insosso repetido, já no novo pude dispor de um programa chamado EZDrummer, no qual você pode escrever as canções de um álbum inteiro e então gravar as demos em multitrack, o que melhorou muito as

possibilidades para composição. Foi tipo uma mudança da noite para o dia.

Então, você já foi o principal compositor no álbum anterior.

Jack: Na verdade, escrevi toda a parte musical de *Nightmares of the Decomposed* e entreguei tudo para que o Chris fizesse as letras. No novo álbum, também escrevi todas as músicas, a diferença é que tive algumas ideias para as letras. Nessas, já registrei algumas demos com minhas ideias, com meus vocais horríveis (risos).

Bom, talvez vocais não sejam o seu dom natural.

Jack: Definitivamente não! (risos) Eu e Chris até estávamos brincando com isso quanto mostrei as demos. Ele ficou tipo: 'Que porra é essa, El Duce cantando death metal?' (N.R.: referência ao baterista e vocalista americano Eldon Hoke, da banda The Mentors, falecido em 1997). Depois dessa, acho que vou continuar me concentrando na guitarra (risos gerais). Mas, no fim das contas era só um tipo de guia para onde seguir, então, serviu ao propósito.

Imagino que com todas as ferramentas em ordem, você acabou podendo organizar melhor as ideias.

Jack: Totalmente! O simples fato de poder pegar todas as minhas ideias e rapidamente registrá-las em uma gravação suficientemente completa, com riffs, linhas de bateria e até mesmo alguns solos de guitarra que incluí aqui e ali para Ray Suhy (N.R.: ex-guitarrista do Cannabis Corpse) deixou o trabalho todo muito mais fácil. Depois disso, simplesmente não conseguia parar de compor. Sendo sincero, continuo compondo, mesmo agora que o álbum já está sendo lançado. Registrar ideias é fundamental para ser criativo.

Com certeza.

Jack: Para mim, foi como se estivesse novamente nos anos 90, compondo com o Cannibal Corpse. A diferença é que naquela época havia um baterista do meu lado durante o processo (risos), e isso não é possível agora, já que estamos todos espalhados pelos EUA, compondo e esperando pelo momento de gravar e sair em turnê juntos. Definitivamente, sinto que escrevi coisas neste álbum que caberiam nos velhos álbuns do Cannibal Corpse: são músicas mais rápidas, mais pesadas, existem variações na afinação das guitarras, alguns blast beats aparecendo nos momentos certos, com certeza me senti como na época do Cannibal Corpse.

Provavelmente, acabou buscando as mesmas referências dos velhos tempos.

Jack: Sim, com certeza. De fato, senti que estava olhando de volta no tempo, quando estávamos começando o Cannibal Corpse e eu era vidrado em bandas como Exodus, Kreator, Sodom, Destruction, o velho Sepultura, todas essas coisas incríveis que faziam a música mais pesada de que tínhamos notícia na época. Eu amo thrash, então não é estranho encontrar alguns riffs thrash metal aqui, tocados com o peso extra necessário para o death metal.

Agora que mencionou os velhos riffs do Cannibal Corpse, preciso dizer que sempre adorei as guitarras de *Butchered at Birth* (1991). Os riffs são tão pesados e distorcidos, soam tão vis, entrecortados e embaralhados que até hoje não consigo replicar alguns deles. Para mim, é daquele jeito que o death metal deveria soar, ainda é meu álbum favorito.

Jack: Poxa, muito obrigado, de verdade. Sabe, definitivamente havia algo de especial ali. Lembro que na época havia uma grande evolução em relação ao nosso álbum de estreia (*Eaten Back to Life*, 1990), que era mais death/thrash, enquanto *Butchered at Birth* era puro death metal. E foi muito especial porque todos estávamos compondo para aquele disco, então têm algumas partes realmente complexas, até complexas demais, como se tivéssemos exagerado no preciosismo, literalmente estávamos competindo entre nós na época. Era uma competição saudável, mas ainda assim, era uma competição! Acho que é por isso que você tem essa sensação de que algumas partes são embaralhadas, entrecortadas. Também amo aquele álbum, é um clássico, ainda gosto de ouvi-lo. E, não se sinta mal, também não consigo replicar alguns daqueles riffs (risos gerais). Não sei o que deu na nossa cabeça na época, mas funcionou (risos).

KILLING FOR REVENGE
Metal Blade - Imp.

Acho que podemos falar a mesma coisa sobre as letras. São doentias...

Jack: É verdade. Chris também estava naquele clima de competição, então, se estávamos fazendo a música mais viciosa que conseguíamos, ele queria escrever as letras mais doentias que conseguisse, e o tempo mostrou que ele cumpriu a tarefa. É um álbum especial, sem dúvida, pois era um momento especial para nós.

Dito isso, você trouxe algo de lá para este novo álbum, certo?

Jack: Sim, e é muito legal que tenha percebido isso. A questão é que a última música que compusemos para *Killing for Revenge* foi *When the Moon Goes Down in Blood*, e quanto estávamos trabalhando nela, Chris disse que queria algo como em *Butchered at Birth*. Comecei a pensar e então me lembrei da estrutura de *Living Dissection*, aquela batida insana que Paul (Mazurkiewicz, baterista do Cannibal Corpse) criou, e pensei: 'Bang!' É disso que precisamos!' Os riffs então saíram naquele estilo, naturalmente.

Você lembra o que motivou tamanha mudança, na época?

Jack: Acho que começamos a melhorar como instrumentistas, e então começamos a poder tocar coisas melhores e mais complexas. Em *Eaten Back to Life* estávamos tocando riffs baseados em notas, e em *Butchered at Birth* nos baseávamos em acordes. Também estávamos mais pesados e rápidos, pois começamos a ouvir muito Autopsy, Sadus, Dark Angel. No fim, tudo contribuiu para que chegássemos naquele álbum, nossas habilidades, as referências, o pensamento dominante da época em relação ao metal extremo, que era de sempre ir além, e até mesmo a produção. Sem aquele algo estranho que vem da produção, aquele algo que não deixa nada muito claro, não acho que o resultado teria sido o mesmo.

E a capa, hein? Maravilha.

Jack: Sim, traumatizou muita gente, uma das melhores (risos). Tivemos muitos problemas, claro. Sempre tínhamos (risos gerais).

Falando nisso, *Killing for Revenge* tem capa de Vincent Locke, capista do Cannibal Corpse desde sempre.

Jack: Sim, e isso foi realmente especial. Foi o que permitiu que tivéssemos o pacote completo neste novo álbum. Se a ideia era uma espécie de retorno ao velho Cannibal Corpse, precisávamos dele, que sempre foi parte fundamental. Agora podemos dizer que temos os riffs, temos a música insana, temos os vocais extremos e temos a arte doentia de Locke. Confesso que não poderia estar mais feliz.

Clube de Revistas

Patrulha do Espaço com Arnaldo Baptista

PATRULHA DO ESPAÇO

PARTE 1

MUITO TRABALHO, IDAS E VINDAS E A GLÓRIA

Arnaldo Baptista, fora do Mutantes, resolve montar uma nova banda, chamada Patrulha do Espaço. Com um som comandado pelo teclado, o quarteto conquista o sucesso no final dos anos 70, mas queria o destino que Arnaldo não continuasse à frente do grupo. O baterista Rolando Castello Junior acaba assumindo o comando das ações

Por Antonio Carlos Monteiro

Mutantes foi um nome que escreveu história no rock brasileiro. Formado pelos irmãos Arnaldo Baptista (teclado, baixo e vocais) e Sérgio Dias (guitarra e vocais) e pela vocalista Rita Lee, o grupo lançou cinco discos definitivos entre 1968 e 1972, até que brigas internas e o fim do relacionamento entre Rita e Arnaldo (eles foram casados de 68 a 72) fizeram com que ele deixasse o grupo. Lançou um disco solo, *Lóki?* (1974) e em 1977 resolveu montar uma banda: ela se chamaria Patrulha do Espaço.

Para a bateria, ele chamou um nome que também se tornava bastante conhecido no rock brasileiro: o paulistano Rolando Castello Júnior, nascido no dia 13 de abril de 1953. Junior já tinha no currículo passagens por Made in Brazil e pelo power trio argentino Aeroblus, tendo gravado um disco com cada uma dessas bandas. Junior e Arnaldo já se conheciam há um bom tempo. Segundo o baterista conta em entrevista para este Background, "por volta de 1969, eu vi o Mutantes tocando no clube Harmonia, em São Paulo. Eram só os três no palco, Arnaldo, Sérgio e Rita." Ele lembra que "quem tocou bateria naquele dia foi o irmão deles, o Claudio, mas ele ficava fora do palco." Junior diz que depois do show ele e Arnaldo bateram um papo e "ele me deu um cartão de visitas dele."

Nos anos seguintes, Junior começou a se tornar conhecido no meio, chegando a tocar num evento de que os Mutantes também fizeram parte. Até que um dia ele chegou em uma reunião de uma galera que estava curtindo um som. Dentre essas pessoas, lá estava Arnaldo. "Ele me viu e disse: 'Que bom que você apareceu! A Rita está precisando de um baterista." Junior não entendeu nada... Até que em 77, Arnaldo fez o convite para a Patrulha. A ideia, segundo ele, era que criassem uma banda, não um grupo de apoio a Arnaldo. "Eu tinha tocado com o Aeroblus, que era um trio de rock pesado, e o lance do Arnaldo era um negócio comandado pelo piano, totalmente diferente do que eu vinha fazendo, e também não tinha nada a ver com o que a Patrulha viria a fazer em seguida. Mas eu gostava das canções. E os ensaios eram bons, a gente ensaiava todo dia."

Cokinho, Junior, Dudu e Percy

Junto com Arnaldo e Junior estavam o guitarrista John Flavin e o baixista Oswaldo Gennari, o Cokinho. "O Flavin era um puta guitarrista, foi um dos primeiros a fazer blues rock por aqui", lembra o batera. "E o Cokinho se esforçou muito pra fazer um bom trabalho, ele estudava muito. E era uma alegria tocar com o Arnaldo, eu era um puta fã." Flavin, em entrevista à revista eletrônica Senhor F em 2021, lembrou sua entrada na banda. "Conheci o Arnaldo e a Rita em Ubatuba. E lembro de ele ter dito que iria começar um novo trabalho musical. Tempos depois, me ligou pra eu ir fazer uma 'audition', eu cheguei lá e o Arnaldo estava de pijama. Mas ele mostrou as músicas e eu topei."

Junior lembra que conheceu Flavin antes de trabalharem juntos, apresentados por um amigo comum. E o Cokinho estava de roadie em um festival de que o batera participou em 1973. "Foi um festival ao ar livre em São Paulo. "Tocaram todas as bandas da época: Rita Lee, Som Nosso de Cada Dia, todo mundo. Eu tinha uma banda chamada Aço e puseram a gente pra tocar. A gente fazia uns covers pesados, tipo Mountain, The Who e Humble Pie. Todos os músicos estavam lá e nesse diz eu fiz meu nome, acabei recebendo vários convites."

O disco perdido

Depois de alguns shows, a Patrulha do Espaço entrou em estúdio para registrar seu primeiro (e único) disco. Flavin

Clube de Revistas

lembra que a gravação foi "uma grande farra! Foi delicioso porque a banda era muito boa. O Junior é fera, o Arnaldo sem comentários, as pessoas desconhecem até hoje seu potencial pianístico. O cara é um negócio muito sério! E ainda de quebra tinha o Cokinho, que tinha o coração do tamanho de um bonde. A ideia era tocar rock and roll. Sem playbacks, tudo direto, sem maquiagem."

Divulgação

Cokinho, Dudu, Junior e Percy

"Quem armou a gravação foi (o empresário) Mario Buonfiglio, junto com o Rogério Duprat, que era dono do estúdio Vice-Versa e conhecido do Arnaldo", conta Junior. "Nós gravamos tudo ao vivo, a gente estava super bem ensaiado." Só que, no fim das contas, o disco não saiu – seria lançado sob o nome *Elo Perdido* apenas em 1988. "Quem ia fazer a negociação era o Mario, mas ele deixou de trabalhar com a banda. O disco sequer chegou a ser mixado como deveria", conta. Ele lembra que chegou a visitar algumas gravadoras junto com Arnaldo e Cokinho, mas nenhuma quis assinar com a banda. Ele crê que o problema era Arnaldo: "Ninguém queria assinar com ele, o que não tinha nada a ver. O disco foi muito bem gravado."

Nesse ínterim, Flavin deixou a banda. "Eu recebi uma proposta para trabalhar com a banda que acompanharia a cantora Vanusa. Eu estava duro e precisava pagar as contas. Fiquei triste, mas é a vida como ela é", resume ele.

Assim, a Patrulha se viu com um disco que ninguém queria lançar e sem guitarrista... O primeiro passo foi suprir a lacuna deixada por Flavin. A escolha recaiu sobre Dudu Chermont. "Eu toquei com o Eduardo Araujo quando ele lançou o disco *Pelos Caminhos do Rock* (1975)", conta o baterista, "e ali conheci o Dudu. Na época, ele estava tocando com a banda Santa Fé, do Cornelius (ex-vocalista do Made in Brazil). Era um cara de boa presença, estava bem equipado, tocava direitinho. Então, quando o John Flavin saiu, eu sugeri o Dudu e todo mundo concordou."

Com Dudu a Patrulha do Espaço acabou gravando um disco ao vivo, que também demoraria a sair. *Faremos uma Noitada Excelente...* foi registrado no teatro São Pedro, em São Paulo, em maio de 78, e viu a luz do dia apenas em 1987. "Nós resolvemos gravar de última hora, foi uma correria para conseguir as fitas", relata Junior. "Mas ele não foi gravado com a intenção de lançar um disco, nós nem ensaiamos pra gravar. Era só pra gente ouvir em casa e curtir." Ele conta ainda que rolavam uns "papos interessantes do Arnaldo com o público, era um lance meio surreal." Mas ele preferiu não incluir isso na gravação final: "Não ia ser algo profissional", conclui.

A ruptura

Diz o dito popular que desgraça pouca é bobagem. Em meio aos problemas, começou a haver um distanciamento em relação a Arnaldo. Junior se lembra bem: "O rompimento começou num dia em que a gente estava ensaiando na casa do Arnaldo e a mãe dele veio com esse papo de que ele era o mais conhecido, que a banda devia ter o nome dele. E a gente deixou bem claro que se fosse assim, teria que ser Arnaldo e a Patrulha do Espaço, para deixar claro que eram duas entidades diferentes." Mas ele desconversa e conclui, sem disfarçar uma dose de ironia: "Mas os motivos mesmo, eu prefiro dizer que foram 'desentendimentos artísticos' (risos)." Só que, mesmo com toda a loucura de Arnaldo, perder alguém como ele não era fácil: "O cara era como um diamante" define ele. Mas a banda, ainda de acordo com o baterista, teve "muita sorte", já que o posto de vocalista foi suprido por Percy Weiss, que havia gravado *Jack O Estripador* (1976) com o Made in Brazil. "Na época ele era um astro".

Junior poderia muito bem ter partido para outra após a saída de Arnaldo Baptista, mas ele lembra que "a gente pôs muito esforço na banda. Fizemos quatro shows grandes depois que o Mario Buonfiglio saiu. A gente que fazia tudo, o Arnaldo só ia lá e tocava. Então, quando a gente separou tínhamos shows marcados e não podíamos furar." Num primeiro momento, Dudu assumiria também os vocais, mas ele conta que "Percy estava indo nos ensaios depois que o Arnaldo saiu e logo ele estava cantando com a gente. E a gente já tinha investido muito tempo, trabalho e dinheiro pra abrir mão do nome." Resolveram, então, continuar com o nome. Só que precisavam do OK de Arnaldo. Então, Dudu, que era o único que ainda conversava com ele, foi encarregado de fazer esse meio de campo: "Ele perguntou se tinha problema a gente continuar com o nome e o Arnaldo liberou."

Resolvido isso, o novo problema passava a ser o repertório, já que todas as composições até então eram de Arnaldo. "A gente começou a montar um repertório na raça", garante ele. "Pegamos uma música da fase do Percy com o Made, *Espere Aqui por Mim*, uma outra do Cokinho da época em que ele tocava com a banda Neblina, outra do Guilherme Lamounier, *Curto Meu Barato*. Montamos um repertório de oito ou dez músicas e fizemos os shows que já estavam marcados. Depois disso, fomos pra uma chácara em Campo Limpo Paulista/SP e ficamos um tempo lá desenvolvendo o repertório do primeiro disco e mais algumas coisas. Tudo a toque de caixa."

Enquanto isso, os shows se sucediam sempre com casas lotadas. "Era tudo no boca a boca, tudo underground", comenta ele sobre esse retorno de público – este repórter chegou a acompanhar alguns shows da Patrulha na época e o negócio era realmente muito intenso. "A gente tinha muitos fãs, principalmente no ABC." E foi nessa época, mais precisamente em abril de 79, que em um show no teatro Pixinguinha, em São Paulo, Dudu estraçalhou sua SG ao final da apresentação e jogou os restos na plateia. "Um cara, que era músico, acabou ficando com o braço e os captadores. E ele nem veio atrás pra devolver! Muy amigo...", comenta Junior. "E o Dudu certamente se arrependeu depois que caiu na real, era um instrumento que hoje não vale menos de dez mil dólares." Durante um tempo, Dudu usou a Les Paul de Celso Vecchione até que comprou a Fender Stratocaster

Roberto Grimaldi

A Patrulha foi um dos primeiros power trios barsileiros

Clube de Revistas

preta que se tornou uma das marcas registradas da banda naquela época. Nesse mesmo show, Percy resolveu se desligar da banda. Junior nem consegue determinar um motivo: "Ele saiu e voltou pra banda umas dez mil vezes, até o fim da vida", brinca ele. E completa: "Ele era sócio remido da banda."

Conquistando corações e mentes

Dentre os muitos fãs que a banda arregimentou, um deles se tornaria também nome importantíssimo na cena do rock pesado brasileiro: Paulo Thomaz, baterista considerado um dos melhores do país e que passou por Centúrias e atualmente integra o Baranga. "Um dia, lá

Roberto Grimaldi

Junior, Dudu e Cokinho

em 76 ou 77, recebi um panfleto anunciado um show da Patrulha do Espaço", conta ele para este Background. "Falei pros meus pais que ia estudar e fui pro show (risos). Era com o Arnaldo ainda. Sensacional, né? Entrei, e vi aquela bateria Ludwig monstruosa. E quando entrou a banda foi um choque! Era muito rock'n'roll. Inesquecível! Ali eu tive contato com o rock'n'roll mesmo. E vi que eu queria aquilo, queria sentir a mesma energia que aqueles caras estavam sentindo ali no palco!" Depois, ele conheceu o ídolo: "Eu era muito fã e escrevi para o fã-clube deles. O próprio Junior me respondeu! Eu tenho a carta até hoje. E a gente acabou se conhecendo, eu nem acreditei, era meu ídolo!" A história de Paulo com a Patrulha ainda teve outros capítulos. Mais tarde a gente conta essa história.

Com Dudu de volta aos vocais, a Patrulha do Espaço partiu para a gravação do primeiro disco sem Arnaldo, que acabaria sendo considerado o primeiro lançamento independente do rock nacional. Tudo começou quando Junior encontrou com o vocalista e guitarrista André Christovam na Galeria do Rock. "Ele comentou que um amigo dele, Guto Guidon, estava montando um estúdio de oito canais, o Imaginasom, que depois se tornaria Estúdio Guidon." As gravações acabaram acontecendo lá, num esquema de correria total: eram apenas trinta horas para fazer o serviço completo. "Não teve produtor, nós mesmos produzimos." Uma história que se tornou clássica é a que envolve a gravação dos vocais. Por conta das condições que conseguiram negociar com o estúdio, o registro das vozes foi agendado para inacreditáveis 9 horas da manhã. A banda chegou às 8 e foi para um bar que havia ali perto tomar café. O café virou café com conhaque, "às 9h o Dudu já tinha tomado uns dez e apagou". A sorte é que quem apareceu por lá? Percy Weiss! "Na verdade, ele nunca saiu da banda, a Patrulha era a casa da mãe Joana do Percy (risos)", resume Junior. No fim das contas, Percy gravou as vozes de cinco das oito faixas do LP. Caio Flavio, também com passagem pelo Made in Brazil, aprendeu na hora e gravou a voz de *Caminho Novo* e um Dudu finalmente recuperado registrou mais duas. Na série *Dossiê*, lançada em 1997 e que reedita os primeiros discos da Patrulha com história contada pelo baterista no encarte, ele define esse episódio como "horas de tensão e envelhecimento precoce." Mas, em conversa com este repórter, diz que o aparecimento de Percy e Caio Flávio no estúdio foi "intervenção divina!" E conclui: "No final deu tudo certo e ficou um puta disco."

Mas isso não quer dizer que não houve mais percalços no caminho. A passagem de Junior pelo Aeroblus deixou muitos contatos na Argentina e uma proposta fez com que o plano passasse a ser lançar o álbum por lá, com direito a uma tour pelo país. Deu tudo errado: o disco não apenas não saiu, como as fitas simplesmente se perderam!

Eu já escrevi aqui que desgraça pouca é bobagem? Pois então, nessa mesma época, Cokinho resolveu se desligar da banda. "Não foi por causa do problema com o disco", revela Junior, "foi um desgaste natural na relação. Tivemos um desentendimento por besteira e achamos melhor nos separarmos." Oswaldo Gennari faleceu em 31 de dezembro de 2008, aos 54 anos, em Londres, onde morava há algum tempo. Ele sofreu um infarto.

O novo baixista

Mas, naquele momento em 1979, a questão era conseguir um novo baixista para a Patrulha. O escolhido acabou sendo do Sergio Santana, figura já conhecida no meio do rock paulistano. "Ele tinha uma presença bacana, tocava bem e cantava, o que era importante, já que podíamos somar outra voz na banda. Comentei com o Dudu e ele topou. E como ele já tinha um vasto repertório de composições, entrou e já começamos a trabalhar nas músicas dele." Começava aí uma das formações mais prolíficas da Patrulha do Espaço.

Quando a banda gravou o primeiro disco, foram feitas algumas cópias em fitas menores, sem a mesma qualidade da master. Resolveram soltar o disco de forma independente com aquelas fitas e assim foi feito. No encarte do relançamento comemorativo de quarenta

Para muitos, a formação clássica da Patrulha do Espaço

Carlos Ilya

anos do disco, Junior comenta que um conhecido com quem buscaram ajuda para lançar o álbum disse na lata: "As gravadoras vão mandar matar vocês". Na época, eles nem tinham se ligado que seria o primeiro lançamento brasileiro nesse formato. Levaram a ideia adiante e ninguém foi encontrado em uma vala com a boca cheia de formigas... O chamado "disco preto", que levava o nome da banda, acabou se tornando um dos clássicos da história do rock nacional, com músicas como *Arrepiado* e *Vamos Curtir uma Juntos*.

De todo modo, isso tudo acontecia

Patrulha do Espaço (1980)

Patrulha do Espaço II (1981)

Patrulha (1982)

Clube de Revistas

durante um dos momentos mais sombrios na nossa história, a ditadura militar. Junior conta que a banda nunca chegou a ser censurada, como aconteceu com o Made in Brazil, que teve praticamente todo o disco *Massacre* vetado pelos censores. Mas ele deixa claro que aquilo que vivíamos "prejudicou o Brasil e, óbvio, prejudicou o rock. Um país sob ditadura e sob censura nunca podia dar certo para o rock", vaticina ele.

Um momento de relax

Grace Lagôa

E, ao mesmo tempo, ele assumia um papel de liderança na banda. Ele explica que isso aconteceu naturalmente. "Quando a gente separou do Arnaldo, eu o Cokinho trabalhávamos juntos, cada um fazia uns 40% do trampo com o Dudu ajudando. Quando saiu o Cokinho, eu fiquei com a maior responsabilidade, com os 80%. Mas eu tive que assumir, senão a banda não ia tocar nunca."

Com o sucesso do primeiro álbum, em 1981 a Patrulha do Espaço partia para a gravação do segundo trabalho. Dessa vez, a gravação aconteceu no estúdio Abertura, de 16 canais, o que, segundo Junior, "dobrava as possiblidades". Mesmo assim, o esquema foi o mesmo do anterior: trinta horas para gravação e mixagem. "Nós éramos muito proficientes no estúdio porque chegávamos muito ensaiados." Desta feita, o lançamento não foi independente: "O dono do estúdio, Joaquim Clemente, tinha um selo que era ligado à rádio Record. E surgiu dele a proposta de lançar por esse selo. Ele nos convenceu dizendo que ia ter mídia na TV e na rádio Record, o que nunca rolou. Mas bancou capa colorida e bancou a prensagem. O disco foi bem, vendeu umas trinta mil cópias, mas não ganhamos dinheiro porque os contratos eram ridículos."

Parceiro de verdade

Dizem que cachorro que levou mordida de cobra tem medo até de linguiça. Assim, devidamente escaldada, a Patrulha do Espaço partiu para uma parceria que se mostraria muito mais prolífica: fecharam com Luiz Calanca, da na época iniciante gravadora Baratos Afins. "Fomos atrás de uma boa parceria", lembra o batera. Luiz Calanca, falando para este Background, lembra que o primeiro disco da Patrulha foi embalado na Baratos Afins, já que ele era um dos poucos que tinha uma máquina seladora de LPs. "Eu já era amigo do Dudu", conta Calanca, "e conheci o Junior embalando os discos. E ficamos amigos." Luiz lançaria o terceiro disco da banda e vários outros no futuro. Este álbum, chamado simplesmente *Patrulha* (os dois anteriores levam o nome da banda), foi gravado no estúdio de Zé Rodrix e Tico Terpins, do Joelho de Porco, e que sintomaticamente se chamava Áudio Patrulha. "Tudo a ver com a gente", conclui Junior. Novamente gravado em trinta horas e com a segurança do lançamento de alguém sério e do ramo como Luiz Calanca, o trabalho, que saiu em 1982, ainda trazia algumas parcerias nas composições. *Vampiros* e *Berro* são de autoria de Ivo Rodrigues, compositor e vocalista curitibano que fez fama nas bandas A Chave (não confundir com a paulistana A Chave do Sol) e Blindagem. Há também uma parceria com o argentino Julio Candia em *Ruas da Cidade*. *Patrulha* foi, de acordo com Junior, "muito bem divulgado, chegamos fazer shows no Sul do país para três mil pessoas."

A glória

Até que aconteceu um dos pontos altos da carreira do grupo: a abertura para os shows do Van Halen em São Paulo, em janeiro de 1983. Quem intermediou foi um amigo da banda, Luciano Paim, que era empresário na área de negócios, mas curtia rock e mantinha uma loja de camisetas em São Paulo chamada Starship. Quando ele comentou com Junior que a Patrulha ia abrir os shows, o batera mandou um "ah, tá bom". "Claro que eu não acreditei", jura ele. Só que naqueles tempos a comunicação não era tão simples como hoje, em que você praticamente encontra um celular dentro de uma caixa de sucrilhos. Pouca gente tinha telefone em casa e com Junior não era diferente. "Eu usava um posto da telefônica que ficava no aeroporto. Eu contatava todo mundo, mas ninguém me contatava." Assim, foi só na véspera do show que alguém conseguiu falar com Sergio Santana. "Fomos até o hotel Hilton e acertamos nossa participação", o que incluía um "cachê simbólico". "Acontece que um cachê simbólico gringo ia muito além de qualquer cachê não simbólico brazuca."

Dudu, Junior e Sergio Santana

AC Barbieri

O único porém é que a banda estava numa espécie de "entressafra" de shows. Como a Patrulha tocava muito, de tempos em tempos era necessário dar uma parada para recuperar o equipamento. "Eu estava sem a pele de um dos meus bumbos e não conseguia achar pra comprar. Também fomos sem nosso roadie, porque ele morava no interior e não conseguiu ir." No fim, deu tudo certo. "Fomos muito bem tratados pelos caras, um pessoal super profissional. Tivemos ótimas condições de trabalho." E isso com direito a uma visita de Eddie Van Halen aos camarim da Patrulha. Ele descreve o guitarrista como "um cara extremamente humilde e generoso, nos tratou como companheiros de estrada." Junior resume a experiência como "um momento de glória e reconhecimento."

Era o momento de dar o próximo passo. "O próprio Luciano Paim, que colocou a banda nesses shows, disse que ia armar uma turnê com a gente. Ele tinha uns ótimos contatos!"

Só que essa tour nunca chegou a acontecer. O imponderável, mais uma vez, se colocava no caminho da Patrulha do Espaço. *Continua...*

Faremos uma Noitada Excelente... (1987)

Elo Perdido (1988)

Clube de Revistas

Divulgação

Krim, Jesse Zuretti, Eyal Levy, Sean Zatorsky, Rafael Trujillo e David Marvuglio, o time escolhido para o retorno da grande promessa de Atlanta

DÅÅTH

A INCURSÃO SILENCIOSA

Após catorze anos de silêncio, uma das grandes promessas do death/groove retorna com um novo álbum de estúdio

Por Valtemir Amler

Se para muitos o início dos anos 2000 foi uma espécie de teste de fogo para a indústria fonográfica (especialmente por conta da distribuição de música pela internet, mais exatamente com a febre dos downloads ilegais), para muitos novos artistas essa foi a chance de ouro para colocar a sua música diante de um público maior. No fim, nem a indústria da música caiu (ela só mudou de ares) e nem as novas bandas voaram em nuvens de bonança. Embora a maior parte das novas bandas tenha ficado pelo caminho, muitos bons nomes foram revelados, e um deles era justamente o Dååth. Nascida em Atlanta (EUA) em 2003 e sempre liderada pelo guitarrista Eyal Levi, a banda muito rapidamente estreou oficialmente com o álbum *Futility* (2004) e também muito rapidamente começou a chamar a atenção com sua mistura de death metal, elementos de música industrial e melodias fortes e repletas de groove. Com tantos olhos voltados em sua direção, eles ainda lançariam outros três álbuns completos (*The Hinderers*, 2007, *The Concealers*, 2009, e *Dååth*, 2010) antes de seu fim precoce. Porém, aquilo que os fãs apostaram ser uma breve pausa acabou se tornando um hiato de catorze anos. Na conversa que segue, Levi nos fala sobre suas frustradas tentativas de romper o silêncio e sobre como finalmente conseguiu reunir o time ideal para a gravação do álbum de retorno, *The Deceivers*.

Durante seus primeiros anos, o Dååth foi uma banda bastante produtiva, lançando novas músicas e álbuns com regularidade surpreendente. Porém, após o lançamento do disco que carrega o nome da banda, em 2010, nenhum novo trabalho foi lançado até agora. Nesse meio tempo a banda esteve completamente inativa ou apenas fora do estúdio?

Eyal Levi: Totalmente inativa. Não existiu Dååth nesse intervalo. A verdade é que, da forma como vejo as coisas, não havia possibilidade de seguirmos com a banda sem lançar novas músicas, pois eu sempre iria querer lançar novo material, sempre. Então, a verdade é que havíamos nos separado e a banda havia acabado.

Porém, durante todo esse tempo você nunca deixou de trabalhar com música, certo?

Eyal: Sim, absolutamente. Assim que *Dååth* foi lançado, me mudei para Orlando, na Flórida, para trabalhar em um estúdio chamado Audio Hammer, onde era assistente do produtor Jason Suecof. Com ele trabalhei na gravação e mixagem de toneladas de ótimos álbuns de metal de gente como August Burns Red, The Black Dahlia Murder e tantos outros. Além disso, assumi a gravação de muitas outras bandas, e em vários casos participei de álbuns de outros

Clube de Revistas

artistas e bandas tocando guitarra como convidado, então foi uma época muito movimentada na minha vida profissional. Porém, após alguns anos assim, decidi que não queria mais trabalhar com gravações, já que estava projetando o próximo passo da minha carreira. Fundei então a URM Academy (Unstoppable Recording Machine), que é uma escola online de produção de música pesada. Somos mais conhecidos pela série de vídeos Nail The Mix, que basicamente é um programa mensal em que chamamos os melhores produtores de metal do mundo e perguntamos como eles mixaram as melhores bandas.

De fato, isso é bem legal.

Eyal: Sim, é muito legal ter Jens Bogren mostrando como ele mixou o Opeth, e fazendo isso realmente com a música do Opeth, que licenciamos e liberamos para os nossos alunos para que eles possam elaborar e treinar suas habilidades em mixagem. E ali você tem opções para todos os gostos, você pode trabalhar em todo o gigantesco universo da música rock, de bandas como Opeth, Lamb Of God e Archspire até Nickelback, não importa. Se você quer se tornar um bom produtor do mais blasfemo black metal até o pop rock do Nickelback, temos a ferramenta certa, e já estamos fazendo isso por cerca de dez anos. Além disso, iniciamos a escola de guitarra especializada em música pesada Riff Hard. Ou seja, nunca virei as costas para o mundo do metal, pelo contrário, estive mergulhado nele todo esse tempo.

E, mesmo com tanta atividade, as pessoas nunca pararam de pedir pelo retorno do Dååth.

Eyal: Não, nunca. As pessoas sempre falavam sobre isso comigo e sempre me mandavam mensagens pedindo pela volta da banda.

Você chegou a fazer outras tentativas de reunir a banda nesse intervalo?

Eyal: Sim, algumas vezes. Simplesmente não funcionava. Eu nunca aceitei o fim do grupo, o hiato não foi ideia minha e nunca fiquei feliz com o fato de ele estar parado. Então, sempre estive fazendo tentativas de convencer os outros a voltar. Eu não queria isso, mas nunca antes me senti à vontade para fazer isso com outras pessoas ao meu lado. Estava numa situação estranha, em que eu não queria novos parceiros, mas também não conseguia convencer meus antigos companheiros a voltarem. Eu não podia obrigá-los a fazer algo que não queriam, então o hiato foi se perpetuando. O que mudou em 2021 foi que decidi, de uma vez por todas, que não iria mais esperar. Simplesmente pensei: 'Chega de esperar! Não estou ficando mais jovem e não quero que esse retorno aconteça quando estiver com 50 ou 60 anos, isso tem que acontecer agora, com ou sem as pessoas que estavam ao meu lado antes.' Então, minha postura em 2021 foi: 'Se vocês quiserem voltar, a porta está aberta, senão, vou seguir adiante da mesma maneira, e será o melhor álbum da carreira do Dååth.'

Como seguiu o processo desde então?

Eyal: O primeiro que chamei foi Sean Zatorsky (N.R: vocalista do Sinsaenum e ex-tecladista do Chimaira, que gravou os vocais dos últimos dois álbuns do Dååth antes do hiato), pois era com ele que mantive contato o tempo todo. A reação dele foi simples e rápida: disse que estava dentro, que estivera esperando por aquela ligação por treze anos. Então, já tínhamos nosso vocalista. Tentei convencer novamente os outros, nada aconteceu. Liguei novamente para Sean, disse que teríamos que mudar a formação e perguntei se estava OK para ele. Ele respondeu: 'Estou dentro, não importa o que aconteça.' Então, simplesmente nos movemos sempre adiante com aquela frase na cabeça, como se fosse o nosso mantra: 'Vamos seguir em frente, não importa o que aconteça.'

THE DECEIVERS
Metal Blade - Imp.

Para os velhos fãs, é importante perceber que tudo isso aconteceu sem que houvesse nenhuma rixa com os antigos integrantes.

Eyal: Exato, nenhuma rixa, pelo menos nada do meu lado. Veja, todos aqueles caras são músicos talentosos e por isso insisti tantas vezes que voltassem, eu verdadeiramente os queria ao meu lado. Então, imagino que o que os tenha feito negar o convite não foi nenhum tipo de rixa ou inimizade, mas o fato de que a vida seguiu em frente e eles levam vidas diferentes agora. Simplesmente seguiram em frente. Bem, não foi a banda que eles fundaram, então acho que isso faz com que seja diferente para eles deixar o Dååth para trás e seguir em frente do que é para mim, eu nunca consegui deixar isso acontecer.

Como funcionou o processo de composição com o novo time?

Eyal: Foi colaborativo, mas também sem pressão. Todos sempre foram convidados a contribuir com suas ideias, foram encorajados a isso, mas ninguém foi obrigado a contribuir com algo, entende? Quer dizer, se você tinha uma boa ideia para uma música, era só jogá-la na mesa para discussão e elaboração, mas, por outro lado, se ouvia uma ideia minha ou de outra pessoa e não queria fazer nenhuma alteração nela, também podia ficar à vontade e deixar tudo como estava. Não existia essa pressão de 'você tem que dar alguma ideia, custe o que custar'. Todos estiveram livres para trabalhar na nossa música no seu próprio ritmo e à sua própria maneira, pois acho que assim funciona melhor.

Como está sendo a sua parceria com Rafael Trujillo (Obsidious, ex-Obscura) nas guitarras?

Eyal: Ah, está funcionando verdadeiramente muito bem! Foi engraçado, pois primeiro oferecemos para ele apenas uma participação no novo disco, ele apareceria como convidado especial, fazendo um solo em *No Rest No End* (N.R.: faixa de abertura de *The Deceivers*). Ele foi tão bem que ficamos pensando: 'Essa cara tem que fazer algo mais' (risos). Era tão fácil trabalhar com ele! Então, perguntei se ele poderia nos ajudar na composição de *Ascension*, o que ele faria para melhorar aquela música. Escrevi metade e deixei o resto na mão dele, deixando claro que ele tinha carta branca, ele poderia fazer qualquer coisa que quisesse, inclusive deletar tudo o que eu tinha feito e fazer algo totalmente diferente. Pouco depois ele apareceu com o resultado, a música pronta, e era absolutamente fenomenal. Respeitou tudo o que eu havia feito, mas colocou elementos na canção que elevaram muito o nível dela, transformando em algo muito maior. Daquele momento em diante, sabia que ele tinha que ser parte da banda. Estou muito feliz que ele tenha topado essa empreitada conosco.

Clube de Revistas

J.D. Servio e Zakk Wyde: união no Black Label Sociey e pelo Black Sabbath

Alexandre Cavalcanti

Zakk Sabbath

REVERENCIANDO O CRIADOR

A importância do Black Sabbath em sua vida, e a banda sem Ozzy e com Ronnie James Dio. E a celebração com o Pantera. Zakk Wylde abre o jogo

Por Daniel Dutra

Dia 13 de fevereiro de 1970. Com o lançamento de *Black Sabbath*, nascia o heavy metal, e as mais de cinco décadas seguintes seriam infestadas pelas mais diversas formas de pedidos de bênção a Tony Iommi, Ozzy Osbourne, Geezer Butler e Bill Ward. Você não estaria lendo estas linhas não fosse o primeiro álbum da banda inglesa, e o simples ato de compor um riff de guitarra já é uma ode a "Father" Iommi. As aspas explicam a maneira como Zakk Wylde se refere àquele guitarrista canhoto que, por causa de um acidente numa prensa mecânica, perdeu a ponta dos dedos do meio e anelar da mão direita. E tudo bem que Wylde se refira a todos os colegas de seis cordas usando "Father", mas é apenas diante de Tony Iommi que ele se ajoelha. Não literalmente, mas com o Zakk Sabbath, sua reverência à referência maior do instrumento no heavy metal. Depois de *Vertigo* (2020), regravação do disco de estreia do Black Sabbath 50 anos depois de seu lançamento, o trio liderado por Wylde – Blasko (baixo, substituído nos recentes shows por J.D. Servio, do Black Label Society) e Joey Castillo (bateria) – soltou em janeiro deste ano o duplo *Doomed Forever Forever Doomed*, que apresenta as regravações de *Paranoid* (1970) e *Master of Reality* (1971), segundo e terceiro álbuns do quarteto inglês, respectivamente. E foi isso que trouxe o Zakk Sabbath de volta ao Brasil, desta vez para o festival Best of Blues and Rock, que passou por Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte no fim de junho. Aproveitamos a oportunidade para bater um papo rápido com Wylde, infelizmente prejudicado pela má qualidade da ligação telefônica, mas que você confere na íntegra a partir de agora.

Você esteve inúmeras vezes no Brasil, com Ozzy Osbourne, Black Label Society, Pantera e o Zakk Sabbath, que está de volta ao país, agora num evento para o deleite de guitarristas. Você, Joe Bonamassa, Eric Gales, Kiko Loureiro...

Zakk Wylde: E sou amigo de todos eles, cara! "Father" Joe, "Father" Eric e "Father" Kiko são músicos incríveis e pessoas maravilhosas. Estou em ótima companhia, porque são todos grandes caras. Até por isso estou ansioso para ver todo mundo, assistir aos shows, então tenho certeza de que teremos ótimos momentos juntos. E eu adoro tocar, estar em cima do palco, sabe? Quer dizer, contanto que eu esteja tocando, estou sempre bem e a postos!

E já que estamos falando do Zakk Sabbath, você poderia explicar o quão importante o Black Sabbath é na sua vida? Quando você descobriu a banda e qual foi o impacto imediato que ela teve em você?

Zakk: Eu era bem novo. Lembro-me que tinha 11 anos quando comecei a ouvir Black Sabbath e a colecionar os discos. A música da banda é eterna, e sabe o que é mais engraçado nessa situação? É até uma piada que fazemos, porque obviamente todos nós começamos com bandas cover, e eu tocava as canções do Sabbath quando tinha 15,16 anos. Estou com 57 anos agora, mas continuo tocando Black Sabbath! (risos) A vantagem é que agora tem mais gente indo às festas, então está muito mais legal.

E, claro, temos Tony Iommi. O que ele representa para você, especialmente ao tocar suas músicas mais de 50 anos depois de elas terem sido criadas?

Zakk: Ele é incrível, absolutamente incrível! A verdade é que eu amo todos eles. Quer dizer, "Father" Tony e "Saint" Randy Rhoads... Cara, eu amo esses dois! Quando ouço qualquer um de seus discos, sou transportado de volta para um período mágico na minha vida, então é inevitável que eu me inspire neles cada vez que os ouço.

No Brasil, existe uma frase famosa que diz assim: 'Você só pode confiar em

Clube de Revistas

si mesmo e nos seis primeiros álbuns do Black Sabbath'. Faz sentido, certo?

Zakk: (rindo bastante) Olha, eu também gosto de *Technical Ecstasy* (1976) e *Never Say Die!* (1978), então diria que podemos confiar nos oito primeiros discos do Sabbath (risos) Eu gosto de todos, acredite, mas a frase é mesmo engraçada.

Bom saber, porque vejo agora que é possível que um dia você toque alguma músicas desses dois álbuns...

Zakk: Sim, é possível! E vou explicar por que aprecio de verdade tanto o *Technical Ecstasy* quanto o *Never Say Die!*. Quando você observa a trajetória da banda desde o primeiro disco até esses dois, quando você lê as entrevistas dos caras sobre os processos judiciais e tudo mais, até eles chegarem ao *Sabotage* (1975), parecia que todos quatro estavam bastante destruídos. Sabe, o próprio Ozzy me disse que, entre as drogas, os processos judiciais, o álcool e as mulheres, tinha de lutar contra tudo isso e ainda pensar em fazer música. Era como se ele fosse um boxeador, porque eram muitas guerras, muitas brigas, e ele era como o Muhammad Ali no fim de carreira. Além disso, o cenário musical estava mudando naquela época, então eles devem ter se questionado: 'Onde nos encaixamos nisso? E o que teremos que mudar?', porque obviamente os quatro não gostariam de viver fazendo exatamente a mesma coisa, então era necessário parecer que estavam evoluindo. Acredito que *Technical Ecstasy* e *Never Say Die!* são uma combinação de tudo isso, são o resultado dos motivos por que as coisas se desenrolaram da forma como aconteceram, e eu adoro esses dois discos também por isso. Quando os escuto, ainda acho que são incríveis! Eles conseguiram criar em meio àquele caos.

E você chegou a perder interesse no Black Sabbath com a saída do Ozzy e a consequente chegada de Ronnie James Dio?

Zakk: Não mesmo, sinceramente. Olha, por mais doido que pareça, a separação entre Ozzy e o Black Sabbath foi a melhor coisa que aconteceu para ambos os lados. Veja os discos épicos e monumentais, tanto do Ozzy quanto do Sabbath, que surgiram disso: *Blizzard of Ozz* (1980) e *Diary of a Madman* (1981), e *Heaven and Hell* (1980) e *Mob Rules* (1981)! Esses quatro álbuns são icônicos e atemporais, continuam soando como novos a cada audição. Se o Ozzy tivesse permanecido no Sabbath, eu honestamente não acho que teria sido tão bom, que esses discos da banda teriam saído assim, porque... Bom, eles ficaram completamente reenergizados quando se separaram, porque os dois lados tiveram um novo sopro de vida. É doido pensar nisso, que o fato de Ozzy e Sabbath terem se separado foi a melhor coisa que puderam fazer um pelo outro, porque ambos os lados foram completamente reenergizados.

Dito isso, e talvez ainda seja cedo para perguntar, você vai se manter na era Ozzy ou há chances de se aventurar no material de *Heaven and Hell* e *Mob Rules*?

Zakk: Ah, eu vou manter somente a era Ozzy no Zakk Sabbath. Isso é uma certeza, então eu diria a você que o próximo disco que faremos será o *Vol. 4* (1972).

Recentemente, li que você gostaria de se aposentar, mas não o faz porque ainda está pagando algumas contas do Black Label Society. Eu ainda acredito que isso seja uma de suas piadas, porque você tem apenas 57 anos (risos), é mesmo um desejo seu se aposentar?

DOOMED FOREVER FOREVER DOOMED
Magnetic Eye - Imp.

Zakk: Não, não, não! Na verdade, eu nem tenho tempo para pensar nisso. Você vê que, neste momento, estou em turnê com o Zakk Sabbath, só que ao mesmo tempo eu e os rapazes (N.R.: J.D. Servio, o guitarrista Dario Lorina e o baterista Jeff Fabb) estamos trabalhando na gravação de material novo do Black Label e na finalização do próximo álbum, então esses são os meus planos agora. Ah, sim! Obviamente, ainda vou tocar com os caras do Pantera e celebrar a música de "Saint" Dime and "Saint" Vinnie, e sempre no mesmo horário e no mesmo local todas as noites. Então, veja você, tudo isso está rolando junto atualmente, no momento em que falo com você.

Por falar em aposentadoria, ficou público o desejo de Ozzy e Geezer de um último show do Black Sabbath com Bill Ward. Qual é a sua opinião sobre isso?

Zakk: Eu acho ótimo, cara! E digo mais: se eles, Ozzy, Tony e Geezer, se juntarem para fazer um último álbum com Bill, seria maravilhoso! Eles estão vivos e ainda são amigos, então deveriam fazer isso, porque mais Black Sabbath transforma o mundo num lugar melhor! (risos) Eu ainda mando mensagens para o Ozzy o tempo todo, sabe? Mando coisas bobas e tudo mais, e ele está apenas flutuando porque ainda segue... Como eu posso dizer isso? Sabe quando você só quer voltar ao trabalho e voltar a ser o que era, e não digo nem 100%, porque Ozzy deseja apenas... Sabe o que ele me disse recentemente? 'Zakk, eu só quero ser capaz de fazer as mesmas coisas que costumava fazer, mas é frustrante', e isso porque ainda está fazendo terapia e, também, exercícios e musculação, afinal, ele só quer melhorar. Mas, você sabe, eu sigo dizendo a ele: 'Continue fazendo o que você quer, cara, você tem que seguir em frente. Você sempre fez isso. Então, continue com a terapia e tentando melhorar, chefe!'. É o que sempre falo para encorajá-lo, afinal, é possível.

Nosso tempo está terminando, então gostaria de finalizar com o Pantera. Considerando o quão próximos você e Dimebag eram, como foi a sensação ao fazer o primeiro show tocando as músicas dele?

Zakk: Foi tipo... Cara, foi a última vez que senti tanta adrenalina e nervosismo! Foi quase como fazer o primeiro show da minha vida com o Ozzy! Vou lhe contar uma coisa: quando estávamos atrás do pano que tampa o palco, olhamos uns para os outros tipo 'aqui vamos nós! Estamos mesmo prestes a fazer isso!', e foi uma adrenalina com um algo a mais. Definitivamente emocionante, e certamente como pular de um avião. Foi absolutamente incrível!

E por quanto tempo acredita que você, Phil Anselmo, Rex Brown e Charlie Benante continuarão celebrando o legado de Dimebag e Vinnie? Porque muitos já falam que o próximo passo seria um álbum, mesmo que não sob o nome Pantera...

Zakk: Olha, Charlie está em ótima forma. Ele está sempre cuidando de si mesmo, é a nossa máquina lá atrás, então tudo pode continuar enquanto ele estiver nos carregando nas costas em cima do palco. Só que Charlie acabou de gravar o novo disco do Anthrax; eu estou trabalhando em material inédito do Black Label Society agora; e o Phil está cuidando das coisas do Down, então todo mundo está se mantendo ocupado. Nenhum de nós poderia planejar algo a longo prazo.

Clube de Revistas

JAMES KOTTAK

✷ 26/12/1962 † 09/01/2024

Por Antonio Carlos Monteiro

Nascido em Louisville, no Kentucky (EUA), em 26 de dezembro de 1962, James Kottak desde cedo mostrou interesse por rock e pela bateria. Na adolescência, participou de várias bandas, incluindo o fusion Nuthouse, que tinha na formação seu colega de escola Don Braden, que futuramente se tornaria um respeitado saxofonista de jazz. Kottak graduou-se em música pela Universidade de Louisville.

Ele ainda tocou em bandas como Apex, Bob Brickley Band e Mister Charlie, mas seu nome passou a ser conhecido quando se juntou ao Kingdom Come e gravou os dois primeiros discos do grupo, *Kingdom Come* (1988) e *In Your Face* (1989) – é do primeiro deles a música *Get it On*, que gerou polêmica por ter uma linha melódica semelhante à de *Kashmir*, do Led Zeppelin, mas trazia em seu final um "mini solo" de bateria em que Kottak mostrava do que seria capaz. Após sua saída do Kingdom Come, integrou várias bandas, incluindo aí uma meteórica passagem pelo The Cult.

Em 1996, teve início o período de maior reconhecimento da carreira de James Kottak: logo após a gravação de *Pure Instinct* (cuja bateria foi registrada por Curt Cress), ele foi anunciado como novo baterista do Scorpions. Ali foram vinte anos de sucesso, com direito a seis discos de estúdio e três ao vivo, além de diversas turnês mundiais. E era nos shows que Kottak tinha seu grande momento. O intitulado "Kottak Attack" não era um simples solo de bateria. Durante seis ou sete minutos (tempo precioso para o restante das banda recuperar o fôlego), o baterista não fazia apenas um solo, mas interagia com a plateia, instigava os fãs como se fosse um vocalista e, ato final, subia no banquinho de costas para o povo mostrando a camiseta com os dizeres "rock & roll forever"; ato contínuo, tirava a camiseta e surgia a mesma frase (com a mesma fonte, inclusive) tatuada em sua pele.

Porém, seu comportamento vinha gerando problemas à banda. O alcoolismo e algumas posturas discutíveis geravam considerável mal estar. Um exemplo aconteceu em abril de 2014. Em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, Kottak desafiou metade do código penal local por comportamento ofensivo, insultar os muçulmanos e aparecer bêbado em público. O resultado foi um mês em cana pra pensar na vida, o que certamente enfureceu os demais membros da banda.

Em 2016, o baterista Mikkey Dee chegou a viajar junto com a banda para "o caso de acontecer alguma coisa", como ele declarou em entrevista ao empresário Paulo Barón. Não aconteceu nada, mas meses depois ele recebeu outra ligação, dessa vez com uma proposta definitiva: James Kottak estava fora do Scorpions e a banda queria Mikkey em seu lugar. O sueco aceitou e está há oito anos no grupo.

Logo em seguida, Kottak voltou a fazer parte do Kingdom Come, onde ficou até sua morte. Nesse período, a banda não chegou a gravar um novo álbum.

Porém, além de continuar atuando como baterista e de se tratar do alcoolismo, James Kottak começou a deixar evidente uma postura política conservadora e até mesmo agressiva, principalmente através das redes sociais, nas quais era muito atuante. Ele insultou o presidente americano Joe Biden chamando-o de "o mais imbecil de todos os imbecis." E completou dizendo que "mudanças climáticas não existem, então nem se preocupe". Em outra ocasião, esta em junho de 2019, destilou todo seu preconceito contra imigrantes: "Eu escrevi uma música que se chama *Get out of My Kountry* (N.R.: dê o fora do meu país). Desocupe meu espaço! Não precisamos de mais forasteiros. A gente nem consegue resolver o problema dos sem teto! Quando solucionarmos isso, pensaremos no resto." E em outubro do mesmo ano foi ainda mais longe: "Não aguento mais ver esses comerciais com casais interraciais. Isso não reflete a verdade, é algo que Hollywood quer nos enfiar garganta abaixo!"

Kottak era separado de Athena Bass, irmã do também baterista Tommy Lee, e o casal tinha um filho, Matthew. James foi encontrado morto no banheiro de sua casa em Louisville no dia 9 de janeiro de 2024, aos 61 anos. A causa da morte não foi revelada, mas suspeita é que ele tenha sofrido um ataque cardíaco.

Kingdom Come
Kingdom Come (1988)

Scorpions
Acoustica (2001)

Scorpions
Unbreakable (2004)

Scorpions
Sting In The Tail (2010)

Scorpions
Return To Forever (2015)

Clube de Revistas

DO HEAVY E PROG AO METAL EXTREMO

MetalArmy
metalarmy.com.br

PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS

Clube de Revistas

Divulgação

Tuatha de Danann

Atualizando Paradigmas

Bruno Maia explica como o novo álbum aponta um novo caminho tanto para a banda de Varginha quanto para o folk metal, ao pensar novamente fora da caixinha

Por Daniel Dutra

Talvez seja chover no molhado dizer que o Tuatha de Danann é o grande nome do folk metal no Brasil, além de um dos melhores nomes do estilo em todo o mundo. Talvez não somente porque pode haver quem não saiba desse lugar-comum, mas especialmente porque o fã de heavy metal em geral pode realmente não ter ideia do que a banda de varginha aprontou em *The Nameless Cry*, seu oitavo trabalho de estúdio em 30 anos de história. Bruno Maia (vocal, flauta, guitarra, bandolim e banjo), Edgard Brito (teclados), Giovani Gomes (baixo e vocal), Raphael Wagner (guitarra) e Rafael Delfino (bateria) fizeram um disco que caiu nas graças dos fãs, o que já era esperado pelo nível de excelência sempre aguardado, e que pode surpreender o fã de metal que, desavisado, não dê bola para um novo lançamento do grupo. Por quê? Bruno explica como o quinteto priorizou, sem perder sua identidade, uma sonoridade mais pesada e sombria no novo álbum, além de dar uma repassada no histórico de ascensão produtiva da banda desde o retorno, em 2015. Escute o CD. Leia a entrevista.

Depois da volta em 2015, com *Dawn of a New Sun*, o Tuatha de Danann vive hoje um período superprodutivo, com lançamentos constantes, de EPs e novos álbuns à coletânea, e um esquema legal de merchandising. Qual é a diferença entre o presente e aquele passado de lançamentos nada sazonais, digamos assim?

Bruno Maia: Quando o Tuatha parou naquela época, alguns anos já tinham sido meio devagar. Produzíamos pouco, e ainda entraram outros projetos, mas a banda estava em marcha lenta porque não vínhamos muito bem internamente com a formação antiga, e ainda havia um problema com agenciamento, que estava complicado. Quando resolvemos dar um tempo, tínhamos uns shows pontuais no Roça 'n' Roll, então não desligamos a banda totalmente. Na hora em que resolvemos voltar de verdade, e aí lançamos o *Dawn of a New Sun*, o ímpeto era outro. Voltamos com outra vontade, e depois teve uma reformulação que trouxe mais gás, porque entrou gente nova que agregou muito ao Tuatha, tanto na parte técnica quanto na de relacionamento interpessoal. Isso acabou nos motivando a produzir mais. A mudança na formação e essa nova era foram muito revigorantes, deram uma qualificada positiva na banda, então estamos produzindo mais.

Dá para dizer que o Tuatha hoje tem uma trinca principal: você, Edgar e Giovani. Tanto que algumas fotos promocionais mostravam apenas vocês três. Agora, porém, temos uma banda completa, ou seja, dá para dizer que há enfim uma estabilidade?

Bruno: Acredito que sim, e lançamos a foto com três integrantes no lançamento do *The Tribes of Witching Souls* (2019), porque o baterista tinha saído. Antes, o outro guitarrista também havia ido embora, então ficamos só nós três da formação antiga. Não havia uma banda completa de verdade, porque éramos eu, Edgard e Giovani com alguns convidados, só que a galera que acabou fazendo a turnê a partir dali é a que está até hoje no Tuatha, exceto o Nathan (Viana), porque o violinista acaba sendo um músico contratado. O Nathan é um empresário, tem escola de música, então precisou sair, mas hoje a banda está muito massa com o Rafael Delfino na batera e o Raphael Wagner na guitarra, uma formação estabilizada. Todos nos damos muito bem, e eles tocam muito!

Vamos para o *The Nameless Cry*, que é um disco surpreendente, apontando um novo e interessante caminho paro Tuatha. Tem a volta dos vocais guturais, mas o grande lance é que vocês foram para um lado mais sombrio em algumas músicas. Como se deu essa mudança?

Bruno: E vou falar para você que não combinamos nada, não planejamos nada, não rolou uma reunião do tipo 'Ó, galera, vamos fazer um disco mais dark'. Não

Clube de Revistas

teve isso, e foi meio que natural. Há uma canção que já era mais antiga, da qual eu já tinha as ideias, a *The Rabble's Cry*, e apenas não sabia onde colocar, porque era para outro projeto e acabou entrando no álbum. Só que, na verdade, nós sempre escutamos muita música mais pesada, sabe? Um som mais sombrio e melancólico. Quando começamos o Tuatha, dizíamos que éramos doom metal, depois somente doom, e sempre ouvimos muito My Dying Bride, Anathema e Paradise Lost. Recentemente, estávamos, principalmente eu e o Edgard, escutando bastante Ghost! Sei que talvez não tenha nada a ver, mas nós gostamos (risos), e anda curtimos muito aquelas três bandas, que ouvimos muito. *The Nameless*, que foi a primeira das novas faixas que lançamos, possui uma carga mais dramática que tem a ver com esses grupos, uma coisa mais sombria, mais dark, então ela acabou direcionando o restante do material. Não foi planejado, só que talvez tenhamos sido influenciados por estarmos ouvindo mais essas bandas, que não são novas, e também as que explodiram mundialmente mais recentemente, como Ghost e Gojira, outra que também temos escutado bastante e é mais moderna, por isso pode ter impulsionado de alguma forma. Assim, acabou que ressuscitamos essas influências, e creio, também, que por conta do que passamos, uma pandemia que matou milhões de pessoas no mundo inteiro e a situação política no Brasil, houve um impacto. Essa polarização em volta da morte foi complicada, então acabou sendo um fator inspiracional no disco.

Você mencionou *The Nameless*, e quando eu a ouvi pela primeira vez, antes de todo o CD, pensei de cara: 'Opa! Tem algo diferente. O Tuatha está menos alegre', e isso no bom sentido. Ou seja, vocês entregaram logo para o público que havia uma mudança. Isso foi intencional?

Bruno: Também não, mas essa música foi feita, criada e produzida primeiramente, então era a que tínhamos para apresentar. Conscientemente, porém, sabíamos que ela era totalmente diferente de tudo que esperam aqueles que nos acompanham. Nisso nós já estávamos ligados, então falamos: 'Ah, vamos tocar para frente'. E tem tudo a ver, mesmo, acabando que conduziu um pouco o que o álbum inteiro mostra. Mas foi louco, porque realmente é uma canção que não tem a felicidade constante que o Tuatha apresenta (risos).

Sobre *The Rabble's Cry*, que você revelou ser mais antiga, é curioso que ela se encaixe muito bem na proposta do álbum. E essa nova direção deu mais espaço para o Edgar, que mostra isso aqui, com solo de Hammond e tudo mais. Além disso, e não sei se é viagem minha, mas a música tem um quê de Queensrÿche.

Bruno: Cara, com certeza o Edgar brilhou demais no disco! Sou muito fã dele, então sempre acredito que vai me surpreender positivamente, e ele estava muito inspirado para o *The Nameless Cry*. E funciona assim entre nós dois: quando a música é minha, eu já componho com um espaço para um solo de guitarra e outro de teclado, aí envio para ele, que já chega arrebentando! Edgard brilhou muito em vários momentos no novo disco, e o teclado chama muito a atenção não apenas nos solos, como também em melodias, nos timbres que ele usou, em contracantos e contrapontos... Cara, ele é muito fera! E quanto a parecer Queensrÿche, isso é um grande

THE NAMELESS CRY
Heavy Metal Rock - Nac.

elogio! *The Rabble's Cry* é uma música doida, e o Queensrÿche tem umas coisas desafiadoras, o que não é necessariamente o nosso caso, só que esta música é no compasso 5, um negócio que sai um pouco do lugar-comum, e há uns acordes e umas harmonias diferentes nela. É uma de nossas músicas mais malucas, e eu não lembrava dela! Foi o Giovani quem a resgatou, porque eu a tinha feito para um projeto com o Martin Walkyier (ex-Skyclad), um negócio que não tinha nada a ver. Quer dizer, até tem a ver, porque está dentro desse universo, né? O Giovani falou: 'Cara, e aquela música lá?', eu respondi: 'Será?', e ele completou: 'Velho, traz ela aí'. Quando lembrei, fui procurar nos arquivos lá do insólito (risos), a trouxe de volta e falei: 'Putz, pode crer!' (risos). Eu só a aumentei, colocando mais partes, mas é mesmo uma música muito doida.

Eu gostaria de destacar a dobradinha *Spark* e *The Virgin's Tower*, porque não há como ouvi-las separadamente. Além disso, *The Virgin's Tower* tem uma história necessária, e a participação da Daísa Munhoz nas duas é essencial. Ela, que é uma cantora incrível, não é novidade num disco do Tuatha, mas a canção pedia mesmo uma mulher.

Bruno: A Daísa é uma força, um presente dos deuses para o mundo! Ela é fantástica, muito educada, legal, linda e canta demais! A Daísa sempre nos empresta o talento dela para fazer a nossa obra ficar mais legal, então nós a amamos, e essa música surgiu deu um jeito louco. Quem fez a letra foi o Martin, que viu um post meu no Facebook sobre uma tia que eu não conheci, Dulce Maia, mas que foi a primeira mulher presa na ditadura militar brasileira. Na verdade, é uma prima minha, só que falamos que é tia por ser mais velha, né? Ela foi presa, torturada e estuprada. Depois de ser exilada, voltou ao Brasil, e o Martin pediu que eu mandasse mais informações, porque ficou impressionado... Cara, tem coisas bárbaras na história. Ela tomava choque elétrico na vagina, e o torturador militar, que batia e batia nela, falava que ela ia parir eletricidade. Enfim, isso não aconteceu só com a minha tia, e o Martin ficou tão assustado com tudo que falou: 'Eu quero escrever sobre isso. Vamos fazer uma música!', e eu só respondi: 'Vamos!' (risos). Compus a canção e mandei com tudo marcado, onde é que seria cantado, e ele botou a letra em cima. Ficou muito massa, e precisava mesmo da voz de uma mulher. Eu queria que fosse, faria muito mais sentido se o refrão fosse uma mulher cantando como o Eu Lírico, a pessoa torturada, né? Como sempre pensei na Daísa, ficou uma música completa. *The Virgin's Tower* é uma de nossas canções mais pesadas, e tem a ver ser porradona. Acabou sendo uma homenagem tanto para a minha parente quanto para todas as mulheres que sofreram, que foram mortas, estupradas, torturadas durante aquele período. É um ponto alto do disco, mesmo.

E a cereja do bolo, para mim, é *A Fragile Whisper to a Raging Roar*, uma das músicas mais bonitas e emocionantes da carreira do Tuatha, além de uma das canções mais bonitas e emocionantes do metal nacional. É difícil até descrever a beleza dessa música. Pergunto como vocês chegaram a ela, porque se trata de um capítulo à parte dentro de um álbum que é um capítulo à parte na história da banda...

Bruno: Obrigado! Fico muito lisonjeado ao ouvir isso, e é uma música bonita, mesmo. Lembro-me de quando a compus,

Clube de Revistas

porque não era nem para o Tuatha. Não era para nada, na verdade. Apenas fiz uma música que acredito ser muito bonita, e lembro que até mandei um vídeo para o Giovani falando 'que legal, né?'. Creio que ela é muito Yes, tanto que na gravação o apelido dela era "Yes" (risos), porque todo mundo da banda, quando estamos no estúdio, coloca um nome provisório nas faixas. *A Fragile Whisper to a Raging Roar* também é uma música em compasso 5, bem mais progressiva no meio, e eu diria que tem umas influências tanto de Yes, que são muito fortes, é verdade, quanto de Marillion, porque consigo enxergar isso nela. Há uma parte que alguns podem até dizer ser meio Steve Morse, aquela passagem de dedilhado, e eu acho que é bem Morse, mesmo. Essa música estava órfã, afinal, não caberia no Braia, porque não tem nada a ver com o meu projeto, só que aí eu a mostrei para o Edgar, que falou: 'Nossa, cara! Faz algo com isso aí!', botando uma pilha para finalizá-la. Emendei tudo que eu tinha, tudo que eu podia, criei uma introdução com a flauta, também seguindo o compasso dela, e realmente virou uma de nossas melhores canções! Depois que a terminei, Edgar colocou um solo de teclado que é fabuloso, que é, para mim, de outro mundo de tão legal que ficou, e eu sabia que precisava de um solo de guitarra no fim da faixa. Como eu vinha conversando com o Hugo (Mariutti) no Instagram, pensei comigo mesmo: 'Cara, vou chamá-lo para fazer esse solo, porque o Hugo é muito bom'. Nós dois temos tanta afinidade com tanta coisa, que eu só imaginei: 'Acho que esse solo tem a ver com Marillion', e ele fez um solo que ficou lindo, com muita razão de ser, e num momento-chave o Hugo dá uma fritada linda, também, e ficou tudo bom demais. No geral, essa música trouxe um equilíbrio para várias coisas, afinal, ela acaba sendo quase uma balada no meio de um disco tão pesado e mais escuro, tão mais sombrio. Esse equilíbrio está até onde ela entra, porque é a terceira faixa, então traz um balanço muito bom, e tem a letra, que acredito também ter feito muito sentido. Trata do momento de pensar mais com a razão do que com o coração, uma vez que se chega a um ponto em que não tem mais como cultivar uma amizade, um relacionamento com uma pessoa que se mostre tão desumana, né? Aquela pessoa cheia de preconceito e de ódio, então o resultado foi uma música muito forte tanto lírica quanto musicalmente. Temos tocado *A Fragile Whisper to a Raging Roar* em todos os shows, que nos deram a certeza de que é uma canção muito massa.

Giovani Gomes, Rafael Delfino, Bruno Maia, Edgard Brito e Raphael Wagner: atualizando com excelência o folk metal

Divulgação

The Nameless Cry também transita com um pezinho no metal extremo, às vezes num som mais sombrio. (...) Creio que encontramos uma forma diferente de fazer esse tal de folk metal

Para terminar, como você venderia *The Nameless Cry* para o fã que conhece o Tuatha, mas que não curte folk metal? Ou seja, não para o fã tradicional da banda, porque se trata de um disco diferente, que pode agregar e trazer novos fãs...

Bruno: Eu convidaria todas essas pessoas, e pelo menos aquelas que ouvem heavy metal, as que vão do rock ao metal, para dar uma chance ao álbum. Além de ele ter essa influência, os elementos da música folk, a influência da música irlandesa, da música celta medieval, seja o que for, *The Nameless Cry* também transita com um pezinho no metal extremo, às vezes num som mais sombrio. Não sei nem mesmo rotular, mas para quem espera que seja uma banda fanfarrona de folk metal que lançou um álbum fanfarra ou então de festa, de bebedeira, não tem nada a ver! É um trabalho bem mais complexo. Não sei se é melancólico ou não, mas é um disco meio "down", meio dark, ao mesmo tempo que tem partes bem desafiadoras. Acredito que a galera em geral poderia ouvi-lo, porque também creio que encontramos uma forma diferente de fazer esse tal de folk metal.

Clube de Revistas

MS METAL RECORDS
APRESENTA:

DRIVEN BY

PRIMEIRO EP *OURSELVES*
COM 5 FAIXAS LANÇADO EM 02 DE NOVEMBRO DE 2023.

Na tranquila cidade de Rio Claro, no interior de São Paulo, surge uma força musical intensa e visceral: a banda Driven By. Com apenas três anos de existência, eles emergiram como uma presença notável no cenário musical brasileiro, amalgamando elementos do New Metal, Post Hardcore e Stoner Rock com uma abordagem única. A sonoridade da Driven By não é apenas pesada; é um redemoinho de emoções expressas por meio de riffs poderosos e doses homeopáticas de melancolia.

contato.drivenby@gmail.com | booking@msmetalagencybrasil.com
drivenbyband | @driven.by.band

METAL AGENCY | Spotify | DEEZER | amazon Prime music | Available on iTunes | MS METAL RECORDS

ambientação: www.jduartedesign.com

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

Cindy Frey

MASTODON

Clube de Revistas

Clube de Revistas

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Clube de Revistas

Clube de Revistas

PROFILE

LUIZ CARDIM (HAMMERHEAD BLUES)

Por Leandro Nogueira Coppi • Fotos: Renan Paiva

Primeiro disco que comprou:
"Black Sabbath - *Sabbath Bloody Sabbath*".

Melhor disco de heavy metal:
"Judas Priest - *Sad Wings of Destiny*".

Último disco que comprou:
"Ten Years After - *Positive Vibrations*".

Disco que mudou sua vida:
"Van Halen - *Fair Warning*".

Disco que mais ouviu na vida:
"Led Zeppelin - *Houses of the Holy*".

Melhor capa de disco:
"Allman Brothers Band - *Brothers and Sisters*".

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Qualquer um do Bon Jovi."

Disco que gostaria de ter gravado:
"Jimi Hendrix - *Axis: Bold As Love*".

Música que gostaria de ter composto:
"Pink Floyd - *Echoes*".

Disco dos anos 70 que recomenda:
"Crosby, Stills, Nash & Young - *Déjà Vu*".

Disco dos anos 80 que recomenda:
"Stevie Ray Vaughan - *Couldn't Stand the Weather*".

Disco dos anos 90 que recomenda:
"The Black Crowes - *The Southern Harmony and Musical Companion*".

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"Black Country Communion - *Afterglow*".

Música que mais gosta de tocar:
"Hammerhead Blues - *Wings of Stone*".

Música que melhor define sua carreira:
"Hammerhead Blues - *Moontale*".

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"ZZ Top, The Black Crowes, Black Country Communion e Earthless".

Três hinos do rock/metal:
"Led Zeppelin - *In My Time of Dying*; Grand Funk Railroad - *Inside Looking Out*; e Rainbow - *Stargazer*".

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"Putz, aí me pegou! O cover que o Grand Funk faz de *The Loco-Motion* por vezes é citado como um momento infeliz, mas acho divertido".

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Gov't Mule. Adoro os covers que eles fazem".

Além dos projetos atuais, em qual banda gostaria de tocar um dia?
"Seria um sonho fazer um som com o Deep Purple".

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Fred Durst (Limp Bizkit)".

Site/Redes sociais:
https://linktr.ee/hammerheadblues

Para qual música de outro artista adoraria gravar uma nova versão?
"Jimi Hendrix - *Machine Gun*".

Qual outro instrumento gostaria de saber tocar?
"Violino".

Quando acorda, qual música prefere ouvir?
"Neil Young - *Out on the Weekend*".

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Blues e soul".

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Biólogo".

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Foi após nosso show de abertura para o Glenn Hughes. Nunca tinha visto o cara na vida e ele, bêbado, me abraçou e me levantou no ar, tipo a capa do *Tribute to Randy Rhoads*, no meio do fumódromo".

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Faço o que acredito".

Clube de Revistas

GOD DETHRONED
THE JUDAS PARADOX

Blasfêmia e afronta continuam. Em "The Judas Paradox" os veteranos do God Dethroned, potência do black/death metal dos Países Baixos, revela temas de traição e redenção. No single "Rat Kingdom", por exemplo, que conta com solo inspirado no saudoso Jeff Hanemann (Slayer), a banda questiona os segredos guardados pelo Vaticano. Teremos as respostas?

TUNGSTEN
THE GRAND INFERNO

Embarque em uma jornada épica com "The Grand Inferno", quarto álbum do Tungsten. Vida, relações humanas e fantasia, tudo isso ilustrado por riffs poderosos e melodias cativantes que se fundem em uma obra-prima do metal moderno, como mostram os clipes de "Blood of the Kings" e "Walborg". Deixe-se consumir pelo fogo sueco.

WOLFHEART
DRACONIAN DARKNESS

Adentre a escuridão épica de "Draconian Darkness", novo álbum dos finlandeses do Wolfheart. Melodia e agressividade se encontram em uma sinfonia de metal extremo, forjando uma obra lírica de temas profundos sobre inverno, natureza, melancolia, batalhas e derramamento de sangue.

anúncio www.jduartedesign.com

KERRY KING - FROM HELL I RISE

Em sua estreia solo com From Hell I Rise, Kerry King e sua banda de músicos renomados honram os fãs de thrash metal com músicas brutais e impiedosas, que soam como uma continuidade natural do que o Slayer estaria fazendo em estúdio após Repentless.

ORDEN OGAN - THE ORDER OF FEAR

Uma jornada épica através de paisagens sonoras sombrias e melodias cativantes, onde cada faixa é uma peça de um quebra-cabeça emocional que desafia e inspira, The Order of Fear eleva o status do Orden Ogan como grande representante do metal sinfônico.

SEBASTIAN BACH - CHILD WITHIN THE MAN

Após dez anos sem um álbum solo, Sebastian Bach afirma ter reencontrado o seu eu adolescente com Child Within the Man, um dos álbuns mais pesados de sua carreira, além de vibrante e cheio de energia.

DEICIDE - BANISHED BY SIN

Banished By Sin, do Deicide, é uma explosão implacável de death metal brutal, onde cada faixa transporta o ouvinte a um abismo de agressividade e blasfêmias; um álbum afrontador impulsionado por clipes que já nasceram polêmicos

RPM
REIGNING PHOENIX MUSIC
REIGNINGPHOENIXMUSIC.COM
@REIGNING_PHOENIX_MUSIC
@REIGNINGPHOENIXMUSICOFFICIAL
@R_P_M

SOUND CITY RECORDS
SOUNDCITYREC

Valhall Music
VALHALLMUSIC
VALHALL_MUSIC

ADQUIRA EM
WWW.VALHALLMUSIC.COM.BR

Clube de Revistas

BLACK PANTERA
PERPÉTUO

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS

TAMBÉM NOS FORMATOS LP E K7

OUÇA AGORA O NOVO ALBUM

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!